



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS  
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



GABRIELA BELO DA SILVA

**Um Imaginário de Identificação com a Literatura de Autoajuda**

Uberlândia  
2012

GABRIELA BELO DA SILVA

**Um Imaginário de Identificação com a Literatura de Autoajuda**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Curso de Mestrado e Doutorado – do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Linguagem, texto e discurso.

Orientador: Prof. Dr. João Bôsco Cabral dos Santos.

Uberlândia

2012

GABRIELA BELO DA SILVA

**Um Imaginário de Identificação com a Literatura de Autoajuda**

Dissertação intitulada *Um Imaginário de Identificação com a Literatura de Autoajuda*, de autoria da mestranda Gabriela Belo da Silva, aprovada pela comissão examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos (orientador) (UFU)

---

Profa. Dra. Maria de Fátima Fonseca Guilherme (UFU)

---

Profa. Dra. Dylia Lysardo Dias (UFSJ)

---

Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito (Suplente - UFU)

---

Prof. Dr. Marco Antônio Villarta Neder (Suplente - UFLA)

Profa. Dra. Alice Cunha de Freitas  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística  
UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia,

2012

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Joana Mirtes Belo e Adenício Camilo da Silva, que com muita humildade, honestidade e trabalho, me ensinaram sobre o valor que o conhecimento possui. E ao Claudinho, meu filho, pelo apoio de todos os dias e noites, pela compreensão, pelo companheirismo e principalmente pelo amor incondicional.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, senhor de todas as coisas, o qual tem sido meu refúgio e minha fortaleza em todos os momentos difíceis da feitura desta pesquisa; que tem me presenteado com a perseverança, a tranquilidade e me inundado com a coragem necessária para persistir sempre.

Ao meu Orientador Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos, que com profissionalismo, ética, consistência teórica e conhecimento, sempre me motivou a construir um *olhar-leitor* sobre a discursividade da literatura de autoajuda. Ao Mestre que teve sensibilidade teórica sobre os inúmeros rascunhos que lhe apresentei, cheios de percepções e teorias, que se avolumavam em amontoados de folhas, mas que ainda assim, de maneira singular, acreditou que essa pesquisa era possível. Agradeço-lhe por ter me concedido a oportunidade de poder observá-lo, ouvi-lo e aprender, ainda que tenha sido apenas uma “centelha de seus pensamentos” e percepções. Obrigada pelo carinho, pelo entusiasmo, pela paciência com as minhas dificuldades, limitações e principalmente pela orientação, recheada de interlocuções teóricas.

À Profa. Dra. Maria de Fátima Fonseca Guilherme, que desde as primeiras aulas sempre me incentivou a desenvolver esta pesquisa e que desde o primeiro capítulo, contribuiu com várias sugestões teóricas e de encaminhamentos. Por ser sempre disponível, questionadora e interpeladora. Por ter sido amiga, motivadora e por me fazer tomar consciência da real dimensão dessa pesquisa no âmbito educacional. Agradeço-lhe pelas ricas sugestões na qualificação e na defesa, pela serenidade com que conduziu cada fala dando-me segurança e entusiasmo para refletir de forma mais profunda e pontual sobre cada intervenção.

À Profa. Dra. DyliaLysardo Dias, por ter aceitado participar da banca de defesa desta pesquisa, por cada questionamento interpelador e sugestão singular, pela aula de firmeza e clareza com que conduziu sua fala, a qual ficou gravada em minha memória enquanto um exemplo a ser seguido, de conhecimento, consistência e sensibilidade teórica. Obrigada pelo carinho e por todas as palavras de motivação.

À Profa. Dra. Sirlene Duarte, que já não se encontra mais entre nós e que apesar de sua ausência física continua se fazendo presente. Onde quer que esteja Sirlene, quero que se sinta homenageada e que você possa sentir minha alegria na realização dessa pesquisa que se constituiu enquanto um projeto de vida, graças ao seu trabalho na graduação. Obrigada por me despertar para a pesquisa/vida, para a vida enquanto pesquisa, me fazendo acreditar que é

possível contribuir de alguma forma para que o mundo das coisas e das pessoas possa se tornar um lugar melhor, mesmo sabendo que isso pode ser apenas uma ilusão de completude.

À Profa. Dra. Ida Lúcia Machado, pelas contribuições no Seminário de Pesquisa de Linguística e Linguística Aplicada (SEPELLA). Agradeço-lhe pelos questionamentos, pelos aportes singulares, pelas palavras que funcionaram como combustível instigador e interpelador. Palavras que fizeram com que fosse possível reafirmar a escolha teórica e metodológica dessa pesquisa enquanto uma postura política, uma tomada de posição, mantendo os procedimentos metodológicos escolhidos desde o início das reflexões.

À Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza e a todos os membros do Grupo de Estudos Discursivos (GEDIS), pelas interlocuções e por apresentar-me o universo bakhtiniano.

À Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil, pelas sugestões singulares na qualificação. Agradeço-lhe pelo carinho, pelo profissionalismo e pela segurança que me transmitiu ao discorrer de forma tão pontual sobre cada parte do trabalho. Obrigada pelas palavras de incentivo, pelas orientações e encaminhamentos teóricos.

Ao Ismael Ferreira Rosa, por todas as sugestões ao longo da construção dessa pesquisa, especialmente pelas contribuições na qualificação, que me interpelaram de forma ímpar. Obrigada por ser um entusiasta desse trabalho, por acreditar em meu potencial, pela disponibilidade em ajudar sempre, pela generosidade e pela paciência com minhas dúvidas infundáveis sobre a Análise do Discurso Francesa. Agradeço-lhe pelas inúmeras leituras, pelos empréstimos de livros, pela partilha de conhecimento, por cada conversa motivadora e singular.

À Mônica Inês de Castro Netto, amiga de todos os tempos, de todas as horas, irmã de alma. Obrigada pelo companheirismo, pelas interlocuções teóricas, pelo apoio. Por me animar nas horas difíceis, angustiantes, pelas risadas de perder o fôlego, por partilhar cada tensão antes das apresentações e mesmo assim me incentivar a não desistir delas. Agradeço profundamente pelo carinho e pela sempre generosidade.

À Diana Pereira Coelho Mesquita, pela amizade, pela disponibilidade, pelas incontáveis trocas de conhecimento, pela paciência, pelo carinho e força. Agradeço-lhe por torcer e contribuir para que esse trabalho desse certo, por me apontar caminhos, partilhar de forma ímpar e generosa o seu conhecimento e suas percepções.

Ao Laboratório de Estudos Polifônicos (LEP), ao líder João Bôsko Cabral dos Santos, a Profa. Dra. Maria de Fátima Fonseca Guilherme, a Profa. Dra. Cristiane de Paula Brito e a todos os membros que compõem o grupo. Agradeço pela acolhida, pelos conhecimentos partilhados, pela oportunidade de poder conhecer e aprofundar no universo da Análise do

Discurso Francesa (ADF), da Análise Dialógica do Discurso (ADD) e da Filosofia. Por me possibilitar compreender que o conhecimento se constitui em um *continuum* e que é possível sim, pensar nas teorias enquanto um processo de interface.

Ao Juliano Carvalho, ao Guilherme Figueira Borges, ao Gilber Martins Duarte, a Fabiana Rodrigues Carrijo, a Márcia Titotto, a Mônica Inês de Castro, ao Ismael Ferreira-Rosa, a Diana Pereira Coelho Mesquita e a Lúcia M. C. Azevedo, pelos momentos de tensão e descontração que partilhamos, pelas trocas, pela possibilidade de aprendizado ímpar com cada um de vocês.

A Mônica Inês de Castro Neto, a Diana Coelho Pereira Mesquita, ao Ismael Ferreira Rosa e a Lúcia Maria Castroviejo Azevedo, por cada viagem, pelas interlocuções, pelas experiências estéticas, pelos risos incontornáveis, pelo apoio incondicional a este trabalho que se tornou um projeto/vida.

À minha querida mãe Joana Mirtes Belo, a qual me falta palavras para expressar meu agradecimento, porque se não fosse por seu amor incondicional e incentivo, definitivamente esta pesquisa não seria possível. Obrigada por toda dedicação e pela paciência infindável.

Ao Cláudio Evaristo, que esteve comigo durante grande parte deste percurso.

À Tainah Freitas Rosa e a Maria José N. Fabiano, pela disponibilidade e competência nos atendimentos administrativos realizados ao longo desse percurso.

À FAPEMIG pelo apoio, incentivo e, sobretudo o financiamento dessa pesquisa.

## RESUMO

O presente trabalho compreende a literatura de autoajuda enquanto uma prática atravessada por questões sócio-históricas e ideológicas, que constituída pelas Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS), constrói uma discursividade que induz a Instância Sujeito Leitor (ISL) a subjetividade, a perseguir um paradigma de sujeito uno, centro de seus dizeres e capaz de, por si só, tornar-se feliz na contemporaneidade. Tivemos como enfoque compreender e analisar o funcionamento discursivo da obra *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003), de por Jorge Augusto Cury, bem como os discursos que sustentam essa discursividade. Tomamos as REIS enquanto viabilizadoras da criação de um real imaginário, que produz na ISL um efeito de unicidade e de individuação a partir da simulação do interdiscurso no intradiscorso. Foi por meio do escrutínio da língua enquanto materialidade discursiva que procedemos a essa análise, através de enunciados-operadores, utilizando o Dispositivo Matricial, desenvolvido por Santos (2004), em consonância com o Dispositivo Nonessência em duplo-vetor. Assim, buscamos problematizar e hipotetizar sobre os possíveis impactos e deslocamentos dessa discursividade na constituição identitário-sujeitacional da ISL, em especial o sujeito discursivo professor em sua formação pré e em-serviço. Destarte, para a feitura desta pesquisa, nos embasamos na Análise do Discurso de Linha Francesa, mais especificamente as contribuições de Michel Pêcheux centradas na noção de sujeito, lugar discursivo, identificação e sentido, nos estudos de Mikhail Bakhtin sobre cronotopia e exotopia em interface com a filosofia analítica e alguns princípios da teoria da relatividade, fundamentados por Einstein e, posteriormente, percorridos por Capra (1989). Partindo desses fundamentos, constatamos que a prática discursiva da autoajuda curyana foi construída para reforçar o mercado capitalista por meio do consumo desacerbado desse tipo de literatura utilizando-se da mais-valia. É a criação e a mediação dessas REIS que contribuem para que se fabrique e se comercialize ilusões, em um jogo de sentidos que se fundam em uma prática essencialmente ideológica e que são projetadas a partir das ações dos sujeitos da/na linguagem. Ao longo da pesquisa pudemos verificar que essa discursividade funciona a partir do desejo, da crença da ISL, o que nos permitiu compreender esse discurso enquanto didatizante, visto que tem como enfoque orientar, homogeneizar, delinear condutas. Dessa forma, não há uma ponderação da incompletude, da heterogeneidade e das movências constitutivas do sujeito, fator que contribui para o apagamento do sujeito coletivo e consequentemente da ideologia, posto que é por meio do desconhecimento ideológico da ISL que se instaura o processo de identificação. Desta feita, ao se assimilar aquilo que é objetivo (no real da ISL) e transformar em REIS essencialmente subjetivas (por meio do real da literatura), a Instância Sujeito Autor (ISA) visa disciplinar os sujeitos, corrigindo e apontando caminhos para que se obtenha um comportamento homogêneo. A ISA prioriza a construção de um sujeito lógico-positivista. Logo, é por meio da ilusão de autonomia da ISL, que essa discursividade propõe uma higienização do pensamento, cujo enfoque é o apagamento dos conhecimentos apreendidos nas Universidades, já que estas, segundo a ISA, produzem somente “pilhas de pedras”, ou seja, teorias que são inúteis na prática.

**Palavras-chave:** 1. Autoajuda; 2. Funcionamento Discursivo; 3. Identificação; 4. Representação Enunciativa Imaginária Sujeitacional (REIS).



## ABSTRACT

This research approaches *self-help* literature as a modeling practice that is crossed by socio-historical and ideological issues, that through the Subjectitudinal<sup>1</sup> Enunciative Imaginary Representations (REIS), build a discursivity that induces the Reader Subject Instance (ISL) to look for a paradigm of unique subject, center of its speech, and able to, by itself, becomes a happy instance in contemporary time. We had as approach to understand and analyse discursive working of *Brilliant Parents, Fascinating Teachers* (2003), written by Jorge Augusto Cury, as well as the discourses that emerge from this discursivity. For this research, REIS have allowed the establishment of a *real* imaginary which produces in Reader Subject Instance (ISL) an effect of uniqueness and individuation from interdiscourse simulation in intradiscourse. It was by the investigation of the language while discursive materiality that analyses has been built, through operating-utterances, working with Matrix Dispositive, developed by Santos (2004), concerned to N-essence Dispositive in double-vector. In this way, we try to investigate and hypothesize impacts and dislocations from this discursivity in Subjectitudinal identity constitution – Reader Subject Instance (ISL) – especially teachers as discursive subject in formation or already formed. Then, to do this research, we are supported by French Discourse Analysis, specifically in Michel Pêcheux's no notions of subject, discursive place, identification and sense, in Mikhail Bakhtin's concepts of chronotop and exotopy in interface with the analytic philosophic, and some principles of Relativity Theory, founded by Einstein, and later, reported by Capra (1989). Analysis has showed that Cury's discursive practice of self-help was built to reinforce the capitalist market through high consumption of this type of literature by the use of surplus-value. It is the creation and mediation of the REIS that contribute with the construction and marketing of illusions, in a game of meanings, based in an essentially ideological practice, that are projected in the subject's actions on the/in language. Throughout this research, we could verify that this discursivity woks from the ISL's desires and beliefs, which allowed us to understand this discourse in a didactic way, since it has as focus to direct and to shape conduct. Thus, there is no consideration of incompleteness, heterogeneity and moving constitutive of the subject, factor that contributes to the omission of the corporate and ideological subject, since it is in ISL's unknown ideological that the identification process is established. Consequently, while assimilating what is objective (in ISL's real) and turn into essentially subjective REIS (by literature's real), Author Subject Instance (ISA) aims to discipline the subjects, pointing out ways in order to get an homogeneous behavior. The ISA's preference is to construct a logical positivist subject. Then, it is through the ISL's illusion of autonomy that this discursivity suggests a hygienization of thought, to erase the knowledge learned in the universities, since these knowledge, according to ISA, produce only "lots of stones", in other words, theories that are useless in practice.

**Keywords:** self-help; Discursive Working; Identification; Subjectitudinal Enunciative ImaginaryRepresentations (REIS)

---

<sup>1</sup>It means the agglutination from the words *subject* and *attitude*, resulting in the neologism *subjectitudinal*.

## **.SIGLAS E GLOSAS**

Análise Dialógica do Discurso	ADD
Análise do Discurso Francesa	ADF
Condições de Produção	CPs
Devir	D
Discurso	d
Espaço	e
Forma-sujeito Universal	F <sub>SU</sub>
Forma-sujeito Pragmático	F <sub>SP</sub>
Formações Imaginárias	FI
Imagem de A	I <sub>A</sub>
Imagem de B	I <sub>B</sub>
Instância Sujeito Autor	ISA
Instância Sujeito Leitor	ISL
Memória Discursiva	MD
Tempo	t
Tomada de Posição	TP
Referente	R
Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais	REIS
Real Físico	R <sub>F</sub>
Real da História	R <sub>H</sub>
Real Imaginário	R <sub>I</sub>
Real Criado no Crivo do Sujeito	R <sub>s</sub>
Real da Língua	R <sub>l</sub>
Real da Literatura	R <sub>L</sub>
Sujeito Autor	A
Sujeito Leitor	B

## SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRAT.....	9
SIGLAS E GLOSAS .....	10
INTRODUÇÃO .....	13
 I. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA .....	16
1.0 Introdução .....	17
1.1 Conjuntura da Pesquisa .....	17
1.1.1 Interpelação: tomando uma posição frente o <i>corpus</i> .....	25
1.1.1.1 Aspectos Memorialísticos da Literatura de Autoajuda .....	30
 II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: demarcando um <i>olhar-leitor</i> .....	40
2.0 Introdução .....	41
2.1 Inscrição: lugar teórico .....	41
2.1.1 A Interpelação pela Análise do Discurso Francesa .....	41
2.1.1.1 A Escolha dos Fundamentos Teóricos: um trabalho de interface.....	43
2.1.1.2 Delimitando Fronteiras .....	47
2.2 Construtos Teóricos .....	49
2.2.1 Refletindo Sobre algumas Noções da Análise do Discurso Francesa.....	49
 III. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: delineando um <i>olhar-leitor</i> .....	73
3.0 Introdução .....	74
3.1 O Sujeito e a Linguagem: o enunciado enquanto unidade de recorte .....	74
3.1.1 Dispositivo Matricial: algumas noções teórico-metodológicas.....	77
3.1.1.1 Dispositivo N-essência e Nonessência em duplo-vetor.....	81
3.1.1.2 Funcionamento Micro e Macro Vetorial .....	86
 IV. UM IMAGINÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO COM A LITERATURA DE AUTOAJUDA ....	88
4.0 Introdução .....	89
4.1 Constituição das Tripllessências.....	90
4.2 Tripllessências: força vetorial de expansão .....	92
4.2.1 O Discurso, a Instância Sujeito Leitor (ISL) e o Sentido .....	95
4.2.1.1 Significância, a Instância Sujeito Leitor (ISL) e o Interdiscurso.....	96
4.2.1.2 Materialismo Físico, a Instância Sujeito Leitor (ISL) e o Empirismo Lógico .....	98
4.2.1.3 Articulação/Encaixe, a Instância Sujeito Leitor (ISL) e a Interdiscursividade .....	101
4.3 Tripllessência: força vetorial de atração .....	101

4.3.1	Amálgama Discursivo, as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) e o Intradiscurso.....	103
4.2.2.1	Acontecimento Discursivo, Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) e o Efeito de Sentido .....	104
4.2.2.2	Sujeito Empírico, as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) e o Sujeito Universal.....	104
4.2.2.3	Exotopia, as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) e a Cronotopia .....	106
4.3	Refletindo Sobre a Reentrância e a Dinamicidade nos Vetores de Atração e Expansão.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....		119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....		124

## INTRODUÇÃO

O estudo que propomos tem como *corpus* de análise a obra *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003), de Jorge Augusto Cury. Inúmeros foram os motivos que nos impulsionaram a estudar a literatura de autoajuda. O número grande de leitores, que tem se rendido e exaltado o discurso da autoajuda e o fato de várias pessoas estarem norteando suas vidas e seus pensamentos de acordo com essas orientações são algumas dessas interpelações.

Enquanto meta da pesquisa, buscaremos compreender, hipotetizar e problematizar sobre como se constitui o processo de construção da discursividade da literatura de autoajuda e como as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS)<sup>2</sup> contribuem para que a Instância Sujeito Leitor (ISL)<sup>3</sup> se identifique com essa discursividade e se desloque nos processos identitários. Nesse sentido, propomos, enquanto metodologia, uma pesquisa descritiva, interpretativa e relacional, tendo como unidade de recorte os enunciados-operadores.

É intentando analisar a conjuntura dos discursos que compõem a discursividade da literatura de autoajuda que utilizaremos, enquanto dispositivo-metodológico o Dispositivo Matricial<sup>4</sup>, discorrido por Santos (2004), em consonância com o dispositivo Nonessência<sup>5</sup> em duplo-vetor<sup>6</sup>, baseado no Dispositivo N-essência de Santos (2007) e na Quintessência em duplo-hélice, refletido por Ferreira-Rosa (2009). Para sustentar nossa proposta, utilizaremos os pressupostos da Análise do Discurso Francesa elucubradas por Michel Pêcheux, em um processo de interface com os pensamentos de Mikhail Bakhtin e o Círculo. Além disso,

---

<sup>2</sup> É oportuno ressaltar que estamos cunhando este conceito e que explanaremos de forma mais detalhada sobre ele no capítulo teórico. Entretanto, vale ressaltar que as REIS tratam-se das Representações Enunciativas Imaginárias engendradas pela Instância Sujeito Autor (ISA) na discursividade da literatura de autoajuda.

<sup>3</sup> Estamos utilizando o termo Instância Sujeito Leitor (ISL) para nos referirmos ao sujeito discursivo leitor, mais especificamente ao sujeito discursivo professor. É necessário fazer esta ressalva porque em alguns pontos do trabalho nos focaremos no sujeito discursivo professor utilizando a sigla ISL.

<sup>4</sup> Dispositivo de Análise desenvolvido por Santos (2004) com vistas a fazer um mapeamento das regularidades significativas no material em análise.

<sup>5</sup> O dispositivo de Análise Nonessência deriva do dispositivo N-essência, desenvolvido por Santos (2007) e o movimento em duplo-hélice, emerge a partir das elucubrações de Ferreira-Rosa (2009), em sua dissertação de mestrado, ao proceder a uma extensão teórica do dispositivo desenvolvido por Santos (2007). Nesse movimento cada hélice, efetua um movimento de rotação em torno de um eixo, semelhante à turbina de um avião. Uma no sentido horário e outra no sentido anti-horário, provocando a dispersão dos sentidos.

<sup>6</sup> Optamos por nomeá-lo vetor, porque estabelecemos uma comparação entre o dispositivo e o funcionamento do átomo. Além disso, os vetores constituem-se enquanto um índice de direcionamento sentidural, ou seja, se uma partícula se desloca no espaço com trajetória descrita por este vetor, então o caminho percorrido por ela durante o seu movimento define uma *curva no espaço* ou uma *curva espacial* que é traçada pelo movimento vetorial. Pontuaremos de forma mais detalhada sobre esse elemento no capítulo 3. Além disso, as noções de movimento altero e reentrante dizem respeito a uma noção que pretendemos desenvolver acerca dos elementos teóricos que são constitutivos, constituintes e sobretudo, constituídos a partir da discursividade da literatura de autoajuda.

utilizaremos ainda, a teoria da relatividade de Einstein, refletida por Capra (1989), e a Filosofia Analítica conjecturada por Frege (2009).

Destarte, acreditamos que o material em análise configura-se enquanto uma discursividade que tem como propósito mascarar, velar a ideologia inerente à literatura de autoajuda. Nesse sentido, é nosso objetivo compreender como ocorre o processo de instauração das REIS no imaginário da ISL e como essas representações, criadas pela Instância Sujeito Autor (ISA)<sup>7</sup>, viabilizam o processo de identificação da ISL com a discursividade da literatura de autoajuda.

No capítulo primeiro, apresentaremos uma contextualização da pesquisa empreendida, discorrendo sobre nossas escolhas teóricas e a interpelação pela Análise do Discurso de Linha Francesa. Além disso, delinearemos uma breve contextualização do *corpus* em análise, apresentando alguns de seus aspectos memorialísticos os quais acreditamos contribuir para a constituição e a instauração das REIS.

No segundo capítulo, explanaremos sobre as escolhas teóricas e como tomaremos o processo de interface entre a Análise do Discurso de Linha Francesa, a filosofia analítica e os estudos da teoria da relatividade. Nesse sentido, discorreremos sobre os conceitos fundamentais que nortearão essa pesquisa. Inicialmente arrazoaremos sobre a noção de sujeito na Análise do Discurso Francesa, especialmente as incursões reflexivas realizadas por Michel Pêcheux, com um enfoque especial para a noção de sujeito, sentido e lugar discursivo. Em seguida ponderaremos, de forma verticalizada, sobre os conceitos de discurso, interdiscurso, intradiscurso, realismo metafísico e empirismo lógico, encaixe, assujeitamento e acontecimento discursivo. Além disso, discorreremos sobre o mito continuísta empírico-subjetivista e concepção ideológica da descontinuidade, enfocando as Formações Imaginárias, que são atravessadas pelas Formações Ideológicas em uma conjuntura organizada pela Formação Social. É oportuno ressaltar que discorreremos ainda sobre os conceitos bakhtinianos de cronotopia e exotopia.

No terceiro capítulo, faremos a apresentação dos procedimentos metodológicos, que dizem respeito à construção/explicitação do Dispositivo de Análise, o qual está intimamente vinculado ao arcabouço teórico e à construção de um *olhar-leitor*<sup>8</sup> sobre o funcionamento da discursividade da autoajuda. Aventa-se, com base no conceito de N-essência, desenvolvido

---

<sup>7</sup> Estamos utilizando o termo Instância Sujeito Autor (ISA) para nos referirmos ao sujeito discursivo autor, que constrói Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais por meio da discursividade da literatura de autoajuda.

<sup>8</sup> Conforme a perspectiva de Pêcheux (1984) o *olhar-leitor* caracteriza-se pela construção de ações estratégicas que sejam capazes de expor as percepções interpretativas do leitor, sem neutralizar os sentidos.

por Santos (2007) e Quintessência em duplo-hélice, refletido por Ferreira-Rosa (2009), mobilizar uma conjuntura de associações entre os elementos teórico-operadores<sup>9</sup> e a projeção das construções de representações imaginárias viabilizadas através da materialidade discursiva da autoajuda. Propomos partir das reflexões do Dispositivo de Análise Nonessência em duplo-vetor, o qual por meio de elementos de ordem sujeitucional, sentidural, lógico-linguístico-discursivo e lógico-filosófico-discursivo<sup>10</sup>, mediados pelas REIS, desvelar o funcionamento da discursividade da literatura de autoajuda, que reflete e refrata, por meio de uma ordem conjuntiva e idiossincrática, as representações criadas pela Instância Sujeito Autor (ISA).

No capítulo subsequente, procederemos aos feitos analíticos, em que através da Nonessência em duplo-vetor ponderaremos sobre como essas REIS contribuem para os processos de identificação da ISL com a literatura de autoajuda e de que forma essa materialidade, de maneira conjuntiva e idiossincrática colabora para a construção de outros contornos identitários, induzindo os sujeitos leitores a crerem que é possível ser autônomo e feliz na contemporaneidade.

---

<sup>9</sup> Estamos tomando enquanto elementos teórico-operadores a combinação entre os elementos que constituem as polaridades constitutivas de cada eixo de movimentação no dispositivo de análise Nonessência em duplo-vetor.

<sup>10</sup> Discorreremos detidamente e de forma pontual sobre cada um dos elementos teórico-operadores no capítulo 3.

## CAPÍTULO 1

### CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

*Como, então, não ir até o fim e não reconhecer que a pretensão de analisar os discursos coloca necessariamente em jogo o que chamarei de uma opção pela imbecilidade? Fazer-se de bobó: ou seja, decidir nada saber sobre o que se lê, permanecer alheio a sua própria leitura, de maneira sistemática, nada acrescentar à divisão espontânea das frases, para conseguir libertá-las dos vestígios de sentido de que ainda estão impregnadas.*

*Recortar, extrair, deslocar, aproximar: nessas operações é que se constitui este dispositivo bastante particular de leitura que poderíamos designar como a leitura-trituração (PÊCHEUX, 1981, p.16).*

*Pela fusão amorosa com o ser fascinante, o sujeito deixa seu invólucro corpóreo e torna-se um membro do grande tudo, seu ego se dilata e absorve, como faz o bebê, o mundo exterior; ele torna-se diáfano e, por isso mesmo um deus; na perda de suas referências habituais, o indivíduo vai além de si próprio. (ENRIQUEZ, 1991, p. 287).*



## 1.0 Introdução

Neste capítulo procederemos à contextualização da pesquisa empreendida, arrazoando sobre as motivações, as justificativas, os objetivos geral e específicos, as hipóteses e as questões de pesquisa. Além disso, apresentaremos nossa interpelação<sup>11</sup> pela Análise do Discurso Francesa (ADF) e uma breve fala sobre a historicidade do material em análise.

Ressaltamos que o objetivo é compreender e problematizar sobre as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS), construídas pela Instância<sup>12</sup> Sujeito Autor (ISA) na discursividade da literatura de autoajuda. Nesse sentido, explanaremos sobre o engendramento desse discurso modelador e altamente perverso que visa induzir a Instância Sujeito Leitor (ISL) a um processo incessante de busca, tendo como principal discurso o ideal de poder sobre si mesmo e sobre os outros, idealizado por meio da criação de representações ideologicamente delineadas. Queremos pontuar que neste trabalho analisaremos o engendramento da discursividade inerente à obra *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003) de Jorge Augusto Cury, intentando discorrer sobre a construção de REIS nessa discursividade. Portanto, não é nosso objetivo analisar os dizeres de professores ou afirmar sobre suas percepções acerca a literatura de autoajuda, por isso esclarecemos que nosso desejo é identificar, compreender, hipotetizar e problematizar sobre os possíveis efeitos de sentido que esse amálgama discursivo produz sobre a constituição do sujeito discursivo professor. Desta feita, passamos agora à caracterização da pesquisa.

### 1.1 Conjuntura da Pesquisa

Jorge Augusto Cury é um autor representativo da literatura de autoajuda. Suas obras já venderam milhões de exemplares somente no Brasil. Dentre suas produções destacamos o opúsculo *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003), materialidade mediadora de ideologias em que se constrói Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS), por meio de um ideal delineado pela Instância Sujeito Autor (ISA), com o objetivo de atrair a

---

<sup>11</sup> Estamos tomando à interpelação de acordo com a perspectiva de Pêcheux (1997) em que os sujeitos são chamados a existência por meio da ideologia que se vincula ao lugar sócio-histórico e ideológico no qual os sujeitos irão se inscrever.

<sup>12</sup> Estamos utilizando o termo Instância de acordo com a percepção teórica de Santos (2009, p. 84) em que “a ideia de instância se refere ao fato de que, no funcionamento enunciativo, o sujeito discursivo oscila entre as facetas de um lugar social e de um lugar discursivo” em uma constante alteridade de posições-sujeito que se movem por meio da interpelação e pelos atravessamentos de discursos outros em seu enunciar.

Instância Sujeito Leitor (ISL) a se identificar e se inscrever no real delineado pela literatura ( $R_L$ )<sup>13</sup>.

Continuamente muito tem nos interpelado a popularidade desta estirpe textual, como também, a forma particular de linguagem e a proposição de fórmulas que as obras da autoajuda apresentam, com o propósito de direcionar psicologicamente o leitor, mediante a promessa de que para o alcance da compleição sujeitudinal é necessário seguir os passos nelas propostos. Além disso, foi em 2007, durante as aulas da Prof<sup>a</sup>. Dra. Sirlene Duarte, no curso de Pós-Graduação em Letras, no Campus Catalão, da Universidade Federal de Goiás, quando esta professora discorreu sobre o tema de sua tese de doutorado, referente às práticas de subjetivação na autoajuda e a construção identitária, que se intensificou a nossa interpelação por desenvolver um estudo sobre esse mote.

Diferentes são as áreas do saber que têm escolhido como *corpus* a literatura de autoajuda, haja vista que devido ao fato de a linguagem ser normalmente marcada por pequenas metáforas, esse construto textual visa persuadir o leitor de que este detém um enorme potencial interior, ainda desconhecido, mas que pode ser desvelado a qualquer momento. Na acepção de Duarte (2008, p. 11-12), “as diferentes perspectivas teórico-analíticas concordam em um ponto: há um tipo de auto-ajuda, sob a forma de manual, que tem por objetivo ditar regras de comportamento.” E é por meio dessa normativização que se apregoa que qualquer sujeito pode ser feliz, desde que conheça o caminho certo para robustecer-se e assim ser capaz de permanecer constantemente nesse estado de felicidade. É como se a discursividade da literatura de autoajuda fosse ao encontro das mais altas aspirações imaginárias do leitor, considerando que esta reforça no sujeito a crença no poder das conjecturas otimistas prescritas nestes opúsculos.

É perceptível que a autoajuda tem se proliferado cada vez mais nas prateleiras de livrarias<sup>14</sup> do Brasil e tem atraído pessoas de várias classes sociais, ávidas por sanar definitivamente situações que acreditam ser de cunho individual, já que, aparentemente, essa literatura tem como propósito apresentar soluções para os possíveis problemas que o leitor possa estar enfrentando em sua vida. Nesse sentido, é importante pontuar que grande parte das livrarias possuem categorizações para as obras mais vendidas, entre elas podemos citar a Submarino – livraria virtual. Neste site de grande acesso, as sessões com as obras mais

<sup>13</sup> Estamos entendendo o  $R_L$  enquanto o real criado a partir das Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitudinais (REIS) pela Instância Sujeito Autor (ISA) através da discursividade da literatura de autoajuda.

<sup>14</sup> Submarino – livraria virtual – acessível no site <http://www.mundodastribos.com/submarino-livros-mais-vendidos.html>, acessado em 07/07/2012, às 9h30m.

vendidas dividem-se em três partes: o gênero não-ficção, a ficção e a literatura de autoajuda, sendo que esta lidera o *ranking* dos mais vendidos. As obras de Jorge Augusto Cury comandam a escala desses opúsculos, entre eles *O vendedor de sonhos* (2009) e *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003).

Desta feita, torna-se substancial destacar que essa literatura, escrita para funcionar enquanto uma panaceia possui uma sessão individualizada apenas para contabilizar o número de leitores que cresce a cada ano. Uma pesquisa realizada pela Revista Veja, em 2009, revelou que a literatura de autoajuda além de possuir uma linguagem acessível, é cerca de 20 a 25% mais barata que os clássicos da literatura. Atualmente a sextante, editora que publica diversas obras de autoajuda, inclusive os opúsculos de Cury é a maior editora de literatura de autoajuda do Brasil, a qual lança quarenta novos títulos por ano, sendo que são comercializados 4 milhões de cópias por ano. Existem hoje no Brasil, aproximadamente 50.000 exemplares de livros de autoajuda.

É possível afirmar que essa literatura vislumbra produzir no sujeito leitor uma sensação de completude, visto que apregoa uma concepção de sujeito homogêneo, centrado, individualizado. Dessa forma, é possível traçarmos um paralelo entre a Instância Sujeito Leitor (ISL) da autoajuda e o sujeito do Iluminismo discorrido por Hall (1992), em que o sujeito é visto de forma individualizada, consciente e dotado da capacidade de razão, cujo centro encontra-se em seu interior, o ponto primordial se localizaria na identidade da pessoa que, masculinizada, seguiria uma concepção individualista. Nesse processo, segundo Hall (1990), não se considera o sujeito enquanto possuidor de uma identidade fragmentada, capaz de assumir várias identidades, que é interpelado pelas diferentes relações que estabelece com os sistemas culturais, mas sim enquanto um indivíduo que possui uma identidade unificada e imutável. Desta feita, seguindo o viés da discursividade da literatura de autoajuda, há o ideal de uma identidade una que é reforçada pela ilusão que a ISL possui de estar construindo sua própria história, percorrendo sobre si mesmo e construindo o seu real ou uma confrontadora narrativa que envolve o eu, como nos elucida Hall (1990). É como se a literatura de autoajuda, enquanto receituário fosse capaz de prescrever normas de condutas de como a ISL pudesse viver bem, sem que as situações fugissem ao seu controle, rumo a uma vida plena e feliz.

Apesar de aparentemente serem produzidas de forma individualizada, essas obras são organizadas na justa medida do que seria oportuno socialmente, uma vez que tenta mascarar os problemas sociais, através da criação de um real idealizado, intentando produzir um estereótipo de sujeito, modelável pela ideologia social. Pensando na literatura de autoajuda, é

perceptível que as diversas obras, cada qual dentro de sua temática específica<sup>15</sup>, apresentam estruturas muito semelhantes, sem grandes variações, uma vez que têm sido abrolhadas industrialmente. Dizemos que essa produção tem sido industrial porque a literatura de autoajuda tem chegado à maioria das classes sociais enquanto uma panaceia, como se fosse capaz de sanar todos os problemas emocionais, sociais, econômicos e de relacionamento que a ISL pudesse vir a enfrentar ao longo de sua vida.

Entendemos que, apesar de o leitor ter a ilusão de se deparar com certa individualidade, essas obras não deixam de se enquadrar em esquemas típicos da autoajuda, ou seja, uma linguagem aparentemente clara, títulos e subtítulos que descrevem os efeitos que podem ser alcançados pelos leitores, um misto da forma canônica e inédito. Delineamos tais características porque, na maioria das obras de autoajuda que consultamos diversos são os autores se utilizam de frases de efeito, entre eles podemos citar: “Quem conduz os soldados para a batalha deve estar familiarizado com estes cinco fatores. Quem os compreende pode alcançar a vitória. Quem não os compreende será derrotado” (TUZU, p. 04, 1996), “educar é acreditar na vida, mesmo derramando lágrimas” (CURY, 2003, p. 3), ou ainda, “estamos informando e não formando. Não estamos educando nem estimulando o desenvolvimento [...] não basta ser brilhante é preciso ser fascinante” (CURY, 2003, p. 6), “Faça o melhor que puder [...]. O resultado virá na mesma proporção do seu esforço. Compreenda que se não veio, cumpre a você (a mim e a todos) modificar suas (nossas) condutas” (GANDHI, p. 03, 2004), “Não escrevo para heróis, mas para pessoas que sabem que educar é realizar a mais bela e complexa arte da inteligência (CURY, 2003, p. 9)”, que fazem parte do senso comum, mas que, dentro de um contexto motivacional, ganham sentidos outros, ou seja, podem atuar como uma possibilidade de funcionar enquanto um encaminhamento capaz de direcionar pedagogicamente a ISL, rumo ao êxito no processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, é como se a ISL ignorasse aquilo que aparece intradiscursivamente nos dizeres textuais, realizando uma seleção superficial daquilo que ilusoriamente poderia facilitar sua inscrição nas REIS, criadas pela Instância Sujeito Autor (ISA).

Por isso, acreditamos que os textos de autoajuda não podem ser entendidos apenas como a veiculação de ideias, mas, sobretudo, de uma representação que assume a força de uma ideologia de dominação (seja sobre si mesmo, sobre as situações, sobre os efeitos de

---

<sup>15</sup> Cada obra pertencente à literatura de autoajuda possui uma temática específica, sendo elas: espiritual, empresarial, entre outras. Receituários que ditam normas de conduta nas mais diversas áreas, como *Quem mexeu no meu queijo* (JOHNSON, 2000), empresarial, *Comer, rezar, amar* (GILBERT, 2008), espiritualista, *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003), “manual didático”.

sentido das enunciações ou sobre o (O)outro) que aparentemente se exerce de forma individual e que ganha corpo, segundo a ISA, na medida em que essa ideologia é reforçada no imaginário da ISL.

Esse discurso manipulador e automodelador, o qual denominamos como discurso da perversidade (já que se o sujeito não alcança o *status* almejado à culpa é somente dele), que apregoa que as soluções para os problemas do mundo encontram-se no interior de cada indivíduo, pode ser identificado claramente nas obras construídas pela ISA Jorge Augusto Cury, o qual se destaca neste meio, devido à vasta produção bibliográfica e a diversidade de temas contemplados, como a religiosidade, o controle da mente, a superação de si mesmo, a inteligência multifocal e temas de cunho pedagógico. Dentre seus opúsculos podemos citar: *Revolucione Sua Qualidade de Vida* (2002); *Escola da Vida: Harry Potter no Mundo Real* (2002); *Você é Insostituível* (2002); *Dez Leis para Ser Feliz* (2003); *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes* (2003); *Seja Líder de Si Mesmo* (2004); *Nunca Desista de Seus Sonhos* (2004); *A Ditadura da Beleza e a Revolução das Mulheres* (2005); *O Futuro da Humanidade* (2005); *Coleção Análise da Inteligência de Cristo* (2006); *O Mestre Inesquecível* (2006); *O Mestre do Amor* (2006); *O Mestre da Vida* (2006); *O Mestre da Sensibilidade* (2006); *O Mestre dos Mestres* (2006); *Superando o Cárcere da Emoção* (2006); *Doze Semanas para Mudar uma Vida* (2007); *Os Segredos do Pai-Nosso* (2007); *Maria, a maior educadora da História* (2007); *A Sabedoria Nossa de Cada Dia: Os Segredos do Pai-Nosso 2* (2007); *Filhos Brilhantes, Alunos Fascinantes* (2007); *Treinando a Emoção para Ser Feliz* (2007); *O Código da Inteligência* (2008); *O Vendedor de Sonhos: O Chamado* (2008); *O Vendedor de Sonhos e a Revolução dos Anônimos* (2009); *De Gênio e Louco Todo Mundo Tem um Pouco* (2009); *Mentes Brilhantes, Mentes Treinadas* (2010); *O Semeador de Ideias* (2010); *A fascinante construção do Eu* (2010); *Mulheres Inteligentes, Relações Saudáveis* (2011); *O Colecionador de Lágrimas - Holocausto Nunca Mais* (2012).

Dessa maneira, observa-se nessa discursividade um forte desejo de se desvelar uma força interior oculta, capaz de modificar condutas, personalidades, de dominar as situações, de transformar a realidade, ainda que as Condições de Produção (CPs)<sup>16</sup> não sejam favoráveis. É por meio da literatura de autoajuda e suas técnicas que há um aplainamento na/da vida e das adversidades, tudo é colocado de forma simplista, cabendo a ISL conseguir obter êxito por si só.

---

<sup>16</sup> O conceito Condição de Produção (CP) refere-se a uma noção pecheutiana (2009) em que se considera aquilo que é exterior ao texto, o já pronunciado, o conjunto das relações sócio-históricas e ideológicas. Discorreremos pontualmente sobre este conceito no capítulo teórico.

Nesse sentido, tendo como escopo analítico a obra *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003), objetivamos proceder a uma pesquisa descritiva, interpretativo-relacional, em que teremos como unidade de recorte os enunciados-operadores selecionados a partir da materialidade linguística<sup>17</sup> do opúsculo em análise. Estamos entendendo materialidade linguística de acordo com a concepção de Gadet & Pêcheux (1997, p. 180), a qual pode ser compreendida no “sentido de sequência oral ou escrita de dimensão variável, em geral superior à frase. Trata-se aí de um ‘discurso’ concreto, isto é, do objeto empírico afetado pelos esquecimentos 1 e 2,” na medida em que é o lugar de sua efetivação, “considerando a forma, subjetivamente vivenciada como necessária de uma dupla ilusão”. Esses recortes nos servirão como ponto norteador para a análise sobre o funcionamento do discurso de autoajuda. A pesquisa será descritiva porque faremos o levantamento dos enunciados-operadores no escopo da obra, realizando o arrolamento das potencialidades interpretativas do *corpus*. Constituir-se-á em interpretativa-relacional porque lançaremos um *olhar-leitor* sobre os enunciados, tentando evidenciar um gesto de interpretação, com uma posterior análise dos enunciados-operadores, relacionados aos processos de identificação e as Formações Imaginárias (FI)<sup>18</sup> viabilizadas pelas Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS), conjecturadas pela Instância Sujeito Autor (ISA).

Trabalharemos com esse *corpus*, considerando-o enquanto uma materialidade linguística, mediadora de ideologias, que se constitui a partir de um amálgama discursivo que é transpassado pelo interdiscurso<sup>19</sup>, produzindo assim uma significância<sup>20</sup> que resultará em efeitos de sentidos. Desta feita, conceberemos essa obra enquanto uma resultante de processos e elementos sócio-históricos-ideológicos, que é dotada de uma multiplicidade de vozes que caminham de forma a buscar uma unicidade, uma centralização em seus efeitos de sentido. Logo, como nos assevera Ferreira-Rosa (2009, p. 28), é “inconcebível um fechamento e aprisionamento do material de análise em si mesmo enquanto formas empíricas”.

---

<sup>17</sup> Estamos considerando a materialidade linguística enquanto construções linguísticas previamente delineadas pela Instância Sujeito Autor (ISA) que emergem de processos discursivos e que não podem ser discursivamente reduzidos apenas as construções estruturais, posto que esta funciona enquanto ferramenta capaz de transcender a ISL ao campo da semântica discursiva, parte constituinte dos discursos e dos sujeitos que a produzem.

<sup>18</sup> Formações Imaginárias (FI) conceito discorrido por Michel Pêcheux (2009). É oportuno ressaltar que discutiremos sobre este conceito no capítulo teórico.

<sup>19</sup> O interdiscurso, na perspectiva pecheutiana (2009) diz respeito a algo que fala sempre e antes. Explanaremos especificamente sobre este conceito no capítulo teórico.

<sup>20</sup> Segundo Ferreira-Rosa (2009, p. 66), “a significância é um processo sentidural discursivo.” Assim, a significância orientaria a instauração das significações inscritas em um discurso de acordo com o contexto sócio-histórico e ideológico. Essas condições de produção estariam em um processo de interface com o lugar discursivo que a forma-sujeito ocupa na estrutura de uma formação social que é atravessada por representações ideológicas constitutivas das posições sociais, na relação com os lugares de inscrição nas formações discursivas.

Pretendemos expor uma das diversas possibilidades de interpretação sobre o funcionamento da discursividade construída pela ISA, desse modo consideraremos as REIS enquanto viabilizadoras da criação de um real imaginário, a partir do encaixe<sup>21</sup> e da articulação<sup>22</sup> produzindo um efeito de unicidade<sup>23</sup> e de individuação<sup>24</sup> a partir das inscrições instauradas discursivamente, por meio da simulação do interdiscurso no intradiscurso<sup>25</sup>.

Assim, intentamos analisar essa obra enquanto uma conjuntura de discursos possíveis, a partir das Condições de Produção (CPs) em que a discursividade da ISA se insere. Destarte, é possível concitar sobre nossa proposta a partir das seguintes questões de pesquisa:

- i) Como se constitui o funcionamento da discursividade da obra de autoajuda produzida por Jorge Augusto Cury?
- ii) Como a discursividade (que confere sustentabilidade a esses discursos de autoajuda) pode contribuir para que ocorra e/ou se intensifique os processos de identificação do sujeito professor com a literatura de autoajuda?
- iii) Quais são os fatores sócio-históricos e ideológicos que contribuem para que o sujeito professor (des)construa as subjetividades, vislumbrando um paradigma de sujeito uno, centro de seus dizeres e feliz na contemporaneidade?

Desta feita, após ter discorrido sobre nosso desígnio, elencamos como hipóteses:

- i) Cury, quando se constitui em Instância Sujeito Autor (ISA) da autoajuda, veicula Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitativas (REIS) que possibilitam a Instância sujeito Leitor (ISL) isto é, ao sujeito discursivo professor, vislumbrar um paradigma de sujeito uno, capaz de controlar o processo de ensino-aprendizagem e os efeitos subjacentes aos seus dizeres aos discentes.

---

<sup>21</sup> Encaixe é o elemento que permite uma relação entre os discursos e os traços anteriores da língua. É um conceito pecheutiano (2009) que será abordado de forma mais pontual no capítulo teórico.

<sup>22</sup> Segundo Pêcheux (2009) a articulação diz respeito à abstração de um conceito científico e que está relacionado às construções de carácter lógico. É oportuno ressaltar que trataremos sobre este conceito de forma mais detalhada no capítulo teórico.

<sup>23</sup> Unicidade segundo Santos (2009) por ter o real um carácter único, ele é irrepitível, intravissível e involuntário do qual o sujeito não se pode escapar.

<sup>24</sup> O interdiscurso constitui-se segundo Pêcheux (2009) enquanto o fio do discurso. Elemento que abordaremos no capítulo teórico de forma mais pontual.

<sup>25</sup> A individuação, segundo Santos (2009) diz respeito à vinculação do real a uma característica extensional que passam pelo crivo particular e singular de uma dada percepção;

- ii) Essas Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) são construídas a partir de um olhar exotópico da Instância Sujeito Autor (ISA) sobre a prática do sujeito professor considerando uma Memória Discursiva (MD)<sup>26</sup> já instaurada a partir de uma conjuntura sócio-histórica e ideológica.
- iii) A Instância Sujeito Leitor (ISL) ao se identificar com a discursividade da literatura de autoajuda assume um efeito de unicidade, inscrevendo-se nas Formações Discursivas (FDs)<sup>27</sup> delineadas pela literatura, o que faz com que assumam outras identidades.
- iv) Essa Instância Sujeito Leitor (ISL), inscrita no real delineado pela literatura de autoajuda, projeta um imaginário de inscrição em um espaço idealizado e em um tempo de *devir*<sup>28</sup> (por meio do exotópos e do cronotópos<sup>29</sup> delineados pela ISL).
- v) É por meio da simulação de um conhecimento, aparentemente científico no desconhecimento ideológico da ISL, que se instauram as REIS.

Refletindo sobre essas hipóteses propomos como objetivos específicos:

- i) Escrutinar a língua enquanto materialidade discursiva<sup>30</sup>, tentando analisar os discursos que sustentam os textos de autoajuda.
- ii) Analisar, através do Dispositivo Matricial em consonância com o Dispositivo Nonessência em duplo-vetor, o funcionamento da discursividade da literatura de autoajuda, mediante a instauração de REIS, viabilizadas pela ISA.

<sup>26</sup> Memória discursiva segundo Pêcheux (1999) seria aquilo que surge enquanto um acontecimento e que reestabelece os implícitos.

<sup>27</sup> Formação discursiva, na acepção de Pêcheux (1997, p. 160) é “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes *determina o que pode e deve ser dito*”. (Grifos do autor).

<sup>28</sup> Estamos adotando a noção de *devir* na perspectiva de Deleuze (1997) que diz respeito a um lugar de entremeio, de inacabamento, de um processo. Nesse sentido, já que o espaço é idealizado, então o tempo localiza-se em um entrelugar, que não se relaciona com o que é central, mas com as margens, já que constitui-se essencialmente pela idealização da ISA. Não sendo, portanto um tempo determinado, mas um tempo de inacabamento, que está sempre em processo.

<sup>29</sup> O cronotopo, segundo Bakhtin (1993) atua como uma materialização privilegiada do tempo no espaço.

<sup>30</sup> Materialidade discursiva seria aquilo que é exterior ao texto e que de alguma forma é capaz de viabilizar ao leitor uma tomada de posição frente os sentidos que são produzidos. É oportuno destacar que falaremos mais detidamente sobre este conceito no capítulo teórico.



- iii) Problematicar/hipotetizar os possíveis impactos/deslocamentos dessa discursividade na constituição identitário-sujeitucional da instância sujeito professor em sua formação pré e em-serviço<sup>31</sup>.

Deste modo, faremos uma breve contextualização do *corpus*, considerando suas Condições de Produção (CPs) e os aspectos memorialísticos. Além disso, pontuaremos sobre nossa interpelação enquanto uma tomada de posição essencialmente política, pois acreditamos que enquanto pesquisadores e formadores não devemos nos pautar na neutralidade, nem no desejo de completude ou no anseio de provocar o apaziguamento das questões interpeladoras. Ao contrário, entendemos que devemos assumir uma posição que abarque o lugar do qual falamos, pois para nós o ato de ser pesquisador e ser professor (seja nas séries iniciais ou nas universidades – como professores formadores) deve ser entendido enquanto uma forma de intervenção no mundo das coisas e especialmente no mundo que constitui as pessoas. Destarte, compreendemos que para lançar esse olhar não temos como desvencilhar ato de pesquisa e ato de docência, já que cremos que ambos são constitutivos, haja vista que ser professor sem pesquisa é o mesmo que convidar ao trabalho sujeitos sem as ferramentas necessárias a feitura das atividades a que se propõem e ser pesquisador, faz sentido, somente na medida em que esse conhecimento pode ser vivenciado, compartilhado tanto pelo docente quanto pelo discente, já que há uma relação de ligação entre eles. E é desse lugar discursivo que enunciamos, entendendo-o enquanto uma tomada de posição que demarca nossa posição política enquanto sujeitos pesquisadores e docentes, por isso passamos agora ao nosso posicionamento frente o *corpus*.

### **1.1.1 Interpelação: tomando uma posição frente o *corpus***

Nascido em 2 de outubro de 1958, em Colinas-SP, Cury é autor de vários livros de grande vendagem no Brasil, dentre eles a obra *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003), por meio da qual o escritor se declara um estudioso sobre as dinâmicas da emoção e da construção dos pensamentos. Além de ser escritor, Cury dirige a Academia da Inteligência, um instituto de formação para psicólogos, educadores e outros profissionais. À sua atividade, alia-se ainda a participação em congressos e conferências em diversos lugares do mundo, onde os seus livros tem sido publicados. Com um vasto acervo, Augusto Cury é conhecido

---

<sup>31</sup> Neste trabalho, estamos tomando como professores pré-serviço os profissionais que estão em processo de formação, nas Universidades de todo Brasil e os professores em-serviço os que atuam nas salas de aula.

por promulgar obras que contém direcionamentos de condutas psicológicas que prometem conduzir qualquer sujeito ao fortalecimento das emoções e da inteligência. Apregoa que somente após estar esclarecido sobre os passos e o processo de como adquirir a felicidade é que o sujeito leitor será capaz de ser feliz e de se manter em um constante estado de felicidade. Desenvolveu o projeto Escola de Inteligência<sup>32</sup>, com o intuito de formar crianças e adolescentes por meio do ensino das funções intelectuais e emocionais. Em 2008, foi criado em Portugal o Centro de Estudos Augusto Cury, estando integrado ao Instituto da Inteligência deste país.

Nosso *corpus* será o opúsculo *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003), o qual já vendeu mais de oitocentos mil exemplares, somente no Brasil. Além disso, essa obra, por vezes, tem sido utilizada por inúmeros professores, diretores de escolas e coordenadores como sendo a única possibilidade de sanar os problemas educacionais enfrentados cotidianamente. Por ministrarmos aulas de Língua Portuguesa desde 2003, inicialmente trabalhando com a primeira fase do ensino fundamental, entramos em contato com essa obra em 2004, por meio das instruções de uma coordenadora que acreditava que para ser um bom professor era necessário seguir os preceitos mediados pela ISA, uma vez que esta instância assume a forma-sujeito de médico e de psicólogo, logo conhecedor das melhores fórmulas para lidar com o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a coordenadora argumentava que nessa obra era possível encontrar de forma clara e objetiva o que era necessário fazer para que o aluno se desenvolvesse bem e feliz.

Ao fazermos a primeira leitura, ficou explícito que o fracasso da/na educação possuía uma única causa: o fato dos professores não saberem ministrar bem suas aulas. Nesse sentido, como poderíamos reivindicar melhores condições de trabalho/salários se, por ser uma escola pequena, não tínhamos o *status* que a coordenadora acreditava que deveríamos ter? Como poderíamos reclamar do sistema educacional implantado se, segundo o livro base utilizado como orientação pedagógica, não conseguíamos nem mesmo desempenhar bem o nosso trabalho? Ao assumir a culpa pelos problemas educacionais é como se o sujeito professor (e neste caso, incluo a mim e aos demais colegas que participavam das reuniões pedagógicas semanalmente), se sentisse impotente ante a realidade enfrentada todos os dias. Além disso, foi organizada, na Cidade de Catalão-GO, por Duarte (2008), uma pesquisa sobre o uso das obras de autoajuda nas escolas municipais, cujo resultado constatou o fato de que alguns

---

<sup>32</sup>A Escola da Inteligência, dirigida por Augusto Cury, conta atualmente com vinte e uma escolas conveniadas. Conforme consta no site oficial da empresa [http://www.escolainteligencia.com.br/escolas\\_participantes.php](http://www.escolainteligencia.com.br/escolas_participantes.php), 07/07/2012 às 2h30m.

coordenadores dessas instituições de ensino utilizavam-se do material da obra em estudo como apoio pedagógico na orientação de professores.

Organizada sob a forma de manual, essa materialidade induz o sujeito leitor a crer que, caso se aventure até a última página e siga rigorosamente as regras que lhes são ditadas, enquanto profissional da educação ele conseguirá revolucioná-la, por meio do controle do processo de ensino-aprendizagem, haja vista que segundo essa discursividade a responsabilidade ou fracasso na educação têm como referência o sujeito discursivo professor, o qual não consegue nem mesmo conduzir/mediar de forma profícua o processo de ensino-aprendizagem.

Inúmeros são os professores pré e em-serviço que apoiam sua prática pedagógica nesse manual, uma vez que veem nessa obra a possibilidade de migrar do *status* de bom professor para um sujeito fascinante, como garante a ISA já nas primeiras páginas do livro. Muitas são as pesquisas que referendam o tema da autoajuda, os quais trazemos a baila: Rüdiger (1996), que trata sobre a genealogia da autoajuda, buscando escrutinar essa literatura enquanto um fenômeno de massa e que tem seu discurso voltado para o individual; Chagas (2001, 2002) que por meio da teoria sociopsicanalítica discursiva discorre sobre o funcionamento da autoajuda, enfocando os fenômenos inconscientes que induzem o sujeito leitor a crer que o discurso da literatura de autoajuda é transparente; Birman (1999), que discute sobre a discursividade da autoajuda em uma interface com o romance de Paul Auster; Menezes (1999), da psicologia, que problematiza a autoajuda enquanto uma fábrica de sujeitos que servem ao sistema capitalista; Borzillo (2001), da economia, que analisa os livros de autoajuda enquanto apoio pedagógico aos cursos oferecidos aos programas de Qualidade Total; Silva (2000), na área de linguística aplicada, procede a um levantamento das escolhas dos pronomes utilizados nas obras em apreciação e constata a presença do escritor e do leitor nos opúsculos em análise; e Cortina (2006) que, ao proceder a uma pesquisa histórica de natureza semiótica e em uma perspectiva discursiva, divide a literatura de autoajuda de acordo com os estilos de discursos apresentados.

Outros estudos desenvolvidos foram os de Sobral (2006), que analisa a literatura de autoajuda enquanto relações enunciativas no discurso; Brunelli (2003) e Oliveira (2006) que, estabelecendo uma relação linguístico-discursiva, propondo o engendramento dessas enunciações enquanto elementos persuasivos; Martelli (2006), de base sociológica, vislumbra estabelecer o impacto dessa literatura nas sociedades atuais; e Duarte (2008), inscrita na análise do discurso de linha francesa, que analisa a literatura de autoajuda enquanto uma

prática de subjetivação e construção identitária, vislumbrando analisar os discursos que permeiam e conferem sustentabilidade à discursividade da autoajuda.

Nesse ínterim, é perceptível que relevantes pesquisas são realizadas nas mais diversas áreas, mas sentimos carência de uma investigação que intentasse desvelar o funcionamento discursivo viabilizado pelas Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS), especialmente considerando a articulação entre a memória discursiva, as condições de produção e o engendramento da ideologia no interior do funcionamento discursivo da autoajuda, direcionando os sujeitos discursivos professores a se inscreverem em espaços previamente delineados pela ISL. Assim, esta pesquisa justifica-se na medida em que intentamos refletir, hipotetizar e problematizar sobre esse processo de instauração da discursividade da literatura de autoajuda no imaginário do sujeito discursivo leitor, enquanto única saída viável para os problemas no processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, questionamos o fato de não haver uma ponderação, por parte desse discurso de autoajuda, da sempre incompletude do sujeito, de sua heterogeneidade e movências constitutivas, pois se pressupõe uma completude, uma unicidade, uma centralidade do sujeito por meio da ocupação de um lugar elevado e sublime, ou seja, utópico, constituído em um espaço idealizado. Questionamos ainda o uso da literatura de autoajuda no contexto educacional.

Lançamos um olhar sobre essa obra de autoajuda enquanto um manual, ou seja, um livro receituário que por vezes funciona como uma obra didática, que tem como objetivo didatizar o processo de ensino-aprendizagem elencando perguntas e enumerando respostas, que são fruto de uma memória de caráter social, que foi produzida em uma dada conjuntura sócio-histórica e ideológica e que por meio do encaixe sintático-discursivo<sup>33</sup>, induz o sujeito a um processo de corpodocilização<sup>34</sup>. Esse processo ocorre por meio da demarcação de uma dialogicidade interpelativa, conforme nos elucida Santos (2007, p. 190), “de uma causalidade circunstancial em torno de um determinado conhecimento,” mediado por um acontecimento enunciativo, já que apesar deste ocupar o lugar de sujeito ensinante, ao entrar em contato com as REIS da autoajuda ele se torna um sujeito aprendente, constituído por e a partir de um inacabamento histórico e ideológico.

Nesse sentido, temos como enfoque a discussão sobre o apagamento ideológico proposto pelas representações imaginárias da autoajuda, já que essa supressão resulta em um

---

<sup>33</sup> Organização textual que confere determinado efeito de sentido a partir das Formações Discursivas que são construídas.

<sup>34</sup> Neste trabalho, estamos tomando o termo corpodocilização enquanto o processo de subjugação da ISL, a qual é induzida a se tornar um corpo dócil, passivo.

Sujeito Universal, que se encontra em todos os lugares e em lugar nenhum, e que como nos apresenta Pêcheux (1997, p. 127) “pensa por meio de conceitos”. Além disso, é oportuno ponderar sobre a concepção ideológica da descontinuidade entre os saberes legitimados socialmente e ideologicamente simulados por meio de um real idealizado. Sopesaremos também, as REIS delineadas pela obra em análise, e como se dá a instauração da ilusão de fonte e origem do sujeito uno, identificado consigo mesmo por meio da autonomia.

Intentamos analisar, por meio dos efeitos de sentido provocados pela discursividade que emerge da literatura de autoajuda, como as REIS são evidenciadas na/pela discursividade curyana. Além da forma como essas representações contribuem para sugerir influxos nos processos de construção identitária da ISL, mais especificamente o sujeito discursivo professor, enfoque de nossa pesquisa.

Para tanto, nos fundamentaremos na trama conceitual delineada pela Análise do Discurso Francesa, mais especificamente nas contribuições de Michel Pêcheux (1975, 1980, 1981, 1988, 1997, 1998, 2004, 2006), em uma interface com conceitos da filosofia da linguagem, apresentados por Mikhail Bakhtin e o Círculo (1981, 2010), além da lógica, percorridos por Frege (2009), em uma relação de interconexão com a releitura de alguns conceitos e funcionamentos da física, em especial da teoria da relatividade proposta por Einstein. Nesse aspecto, houve a tentativa de constituir uma conjuntura relacional entre conceitos, em um movimento entre áreas do saber que se unem em uma conjuntura lógico-semântica e, principalmente, discursivamente por meio dos efeitos de sentido.

Enquanto escopo metodológico, propomos uma análise descritiva, interpretativa e relacional dos enunciados-operadores, recortados das inscrições discursivas da literatura de autoajuda, vislumbrando elucidar o Amálgama Discursivo, que concebe a tessitura de discursos que, representadas pelas Formações Discursivas (FDs), são transpassadas por formações imaginárias, ideologicamente delineadas. Essas formações compõem o conjunto de discursos que conferem sustentação a discursividade da literatura de autoajuda, uma vez que a ISA cria, por meio das representações imaginárias, um real utópico, idealizado por essas construções. Esses discursos são transpassados pelo interdiscurso, representado pelas arengas que circulam no âmbito social, e são perpassadas de forma descontínua e em constante alteridade por uma significância que faz parte de uma conjuntura “de ordem sujeitunal e sentidural”, conforme nos esclarece Ferreira-Rosa (2009).<sup>35</sup> Desta feita, passamos agora a remontagem dos aspectos memorialísticos da literatura de autoajuda.

---

<sup>35</sup> É oportuno ressaltar que ao longo de nossa discussão abordaremos, também, a noção de ordem sujeitunal e sentidural, conforme nos elucidada Ferreira-Rosa (2009).

### 1.1.1.1 Aspectos Memorialísticos da Literatura de Autoajuda

A obra *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003) é constituída de seis partes, sendo que a primeira discorre sobre os sete hábitos dos bons pais e dos pais brilhantes. Neste tópico a ISA relata sobre como os pais devem agir para educarem bem seus filhos. Para tanto, descreve normas de condutas do que deve ser o agir e o sentir dos pais que têm como meta serem bons e daqueles que têm o objetivo de serem fascinantes. Nesse sentido, a ISA vai delineando um paralelo entre essas duas posições-sujeito, que apesar de ocuparem o mesmo lugar discursivo, precisam se comportar de maneiras diferentes para alcançar o que é proposto. Além disso, é oportuno ressaltar que para a ISA não basta ser bom, é preciso ser fascinante e ser um pai fascinante implica em saber lidar com a autoestima dos filhos, ser capaz de proteger a emoção por meio do filtro dos estímulos estressantes pelos quais os filhos podem vir a passar ao longo da vida. Dito de outro modo significa conseguir controlar os efeitos de sentidos produzidos pelos contatos comunicativos dos filhos com os inúmeros interlocutores com os quais eles venham a interagir ao longo de sua trajetória. Assim, os pais funcionariam como espelhos, tudo o que fazem, sentem, o modo como reagem, segundo a ISA delinear a personalidade dos filhos.

Logo no início da segunda parte, (2003, p. 21), a ISA assim coloca no subtítulo: “educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de idéias”. Nessa perspectiva, aqueles que fogem desse perfil nada são além de professores normais, que possuem apenas uma formação universitária e que frequentemente destroem o emocional de seus alunos, aniquilando seus sonhos. Então, a título de esclarecimentos a ISA discorre sempre por meio de metáforas, estabelecendo ininterruptamente uma comparação entre as duas posições-sujeito professores brilhantes e fascinantes. É desse modo que a ISA relata sobre os sete hábitos dos bons professores e dos professores fascinantes, sendo que a estes cabe conhecer o funcionamento da mente de seus alunos, gerenciar seus pensamentos e os de seus interlocutores, saber administrar as diferentes emoções que podem emergir durante o ministrar de uma aula, ser capaz de controlar os efeitos de sentido de seus dizeres. Além disso, a ISA diferencia bons professores (joio) e professores fascinantes (trigo), instaurando que para alcançar o *status* de professor fascinante a ISL deverá ultrapassar os conhecimentos aprendidos na universidade, logo deverá dominar saberes da psicologia, psiquiatria entre outros.

No terceiro capítulo, a ISA estabelece um paralelo da conduta dos professores brilhantes e os sete pecados capitais apresentados pela igreja católica. Para melhor

compreender essa comparação, fez-se necessário que remontássemos a origem desses postulados pela igreja. Os sete pecados capitais são tão remotos quanto o cristianismo, entretanto, ganharam corpo somente no século IV, quando Gregório Magno, refletindo sobre as epístolas de São Paulo definiu como sendo os sete piores vícios de conduta da humanidade: a gula, a ira, a avareza, a luxúria, a soberba, preguiça e a inveja. Esses pensamentos foram formalizados somente no século XIII com o teólogo São Tomas de Aquino, que documentou esses pecados como sendo os piores da essência humana. O termo capital tem sua raiz etimológica no latim *caput*, que significa cabeça, logo, os sete pecados são os líderes, os geradores de todos os outros que possam vir a serem cometidos pelo homem. Posteriormente, a igreja criou uma lista com as sete virtudes que todo ser humano puro deve ter para ser merecedor de acessar o paraíso: ser humilde, disciplinado, caridoso, casto, paciente, generoso e ser detentor da temperança. Nesse aspecto, as sete virtudes do ser humano são equiparadas as sete condutas adequadas dos professores fascinantes, haja vista que segundo a ISA, para ser merecedor desse *status* a ISL precisa seguir rigorosamente os postulados delineados por ele, tal qual os fiéis deveriam seguir as normas da igreja. Assim sendo, para discorrer a respeito dos sete pecados capitais dos educadores, a ISA utiliza-se de atravessamentos religiosos, bíblicos para demarcar um lugar, ou seja, aquele que não segue o que está sendo apregoado pela ISA está cometendo um pecado, não somente contra a educação, mas contra si mesmo e ao seu próximo.

Na quarta parte a ISA assim coloca: “se o tempo envelhecer o seu corpo, mas não envelhecer sua emoção, você será sempre feliz” (CURY, 2008, p. 39). Assim, ser feliz depende unicamente do desejo e da capacidade de controle das emoções da ISL, nesse sentido, as condições socioeconômicas, a historicidade, as condições de produção em que o sujeito discursivo está inserido, nada influi em seu processo de completude, plenitude subjetiva. Dessa forma, a ISA vai discorrer sobre os cinco papéis da memória humana e como se constrói a personalidade dos indivíduos. Para tanto, utiliza como referencial teórico, suas próprias obras, como sendo o único meio possível para que a ISL possa se aprofundar no assunto e sanar as diversas mazelas.

Na quinta parte, no intuito de doutrinar definitivamente a ISL, a ISA prescreve uma série de métodos de ensino por meio do tópico *A escola dos nossos sonhos*. É com a descrição de técnicas e metodologias que a ISA se propõe a apresentar algo inovador na educação, que seria a possibilidade de formar pensadores, através de uma série de abordagens pré-determinadas e que deveriam ser seguidas pelos professores fascinantes em sala de aula.

Ao constatar que a ISA utilizava-se dos termos metodologia, método e abordagem com uma significação muito semelhante em distintos contextos, achamos pertinente recorrer, ainda que brevemente, sobre as diferenças conceituais entre esses construtos, no sentido de poder compreender melhor o raciocínio elaborado na discursividade da literatura curyana. Nesse ínterim, segundo Leffa (1988), o método, no passado, foi convencionalmente adotado como sendo o ato ou efeito da criação de normas para a elaboração de percursos na constituição de cursos. Assim, devido a sua abrangência, tornou-se consenso dividi-lo em duas áreas, que seria a abordagem, *approach*, e o método propriamente dito. É oportuno ressaltar que a abordagem é um termo que engloba as reflexões teóricas sobre a língua e a aprendizagem. O método por sua vez tem um alcance mais restrito, já que pode estar contido dentro de uma abordagem. Prabhu (1987) em suas incursões reflexivas enfatiza que a metodologia é mais diretiva que a abordagem e que o método, pois é por meio dela que se organizam as condições favoráveis para o processo de ensino-aprendizagem. Há ainda que se considerar uma tênue distinção entre planejamento e metodologia, pois um diz respeito ao conteúdo e o outro as condições de aprendizagem. Deste modo, colocar a sala em U, fazer perguntas, contar histórias, gerenciar e controlar os pensamentos de si mesmo e de seus alunos são ações que emanam diferentes posições da instância sujeito professor<sup>36</sup>, logo, utilizar tais terminologias enquanto sinônimas além de ser impertinente teoricamente, demonstram o despreparo da ISA quanto aos conhecimentos que diz dominar.

E, por fim, o sexto capítulo, em que a ISA narra a história da grande torre. É por meio desta narrativa que se relata sobre os profissionais mais importantes da sociedade, estando os psicólogos e psiquiatras no topo da pirâmide e os professores em sua base. É oportuno ressaltar que simbolicamente, para os egípcios, o topo da pirâmide representava o próprio Deus Sol (Rá)<sup>37</sup>, que unido a Nut, a abóboda celeste, era detentor de todos os saberes e de todos os caminhos, pois ele era capaz de engolir a noite com todas as suas trevas e fazer renascer a cada manhã a luz e a plenitude. Era somente por meio do topo da pirâmide, que seria possível ao faraó morto, sepultado na base desta, transcender ao paraíso. Destarte, os profissionais da educação representariam para a ISA o corpo dócil, mumificado, manipulável, estático, que está na base da pirâmide e que necessita de sua intervenção divina para ultrapassar o *status* de professor bom (reles mortal) para tornar-se um professor fascinante. Dessa forma, a ISA seria a representação da própria luz que por meio das enunciações conseguiria manipular o imaginário da ISL.

---

<sup>36</sup> Isso na perspectiva da ISA.

<sup>37</sup> Lembrando que os egípcios eram politeístas e acreditavam na vida após a morte.



Assim sendo, na perspectiva da ISA, é substancial que o sujeito discursivo professor não possua uma postura política frente aos seus alunos e tão pouco que provoque conflitos. É necessário que se priorize um processo de ensino-aprendizagem apaziguador, que induza os sujeitos discursivos professores não a um deslocamento, a uma tomada de posição, mas a ocupar um lugar de submissão ante o real delineado pela ISA na literatura de autoajuda. Dessa forma, coloca-se a culpa dos problemas educacionais sobre a ISL tentando por meio de estratégias linguístico-discursivas, persuadi-lo de que os alunos são como espelhos que refletem e refratam a postura adotada pela Instância Sujeito Leitor. Espera-se que a ISL seja neutra diante das situações e das adversidades e que este seja capaz de orientar seus alunos a seguirem o mesmo percurso, que se adote um discurso que agrade a maioria, que se prime pela passividade e não pela tomada de posição.

É possível afirmar que há, na obra em análise, uma simulação por meio de um real idealizado dos possíveis erros que os sujeitos professores cometem ao longo de suas práticas educacionais e que seria justamente por isso que a educação se encontraria no atual caos. Em seguida, apresentam-se as sete condutas que seriam capazes de solucionar todos os problemas educacionais do mundo. Entretanto, o que não é discursivizado nos dizeres do texto é o massacre ao qual se submete a figura do sujeito discursivo professor. Um massacre que é atravessado por uma historicidade (diz respeito ao paradoxo em que esta instância sujeito está inserida, já que este possui uma enorme carga/responsabilidade social e em contrapartida é desvalorizado enquanto profissional e, sobretudo, no que concerne a remuneração), por uma memória discursiva (já que é constitutivo da memória discursiva de grande parte da população que ter um professor é importante, mas ser um professor é a última opção entre os cursos oferecidos pelas universidades, ou ainda, estar um docente pode ser uma boa empreitada se for apenas um bico que se pode exercer durante algum tempo quando se está desempregado), por esse discurso que vem impregnado de FDs que circulam no âmbito social e acadêmico que se referem à ilusão de controle e dominação do saber, simulação de domínio sobre si e sobre os outros. Esse amálgama discursivo seria atravessado/constituído por meio da simulação do interdiscurso no intradiscurso. Além disso, é por meio do tripé discursivo, constituído pelo discurso capitalista, o discurso religioso e o discurso da pedagogia da família que se é possível pensar em outros atravessamentos que perpassam o discurso da autoajuda curyano, os quais desvelam seu funcionamento.

Destarte é possível estabelecer aqui um paralelo com o que ocorria no período da ditadura militar em que os sujeitos eram manipulados através de estratégias arquitetadas pelo regime em que se priorizava um comportamento de submissão. Vale ressaltar que nesse

período, o que preponderava era o abster-se dos direitos sociais em detrimento de um bem estar ilusoriamente individual, que seria capaz de conduzir a nação a um estado de democracia. Essa discursividade castradora, violenta, manipuladora que circulava livremente nas várias esferas sociais e principalmente o âmbito educacional, no período da ditadura militar, ainda permanece entremeada, constitutiva no discurso pedagógico de uma maneira geral, mas que é dissimulado sob a aparência de uma falsa autonomia.

Tal qual no período da ditadura, espera-se que os alunos adotem posturas sempre semelhantes, com respostas pré-determinadas, o enfoque está nos números e não no processo de ensino-aprendizagem. A prioridade não é um ensino crítico-reflexivo, mas sim conferir certificações a grupos de pessoas que sequer conseguem ler e escrever com proficiência. Os livros didáticos são preparados para que seja possível a manutenção desse discurso aparentemente democrático e que grande parte dos professores assume como se fosse à única possibilidade de se partilhar o conhecimento.

Desconsidera-se que deveria haver uma interação entre as pesquisas que são produzidas e discutidas nas Universidades e a prática dos professores em-serviço, posto que levar esse conhecimento aos professores que atuam em sala de aula poderia ampliar suas possibilidades de atuação com os alunos. Acreditamos que é substancial que a ISL seja um pesquisador, mas não um estudioso que acumula resultados, estatísticas, que tenha como foco apenas produzir conhecimento que será arquivado e lhe conferirá um diploma. Entendemos que há uma urgente necessidade de que esses conhecimentos cheguem às escolas, invadam as salas de aula e possa de alguma forma propiciar algum tipo de intervenção no universo da educação. Não temos como objetivo ditar receitas, mas problematizar essas questões e suscitar reflexões. Temos plena ciência de que ter esse desejo constitui-se enquanto uma ilusão de completude, mas que cremos ser necessária, para que de alguma forma possamos contribuir com o universo do qual fazemos parte, que nos constitui, já que nos inscrevemos enquanto sujeitos professores e pesquisadores.

Por isso, interpela-nos de forma tão intensa a discursividade contida nos manuais da autoajuda, especialmente do *corpus* em análise, que tem como propósito, manipular, dar receitas, construir REIS que reforçam essa discursividade da corpodocilização, do acomodar-se a aquilo que lhe é oferecido pelas instâncias institucionais como única forma de conhecimento, de buscar dentro de si uma solução para um problema que é social, histórico e essencialmente ideológico, como se essa ação/intervenção de fato fosse possível considerando apenas esses fatores. Entendemos que é por meio das relações sócio-históricas e ideológicas que os efeitos de sentido se instauram através da discursividade, pois os discursos, enquanto

efeito, são produzidos por e para sujeitos e são constituídos pela interpelação social que a ISL possui, considerando sua relação com os outros e com o Outro<sup>38</sup>.

Desta feita, acreditamos que existe uma vastidão de Formações Discursivas (FDs) e que ao identificar-se com determinadas FDs, a ISL “posiciona-se e reflete projeções axiológicas em que elementos do interdiscurso, agenciados pela Memória Discursiva (MD) são incorporados/dissimulados no eixo enunciativo de seus dizeres” em relação ao pré-construído (FERREIRA-ROSA, 2009, p. 73-74). Por isso, o foco de nosso propósito é analisar as manifestações das REIS no discurso na obra curyana em análise, pois acreditamos que esse amálgama discursivo produz uma plurivocalidade. Essa percepção acerca da dispersão dos sentidos, segundo Ferreira-Rosa (2009, p. 43-45) se constitui em um espaço que é exterior ao texto, mas que se instaura “na e pela linguagem, estendida ao infinito,” por isso um texto nunca pode ser concebido enquanto transparente, pois os sentidos são construídos produzindo efeitos. Assim, é por meio da materialidade linguística que é possível transcender ao mundo imaginário que se projeta e se constrói na mente de quem o imagina quando lê um texto. Portanto, instaura-se, por meio da materialidade linguística, tendo como ligação o imo imaginário, um estereótipo de imagem de identidade, idealizada, sobre o Real Físico ( $R_F$ )<sup>39</sup> da ISL a qual poderia ser assim elucubrada. Desta feita, hipotetizamos que a ISA procede a uma transferência do Real da Literatura ( $R_L$ ) para o real da ISL, vislumbrando a construção de um olhar-outro deste em relação as suas condições de produção. Dessa forma, a ISA utiliza-se dos aspectos sócio-históricos e ideológicos para demarcar a instauração deste processo.

Foi, no século XVI segundo Merenciano (2009), que emergiu, especialmente na Europa, o movimento literário denominado Renascimento, também conhecido como quinhentismo. Esse movimento de produção artística e científica foi um divisor de águas na vida do ser humano. Até então os sujeitos trabalhavam sempre em prol do coletivo, para o bem estar da comunidade. Com o início da cultura moderna o homem passou a ambicionar e a valorizar a inteligência, o conhecimento e a produção artística. Foi neste período que o homem realizou um deslocamento ideológico, haja vista que deixou de crer no teocentrismo – Deus no centro do mundo – e passou a considerar o antropocentrismo – o homem no centro do mundo e das coisas.

Assim, o homem começou a refletir sobre a necessidade de se autorrealizar, especialmente no âmbito pessoal, apregoando que para se alcançar tal veleidade era

<sup>38</sup> Estamos entendendo o outro, neste caso, enquanto o que é exterior ao sujeito, incluindo os outros sujeitos do processo discursivo, as CPs, a MD e o Outro, o seu inconsciente.

<sup>39</sup> Estamos entendendo o  $R_F$  enquanto o real concreto, com o qual a ISL se depara com ele.

necessário se expressar, ter convicção e fé. Era preciso acreditar que este possuía internamente um potencial oculto, capaz de fazê-lo conquistar tudo o que desejasse, sobressaindo-se aos demais. É nesse cenário, tal qual a uma panaceia que assegurava conter as receitas capazes de promover a cura para diversos males de natureza física ou moral, que, segundo Rüdiger (1996, p. 62), a literatura de autoajuda surgiu, como um gênero marginal que teve seu ápice no início do século XX.

Esse movimento, que diz respeito à busca da autorrealização, surgiu no contexto da cultura anglo-saxã, a partir do texto de um médico escocês chamado *Samuel Smiles*. O texto *Self-help* (Auto-ajuda), publicado em 1859, foi traduzido em oito línguas, objetivando ensinar a prática da força de vontade aplicada aos bons hábitos no cotidiano. A ideia essencial, neste primeiro momento, era fazer com que o sujeito se apropriasse da sua vida por meio do cumprimento dos deveres para com o seu próximo e para consigo mesmo. Ser politicamente correto<sup>40</sup>, segundo os preceitos sociais, ter uma conduta aceitável socialmente tanto consigo mesmo quanto para com o próximo, eram e são noções constitutivas da literatura de autoajuda e que se assemelha(va)m aos princípios religiosos.

Nessa conjuntura, a literatura de autoajuda teve como um de seus pilares fundadores o discurso da religiosidade, em que exist(e)ia um ser superior, dotado do conhecimento supremo, legitimado socialmente, capaz de delinear caminhos e condutas, a supremacia sobre os demais seres da humanidade; um veículo de comunicação entre este ser superior e o sujeito a ser conduzido e o próprio sujeito receptor que impotente diante das adversidades e dificuldades na sociedade, tanto em sua relação consigo mesmo como em sua relação com os outros, se vê diante da possibilidade de “sendo uma boa pessoa”, ou seja, seguindo os pressupostos da autoajuda alcançar o *status* almejado. Existe nessa discursividade uma mescla de coisas que seriam oportunas fazer, relacionadas a algumas proibições que resultariam em um processo interditório<sup>41</sup> do sujeito em que para ser feliz ele deveria agir conforme os postulados de uns em detrimento dos outros.

Em um segundo momento, como nos elucida Merenciano (2009), por meio da discursividade da autoajuda, procurou-se difundir o preceito no qual residia o sentido da existência, isto é, para que a vida possuísse sentido seria necessário desenvolver plenamente a personalidade, concebendo para tanto a figura do homem que consegue ajudar a si mesmo – *self-help man* – que tem como âncora existencial o auto-cultivo de um programa de formação

---

<sup>40</sup> Referimo-nos a *ser politicamente correto* no sentido de se seguir àquilo que é instituído socialmente como sendo padrão de conduta.

<sup>41</sup> Estamos tomando a interdição na perspectiva de Fiorin (1988).

– espiritual e social. Nesse sentido, já não bastava apenas ter uma conduta que rendesse um bom convívio social, aceitação e reconhecimento, pois nessa ocasião, formar-se espiritualmente significava mais do que ajudar a si mesmo, expressava a possibilidade de ter controle sobre sua conduta e sobre os efeitos que emergiam dessas práticas, obter vantagens sobre os outros e sobre as situações, uma vez que se intensificava a ilusão de completude por meio do controle da mente e da sociedade. Como podemos observar no opúsculo *Apologia de Raimundo de Sebond* (séc. XIII) de M. Montaigne, em que há o relato da possibilidade de se conhecer interiormente e de se captar o ser, especialmente por meio da religião, pois somente através de uma força divina existiria a possibilidade de mudar a si mesmo e de controlar o outro.

Dessa maneira, passa a tornar-se explícito o discurso capitalista, pois gradativamente, de acordo com Merenciano (2009), a literatura de autoajuda foi sendo congregada como sendo uma categoria do pensamento, como a possibilidade de controlar a mente e de alcançar consciência superior ante os processos de mentalização. Passou-se então ao estágio da composição de técnicas que se resumiam em formas de se modelar exteriormente as condutas e a personalidade, com o intuito de obter ascensão e aceitação social, realização pessoal e espiritual. Como exemplo dessa linha de raciocínio podemos citar a obra *O Príncipe* (1513), de Maquiavel<sup>42</sup>, em que este elaborou um manual de política com direcionamentos de como governar.

Através dessa percepção superior aos demais seres humanos, buscava-se a modelização do ser, a fórmula capaz de abarcar as faces do triângulo – formado pela ascensão social, pela paz espiritual e pela individualidade superior, por meio de um discurso alienante de poder sobre si mesmo, sobre o outro, sobre o que era enunciado e sobre os efeitos de sentido subjacentes a essas enunciações, por meio de condutas pré-determinadas e pelo poder da palavra.

Para Rüdiger (1996), compõe essa literatura propostas de aleivosas curas, domínio da mente e ascensão social, cuja proliferação atrai pessoas de inúmeras classes sociais, ávidas por sanar definitivamente situações que acreditam ser de cunho individual. Entretanto, entendemos que a literatura de autoajuda, assim como nos elucida Lipovetsky (1997), é um produto aparentemente individualizado, já que é produzido na justa medida do que seria oportuno socialmente e que as diversas obras, cada qual dentro de sua temática específica, apresentam as mesmas estruturas, sem grandes variações. Desta feita, de forma generalizada,

---

<sup>42</sup> Maquiavel viveu em Florença na Itália, durante a Renascença.

ou seja, ignora as especificidades, discorre-se sobre problemas sócio-históricos e ideológicos que são comuns a grande parte dos sujeitos, e, em seguida, apresenta-se, por meio manualístico, as soluções aparentemente eficazes.

Apesar de o leitor ter a ilusão de estar construindo o seu real, é identificável, na discursividade curyana, que é um misto de estilhas de formas clássicas que colocadas em outro contexto, (já que em sua maioria, os autores fazem uso de frases de efeito, que fazem parte do senso comum), dentro de uma conjuntura motivacional, ganham outros sentidos. Nesse aspecto, como nos elucida Pêcheux (1997, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo,” de deslocar-se discursivamente para produzir outro sentido, pois este não é compreendido como uma unidade fixa, já que é histórico e, por isso, pode deslizar-se para outro.

Enquanto aparato que visa orientar a ISL, a literatura de autoajuda surge como uma possibilidade reveladora de modelar o ser, de induzir o sujeito a se deslocar nos processos de identificação para assumir outras identidades. E, mais do que isso, emerge como a possibilidade de manipular o outro e a partir dessa manipulação conceder ao sujeito leitor a possibilidade de obter sucesso.

Com a grande aceitação, por parte da sociedade, a autoajuda passou a ser uma arma de dominação social, já que os preceitos capitalistas, especialmente da mais-valia, a docilização<sup>43</sup> do sujeito leitor, se tornaram um caminho viável para que fosse possível manipular ideologicamente uma grande quantidade de pessoas, a partir daquilo que elas gostariam de ouvir e não do que de fato vivenciam. Dessa forma, produz-se no sujeito leitor um estado de conformação e aceitação de tudo o que lhe é imposto socialmente. Nesse ponto de vista, haveria um processo de inversão de obrigatoriedade/direitos e, sobretudo, de responsabilidade social, pois se retira a parcela que caberia a outras instâncias sociais enquanto contribuintes do bom funcionamento da sociedade e coloca-se como sendo dever/responsabilidade apenas do sujeito leitor.

Na acepção de Rüdiger (1996), a literatura de autoajuda pode ser definida segundo algumas vertentes, entre elas podemos citar: a primeira orientação que se encontra ligada à prática do *pensamento positivo*, as obras com esse direcionamento, que abarca obras que tem como meta ensinar ao sujeito formas de organização, para que seja possível administrar melhor os problemas acarretados no dia a dia, ao longo de seu percurso histórico. Utilizando a meditação como ferramenta de controle e de equilíbrio do corpo e da mente, parte-se do

---

<sup>43</sup> Docilização no sentido de tornar assujeitado as CPs, sem questionar, submetendo-se à classe dominante, aos seus anseios e desejos.

pressuposto que o sujeito conseguiria promover um reencontro consigo mesmo, isto é, uma retomada de si, como nos elucida Duarte (2008). O segundo direcionamento visa às *relações interpessoais*: ser bem sucedido irá depender da forma como o sujeito manipula o outro e dele obtém os melhores resultados. E, por último, o terceiro direcionamento que se volta para as *condutas morais*: obter sucesso dependerá da superação da descrença do sujeito nele mesmo para que possa constituir-se como sujeito moral de uma conduta aceita socialmente. E é nesse direcionamento que nos focaremos ao longo desta alteração.

E é considerando tais reflexões que no próximo capítulo, passaremos à apreciação da fundamentação teórica que seguiremos para sustentar nossa proposta.

## CAPÍTULO 2

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: demarcando um *olhar-leitor***

*Todo nosso trabalho encontra aqui sua determinação, pela qual a constituição do sentido junta-se à da constituição do sujeito, e não de um modo marginal [...] mas no interior da própria “tese central,” na figura da interpelação. (PÊCHEUX, 1997, p. 153)*

*Objeto do fantasma “da fantasia” não coincide com o objeto de amor [...] ao contrário do objeto do fantasma, o objeto de amor é com frequência marcado pela idealização, ou ainda pelo narcisismo, o que leva mais de um apaixonado a constatar que aquilo que ele ama no outro é o reflexo de sua própria imagem, mais ou menos idealizado. (LACAN, 1966, p. 67)*



## **2.0 Introdução**

Neste capítulo teceremos algumas considerações sobre os construtos teóricos, os quais foram balizados tendo por referência os estudos concernentes à Análise do Discurso de Linha Francesa (ADF), cujo percussor foi Michel Pêcheux, em uma interface com os estudos percorridos por Bakhtin e o Círculo. Dessa maneira, além de utilizarmos a base teórica e referencial, ressaltamos que constantemente recorreremos à filosofia, percorrida por Frege e alguns conceitos da Física, elucubrados por Capra (1989). Dessa forma, tentamos estabelecer uma relação entre o engendramento das Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) na literatura de autoajuda, os possíveis processos de identificação que transpassam a constituição da Instância Sujeito Leitor (ISL). Além disso, utilizaremos também as contribuições de Duarte (2008) acerca dos processos de subjetivação identitária.

É com o intuito de discorrer de forma pontual e verticalizada sobre as noções que norteiam o dispositivo teórico e a construção do olhar analítico que dividimos este capítulo em duas partes, sendo que nos dois primeiros tópicos discorreremos sobre a interpelação pela Análise do Discurso Francesa e o trabalho de interface que pretendemos desenvolver e no terceiro e quarto tópicos sobre cada um dos conceitos que utilizamos como referência durante a análise. Destarte intentamos construir nossa percepção acerca da teoria produzida, inter-relacionando-a ao amálgama discursivo, constitutivo da literatura de autoajuda.

### **2.1 Inscrição, Interpelação: lugar teórico**

#### **2.1.1 A Interpelação pela Análise do Discurso Francesa**

Muitos são os motivos que nos impulsionam a construir um olhar tendo como baliza os estudos concernentes à Análise do Discurso Francesa, uma vez que o discurso não se faz apenas por meio de um amontoado de regras gramaticais, restrições gramatigueiras, mas sim, como nos esclarece Carvalho (2008, p. 17), “por uma restrição inerente ao campo da enunciação” que delinea e, sobretudo determina “o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971, p. 103). Dessa forma, inscrevemo-nos nesse campo do saber por termos ciência de que não nos bastaria descrever estruturas, aceitar conceitos e verdades inquestionáveis, uma vez que cremos que a língua é dinâmica e possui uma funcionalidade, que produz sujeitos, efeitos e sentidos. Não nos sentiríamos de fato pesquisadores, se não nos fosse concedida a

oportunidade de construir um olhar sobre os efeitos subjacentes às enunciações produzidas no crivo da alteridade entre construções relacionadas à língua, ao sujeito e exterioridade.

Isto posto, torna-se oportuno enfatizar que a Análise do Discurso Francesa nos coloca diante da opacidade da linguagem, que é atravessada pela ideologia. Logo, não é atribuição do analista do discurso instaurar uma verdade, ou um único sentido possível nas inscrições discursivas em análise, pois o objetivo é proceder a um gesto de leitura, de interpretação, haja vista que o analista coloca-se enquanto um intérprete que constrói uma percepção e ao mesmo tempo busca incessantemente entender o seu funcionamento, sendo necessário, portanto, um deslocamento. Assim o escopo teórico atua como uma forma de mediação entre a observação/contemplação do engendramento discursivo e os efeitos de sentido subjacentes a discursividade instaurada.

Segundo Mazière (2007, p. 8), a análise do discurso, por ser uma área epistemológica, que se opõe a língua individual, poderia ser evocada enquanto um campo construído “em nome de um objeto complexo, que seria a linguagem ‘real,’ oposta ao objeto ‘ideal,’ a língua do linguista.” Deste modo, trabalharemos com a noção de discurso delineada por Michel Pêcheux, a qual se constitui em um campo investigativo em torno dos sentidos produzidos a partir de enunciados que se inserem em determinadas condições de produção (CPs), cuidadas pelas formações discursivas (FDs)<sup>44</sup>, e constituídas a partir de uma memória discursiva (MD). É pelo viés dessa conjuntura que intentamos analisar como se constrói o funcionamento da discursividade curyana, viabilizado pelas REIS mediante os processos de identificação do sujeito discursivo leitor com a discursividade da autoajuda.

Para Malidier (2003, p. 20), foi em meio o estruturalismo, que imperava em 1960, vislumbrando a articulação epistemológica entre linguística, psicanálise e marxismo, que Michel Pêcheux, através de uma crítica aos métodos das variantes da análise de conteúdo e das formas de aplicações estruturalistas aos variados domínios, abriu espaço para a construção de um objeto teórico no qual “ele é o primeiro modelo de uma máquina de ler que arrancaria a leitura da subjetividade”. Dessa forma, foi sob a égide dessa conjuntura, na constituição do discurso, que esse autor inventariou constituir um lugar teórico que extrapolasse o olhar simplesmente empírico sobre a realização da linguagem, a partir do entrecruzamento entre língua, história e sujeito, perpassando os campos da linguística, da história e da psicanálise. Desta feita, como nos esclarece Ferreira-Rosa (2009, p. 26) a Análise do Discurso Francesa “é o lugar da contradição,” haja vista que se constitui enquanto um campo movediço dos

---

<sup>44</sup>Termo inicialmente proferido por Foucault, mas que foi ressignificado por Michel Pêcheux, enquanto um objeto linguístico que traz em sua conjuntura uma amálgama ideológica.

sentidos, que se constrói a partir de deslocamentos, atravessamentos históricos e sociais, permeados de inscrições ideológicas.

É imprescindível pontuar que, na perspectiva pecheutiana, o liame entre o que se denominou estruturalismo e marxismo funda um ideal de intervenção política calcada na linguística. Assim, segundo Pêcheux (1997, p. 44), fazia-se necessário construir uma outra percepção sobre a política, por meio da ressignificação do signo linguístico, do simbólico, abrindo uma fenda irreduzível “contra o narcisismo (individual e coletivo) da consciência humana.” Por conseguinte, entendemos que ocupar a forma-sujeito analista do discurso, implica em proceder a um exercício constante de significar e ressignificar, a partir de um posicionamento crítico, político e ideológico, pois construir um gesto de interpretação significa posicionar-se frente a si mesmo, frente ao texto enquanto materialidade discursiva, frente ao (O)outro, no interior da própria teoria e naquilo que é exterior ao texto, viabilizando ao leitor a possibilidade de, a partir de uma tomada de posição, colocar-se frente os sentidos produzidos pelo texto.

Assim, tal qual ao percurso apresentado por Pêcheux (1984, p. 15), não pretendemos nos instituir como “especialistas da interpretação,” pretendemos unicamente “construir procedimentos que exponham o *olhar-leitor* a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito.” Dessa forma, a grande interpelação, especialmente desafiadora, é tentar construir um olhar sem neutralizar os sentidos imanentes ao texto e ao mesmo tempo proceder a um pensamento crítico-reflexivo marcado, sobretudo, pelo olhar sobre o texto enquanto um objeto político e, por isso mesmo, instaurador de ideologias. Tecidos os construtos iniciais, passamos agora à caracterização da pesquisa.

#### **2.1.1.1 A Escolha dos Fundamentos Teóricos: um trabalho de interface**

A proposta deste trabalho é descrever/interpretar e posteriormente analisar o funcionamento discursivo do opúsculo de autoajuda em análise, refletindo sobre a constituição/instauração de uma discursividade mediada pelas REIS veiculadas por meio da instância sujeito Augusto Cury, o qual propõe ao sujeito discursivo leitor, mais especificamente ao sujeito discursivo professor, uma incursão metodológica em sua prática de sala de aula, com o intuito de instaurar no imaginário desse sujeito a possibilidade de se inscrever no real veiculado pela literatura de autoajuda. Dessa maneira, seguindo os passos propostos na/pela obra, o sujeito professor se tornaria apto a abandonar o *status* de bom

professor e assumir, por meio do controle do processo de ensino-aprendizagem, o *status* de professor fascinante.

A trama conceitual delineada pela Análise do Discurso de Linha Francesa funcionará enquanto suporte teórico para nossa pesquisa. Quanto aos estudos da filosofia e da física, constituirão uma base complementar de interface na pesquisa. A filosofia e a lógica servirão para que se constitua, como nos esclarece Santos (2007, p. 187), “uma interseção teórica na constituição filosófico-retórica dos conceitos.” Quanto à física, esta atuará de forma a instaurar uma “alteridade epistemológica, balizando conhecimentos de um campo de saberes em relação a outro” (SANTOS, 2007, 187).

Sobre essa inter-relação temos a seguinte elucidação:

Essa organização epistemológica dá origem a uma interface que baliza ações reflexivas em torno dos campos de conhecimento integrados. Assim, essas ações constituem posições refratárias dessa interseção teórica, traduzindo ações pragmáticas, configuradas pelo crivo dos conceitos envolvidos na interface. (SANTOS, 2007, p. 188).

Destarte, não é nosso intento utilizar termos da física quântica, ou da teoria da relatividade *ipsis littere* ao campo da área das exatas, mas sim, lançar um olhar sobre os efeitos produzidos a partir da interação entre os elementos constituídos, constituintes e constitutivos desse campo do saber, procedendo a um gesto de interpretação sobre os fenômenos resultantes do processo de interação entre os elementos da física, de modo à ressignificá-los. Acreditamos que ao estabelecer uma relação de interface, poderemos fazer de forma mais detalhada a triagem<sup>45</sup> de sentidos, na relação que pretendemos construir a partir do Dispositivo-analítico Nonessência em duplo-vetor. Para tanto, utilizar-nos-emos da noção de discursividade a qual se constitui, tal qual nos esclarece Santos (2007), a partir de uma conjunção de elementos sócio-históricos e ideológicos capazes de provocar deslocamentos a partir dos efeitos de sentido produzidos em uma esfera enunciativa.

Logo, este estudo em uma perspectiva de interface, propõe proceder a um rastreamento das questões lógico-linguístico-discursivas inerentes ao funcionamento da discursividade da autoajuda, as quais acreditamos que viabilizam o processo de identificação sujeitudinal. Optamos por referendar tal abordagem teórica, inicialmente, devido a grande afinidade que possuímos com o mundo da física e da filosofia, e posteriormente, por conta das pesquisas e

---

<sup>45</sup> Segundo Santos (2004, p. 109-110) a triagem diz respeito aos referenciais “intra-epistemológicos e sócio-históricos-culturais” do sujeito. “Trata-se, pois, de uma filtragem de sentidos, realizada pelos sujeitos, tomando por parâmetro, uma relativização entre os seus referenciais discursivos e os sentidos a que são expostos na dinâmica dos processos enunciativos”.

experiências de bancada apresentadas e discutidas no interior do Grupo Laboratório de Estudos Polifônicos, da Universidade Federal de Uberlândia (LEP/UFU). Nessas reuniões, a partir de encontros inicialmente semanais e posteriormente quinzenais, procedemos a uma gama de leituras de obras clássicas da Análise do Discurso de Linha Francesa e também da Análise Dialógica do Discurso, vislumbrando lançar um *olhar-leitor* de cunho epistemológico sobre essas materialidades, conjecturando sempre considerar as interfaces que poderiam balizar um engendramento reflexivo, por meio de conhecimentos que, embora pertencessem a diferentes áreas, possuísssem uma alteridade epistemológica de integração significativa.

Desta feita, faz-se oportuno ressaltar que não acreditamos em uma ciência ou área do saber que se constitua essencialmente por ser objetiva, axiologicamente autossuficiente, do mesmo modo que não cremos que exista um campo do conhecimento valorativamente neutro. Ao contrário, entendemos essa escolha teórica enquanto uma tomada de posição essencialmente política, em que qualquer caminho é apenas um caminho, e não existe afronta, para nós ou para outros, basta olhar para cada caminho experimentando-os em sua essência, (CASTANHEDA, 1970), tantas vezes quantas forem necessárias, considerando sempre que o conhecimento é mutável e está em constante processo de alteridade epistêmica com outros campos do saber.

Na acepção de Malidier (2003), a Análise do Discurso de Linha Francesa teve um duplo alicerce, centrado em Dubois e Michel Pêcheux, baseado na expansão da linguística e na possibilidade da criação de uma nova disciplina que seria a Análise do Discurso. Foi na conjuntura sócio-histórica e ideológica da França entre os anos de 1968 e 1970 que emergiu a Análise do Discurso Francesa, tendo por base o marxismo, a linguística e atravessamentos da psicanálise, a qual Pêcheux denominou mais tarde como sendo a tríplice aliança. Dubois era linguista, lexicólogo, já consagrado na época e Pêcheux, por sua vez, era filósofo, situando-se no campo da história das ciências. Este concebia a Análise do Discurso Francesa enquanto uma ruptura epistemológica em relação ao que se pensava sobre os conhecimentos das ciências humanas e as questões do discurso com o sujeito da ideologia. Aquele, por sua vez, concebia esse campo teórico por meio de um *contínuum* pensando na passagem dos estudos lexicográficos ao estudo da enunciação discursiva, o que se caracterizava enquanto um processo viável segundo a abordagem linguística.

Nessa perspectiva, pensar a constituição desse campo epistemológico, e especificamente do sujeito, dentro desse processo, na perspectiva de Pêcheux, significa refletir sobre a contraposição do sujeito descentrado, crivado a uma filosofia idealista da linguagem, já que Pêcheux (1988) declara que o sujeito não seria algo pronto, mas que se constituiria na/pela

linguagem por meio do discurso. Assim, sentido e sujeito se comporiam por meio de um processo de alteridade, da tomada de posição que só é possível porque existe a interpelação ideológica, por isso o sentido não se constituiria em algo fixo, identificável apenas pela sua relação com o significante, mas mutável, opaco, determinado pelas posições sócio-ideológicas e históricas em que as palavras são enunciadas.

Desse modo, pensar na noção de sujeito em Pêcheux significa refletir também sobre o lugar discursivo que este sujeito ocupa dentro da enunciação, que se constitui por meio de formações discursivas condicionadas pelas formações ideológicas que o constituem. Essas formações discursivas, por sua vez, não realizam um movimento cíclico, fechado, mas estabelecem uma relação paradoxal com aquilo que seria exterior, constituído sob a forma do pré-construído, resultando na interdiscursividade, que seria aquilo que irrompe no interior de uma formação discursiva. Nesse sentido, já estabelecendo algumas relações com outros campos do saber, é possível discorrer que segundo Capra (1989), a física constitui-se enquanto uma ciência ocidental, que tem como âncora a filosofia grega. O seu principal objetivo enquanto campo do conhecimento é desvendar a natureza essencial, ou constituição dos fenômenos resultantes da física.

O termo físico significa a tentativa de ver a essência das coisas, desvelando seu funcionamento, analisando seus efeitos, o que vai ao encontro com nossa proposta inicial, que diz respeito ao desejo de compreender o engendramento do funcionamento da discursividade da literatura de autoajuda. Quanto à entrada na filosofia analítica, mais especificamente na Filosofia da Linguagem relacionada à lógica, é possível relatar que esta se justifica devido ao fato de que a filosofia, como nos esclarece Alston (1975, p. 13), excede a mera atividade “puramente verbal”, já que extrapola a nomenclatura de uma ciência que reúne fatos sobre reações químicas, estruturas sociais. Nessa perspectiva, tomamos o sujeito enquanto um ser que não vive em um universo meramente físico, mas que se constitui por meio de um universo simbólico, por meio do qual produz significações e efeitos de sentidos. Assim, o sujeito enuncia e produz sentido(s) também por meio de emoções imaginárias<sup>46</sup>. Desta feita, iremos tomar a filosofia enquanto uma arena de lutas ideológicas essencialmente mediadas pela interação verbal, pela constituição de sujeitos e pela produção de sentidos. Isso significa submeter tanto os conceitos da filosofia quanto a materialidade linguístico-discursiva a um laboratório, no qual buscaremos extrair a essência da significação, por meio de um *olhar-*

---

<sup>46</sup> Estamos entendendo estas *emoções imaginárias* enquanto efeito subjacente à construção das REIS.

*leitor*<sup>47</sup> sobre as construções discursivas, o que possibilitará um rastreamento dos mecanismos de construção e funcionamento desses discursos.

Logo, a releitura essencialmente filosófica de alguns conceitos da física, como a teoria da relatividade e a física quântica, aliada a construção de nosso *olhar-leitor* sobre alguns conceitos da Filosofia da Linguagem, como cronotopo e exotopia, contribuirão para a edificação de uma percepção sobre as construções discursivas da obra em análise. Para isso tomaremos como âncora referencial a Análise do Discurso Francesa (ADF), que se constitui enquanto um suporte desvelador da nossa posição-sujeito, ocupante de um lugar discursivo de analista do discurso que considera a produção de sentidos enquanto um *devoir* e que é transpassado por uma memória discursiva e por determinadas condições de produção, produzindo efeitos de sentidos múltiplos, que se caracterizam essencialmente enquanto uma tomada de posição política. Deste modo, passamos agora a delimitação de algumas fronteiras<sup>48</sup> dentro da pesquisa.

### 2.1.2.1 Delimitando Fronteiras

Apesar de inicialmente a base dos estudos pecheutianos sobre o discurso terem se pautado nas noções de lógica, filosofia e linguística, é imprescindível registrar e pontuar a importância dos pensamentos de Lacan e, sobretudo de Althusser, ao longo da construção da teoria do Discurso de Linha Francesa, delineada por Michel Pêcheux. Não é nosso intento, proceder a um apagamento do marxismo presente na teoria bosquejada por este autor, pois acreditamos que existe um imbricamento de vozes que se integram para enunciar sobre a noção de sujeito, sentido e discurso. Segundo Gadet & Pêcheux (1997, p. 36), a Análise do Discurso Francesa se colocou no entremeio do “sujeito da linguagem” e do “sujeito da ideologia”, buscando rastrear e discernir “as relações entre a ‘evidência subjetiva’ e a ‘evidência do sentido’,” sendo que o discurso se localizaria no interstício das evidências subjetivas e do sentido.

Escolhemos, enquanto delineamento para essa pesquisa, opor materialidade linguística e discursividade subjacente à enunciação curyana, posto que entendemos que é no entremeio das bases de construções linguísticas, previamente apresentadas, que emergem os processos discursivos. Temos ciência que ao propor essa articulação estamos nos expondo e assumindo

<sup>47</sup> Especificamos como sendo *um olhar-leitor* porque o que pretendemos desenvolver ao longo deste trabalho é apenas uma das inúmeras possibilidades interpretativas sobre o material em análise.

<sup>48</sup> Fronteira não no sentido de limite de sentidos, mas a delimitação de nosso *olhar-leitor* sobre a teoria.

o risco da escolha de um percurso teórico um tanto abstruso, nos abrindo ao olhar do outro e coextensivamente ao Outro, por meio de um arranjo teórico que se configura enquanto uma tomada de posição. Assim, entendemos que a literatura de autoajuda é uma maquinaria essencialmente ideológica que atua entre seus leitores como forma de dominação da ISL. Queremos, portanto, analisar as FDs que flutuam em torno desse núcleo (da discursividade da autoajuda), e que são atravessadas por um processo de assujeitamento contínuo, intermitente, que evoca vozes de uma memória discursiva sobre o que seria ser professor e a conduta ideal que os docentes deveriam seguir para serem considerados competentes.

Além disso, ao optarmos por esse trajeto, queremos demonstrar que as análises, que emergiram posteriormente, não são fruto de uma atividade cognitiva do analista, ou um puro pensamento que foi acidentalmente construído. Ao contrário, queremos demonstrar que como nos apresenta Pêcheux (2009, p. 82), a “discursividade não é a fala (parole)”, entendida de forma unívoca e individualizada, mas sim, um processo discursivo que remete a “práticas de classes” e não a condutas subjetivas e que as percepções aqui colocadas tiveram como baldrame um lugar de entremeio. Entendemos esses processos discursivos, de acordo com a perspectiva de Gadet & Pêcheux (1997, p. 181), “como o resultado da ação regulada de objetos discursivos correspondentes a superfícies linguísticas que derivam, elas mesmas, de condições de produção estáveis e homogêneas.”

Desse modo, esse acesso ao processo discursivo é obtido por uma dessintagmatização que advém da zona de ilusão esquecimento nº 1. Por essas razões, parece-nos contraditório discorrer apenas sobre a materialidade linguística e/ou apenas o processo discursivo, por isso, optamos, por partir do ponto lógico-linguístico, tendo como fio condutor o caráter material do sentido, balizado pelos processos de identificação-interpelação e imaginário, a fim de discorrer sobre o funcionamento das representações que são construídas por meio das REIS na literatura curyana.

Por este viés, tomamos a concepção de língua na perspectiva pecheutiana (2009, p. 82) que a entende enquanto um processo discursivo que se “inscreve em uma relação ideológica de classe.” Estamos assumindo a língua, tal qual a Pêcheux (2009, p. 82), que a compreende, não enquanto uma megaestrutura que pode ser subdividida em subclasses, ou como algo cadavérico, que possui um corpo que pode ser dissecado, dividido em pedaços e a partir daí ser estudado em partes, separadas, desconexas, mas como uma língua de classes, “com suas próprias gramáticas de classes,” que é utilizada em prol da sociedade e que necessita de um “exame crítico”. Por isso não entendemos a língua enquanto mero instrumento de comunicação, ela seria apenas uma parte do *iceberg*, pois ao mesmo tempo em que esta



permite e efetiva o ato comunicativo ela funciona como uma *não-comunicação*, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade”, já que por vezes não faz em “primeira instância,” a transmissão do sentido (PÊCHEUX, 2009, p. 83).

Na acepção de Gadet & Pêcheux (1997), a linguagem que se reduz a um meio de comunicação (apenas de significações) é um transmissor de informações (puramente). Por isso, optamos por adotar a língua enquanto meio pelo qual se produz discursos, que se caracterizam antes de qualquer coisa enquanto uma prática política. O desenvolvimento que se segue é uma breve retomada da Análise do Discurso Francesa delineada por Michel Pêcheux, recobrando alguns resquícios memorialísticos da constituição dessa teoria, destacando alguns elementos constitutivos desse engendramento teórico. Temos ciência de que esses conceitos já foram amplamente discutidos por inúmeros teóricos no campo da Análise do Discurso Francesa, entretanto, sentimos a necessidade de fazer essa retomada de alguns conceitos específicos com o intuito de discorrer, posteriormente, de forma mais pontual sobre a construção das REIS no discurso da autoajuda. Além disso, ao longo da constituição do próximo tópico, fomos de antemão, inter-relacionando os elementos teóricos aos aspectos constitutivos da discursividade da literatura de autoajuda.

## **2.2 Construtos Teóricos**

### **2.2.1 Refletindo Sobre Algumas Noções da Análise do Discurso Francesa**

Segundo Carvalho (2008), foi em meio a um período histórico marcado por uma agitação intelectual fundamentalmente estruturalista e de forte influência althusseriana que Pêcheux, em 1969, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, publicou dois importantes artigos sobre a ideologia e as ciências sociais<sup>49</sup>. Segundo Courtine (2007), foi através da crítica à política, ao cientificismo e ao positivismo que Pêcheux concebeu o discurso enquanto uma ligação, entre a linguagem, a ideologia e o discurso, via de imbricamento por meio da qual, foi possível pensar sobre uma espécie de rompimento com alguns paradigmas estruturalistas, entre esses paradigmas a ideia de transparência da linguagem, já que buscava um método de leitura que considerasse os efeitos do significante no discurso. É nesse momento que Pêcheux constrói uma verdadeira maquinaria que serve a distintos propósitos: de um lado a luta de

---

<sup>49</sup> ENS da Rue d'Ulm, agrége e Cahiers pour la analyses (1969).

classes e, de outro, a construção de um olhar outro sobre os efeitos de sentidos subjacentes as materialidades linguísticas. Como base para a estruturação deste olhar, em um primeiro momento, Pêcheux aliou elementos da análise ideológica do discurso a procedimentos da informática, pois segundo Gadet & Pêcheux (1997), Pêcheux é um filósofo academicamente formado, mas um filósofo fascinado pelas maquinarias, pelas ferramentas, pelos instrumentos e pelas técnicas, por razões pessoais e devido a seus antecedentes familiares.

Desta feita, Marx, Freud e Saussure foram nomes evocados por Pêcheux para que fosse possível instaurar um gesto de leitura sobre o conjunto de ideias postas pela ideologia da classe dominante naquele período histórico. Se por um lado, Marx e Freud, inicialmente, não foram tão suscitados por Pêcheux ao longo da constituição da teoria do discurso, Saussure, por sua vez, ocupou o alicerce desse pensamento, já que o corte saussuriano funcionou como propulsor para que se entendesse a língua enquanto um sistema, “objeto do qual uma ciência pode descrever seu funcionamento”, mas que tem como função primordial produzir sentido (PÊCHEUX, 1997, p. 62). A partir do estabelecimento desse pensamento pecheutiano, instaura-se a ideia de que para se compreender o funcionamento da língua é imprescindível desconstruir a discursividade que é inerente ao sujeito que a produz. Logo, seria impossível pensar no discurso enquanto um objeto teórico sem sujeito. Por isso, a necessidade que o analista do discurso possui de proceder a um deslocamento, pois se considera a materialidade linguística em toda sua essência, entretanto, não ficamos estagnados a estrutura do texto, aprisionados a sua constituição, ao contrário, utilizamo-nos dessa estrutura para transcender ao campo da semântica discursiva, constitutiva do discurso e dos sujeitos que a produzem.

Segundo Gadet & Pêcheux (1997), a teoria distribucionista de Harris, por meio da redução do texto a enunciados elementares, forneceu a Pêcheux subsídios para que este pudesse identificar o sujeito do qual ele tanto queria se distanciar. “Se a ruptura saussuriana foi suficiente para permitir a constituição da fonologia, da morfologia e da sintaxe, ela não pôde fazer obstáculo a um retorno ao empirismo em semântica,” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971, p. 94). Deste modo, deriva dessas reflexões a ideia de uma semântica voltada para o discurso que tem como foco interrelacionar materialidade linguística e elementos textuais às suas condições sociais, históricas e ideológicas de produção, contrapondo-se ao sujeito da semântica geral, que pregava a universalidade sujeitudinal. Assim, foi a partir da noção de valor abordada por Saussure, aliada a noção de sistema, que se passou a considerar “um funcionamento da língua em relação a ela mesma” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971, p. 99).

Dessa forma, é em meio a esse engendramento teórico e sócio-histórico-ideológico que emergem as noções de *formação discursiva* e *formação ideológica*<sup>50</sup>, delineadas por Michel Pêcheux, sendo que esta se caracteriza por possuir como um de seus elementos constituintes as formações discursivas, que interligadas às formações ideológicas, procedem à seleção do que pode e dever ser enunciado, “a partir de uma posição dada de uma conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também (e, sobretudo) das construções nas quais essas palavras se combinam,” bem como as significações que assumem dentro de cada enunciação (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971, p. 102). É por meio da transposição do lugar discursivo ocupado pela forma-sujeito e a passagem de uma formação discursiva a outra que as palavras mudam suas significações, provocando efeitos de sentidos múltiplos, já que se modificam as condições de produção da enunciação.

Na concepção pecheutiana, era inconcebível conformar-se com o abismo preponderante entre a prática linguística, que considerava a língua enquanto mero instrumento de comunicação e a tomada de posição política. Na percepção deste autor era substancial que se considerasse as condições em que determinado campo do saber estabelecia seu objeto, bem como a reprodução metódica que o estabelecia enquanto tal. Destarte, arrazoar sobre a noção de sujeito em Pêcheux implica discorrer também sobre um efeito ideológico que é dissimulado por meio do duplo esquecimento, o esquecimento número um, que seria o fato do sujeito não ser a origem do seu dizer, já que segundo Pêcheux (2009), de acordo com a interpelação ideológica, apesar desse processo não se originar no sujeito, somente através dele este se torna possível; e o esquecimento de número dois, que se refere ao fato do sujeito não saber aquilo que diz<sup>51</sup>, não controlar os efeitos de sentido subjacentes a sua enunciação. Nesse ínterim, é no entremeio articulatório, inconsciente e ideologia que emerge o imaginário, dissolvido no discurso do sujeito<sup>52</sup>. Logo, o sujeito designaria como nos elucida Carvalho (2008, p. 49), “esse efeito ideológico elementar que produz” uma ilusão subjetiva.

Para que seja viável tecer um construto pertinente sobre a edificação das noções de sujeito e ideologia delineadas por Michel Pêcheux, torna-se oportuno diferenciar o sujeito empírico da idade clássica do sujeito do discurso, dito de outra forma seria refletir sobre o sujeito com o discurso<sup>53</sup> e o sujeito do discurso<sup>54</sup>.

---

<sup>50</sup> Grifos nossos.

<sup>51</sup> Não saber aquilo que diz nesta perspectiva significa não conhecer, nem dominar os efeitos das enunciações.

<sup>52</sup> Falaremos de forma mais verticalizada sobre este assunto no próximo capítulo.

<sup>53</sup> Sujeito que profere enunciações.

<sup>54</sup> Sujeito delineado pela Análise do Discurso Francesa.

Refletir sobre o sujeito da idade clássica significa considerar o sujeito empírico enquanto fonte e origem do sentido, capaz de realizar operações de natureza lógico-linguística e que mantém uma relação estrutural com a língua. Para esses sujeitos a língua era vista enquanto um fenômeno puramente linguístico, construído a partir de estruturas sintáticas, fonológicas, morfológicas independentes e previamente estruturadas, ou seja, a língua era vista enquanto um conjunto de regras sistemáticas, previsíveis, essencialmente transparente e controlável.

Quanto ao sujeito do discurso enunciado por Michel Pêcheux – vale ressaltar, que ponderar sobre sua constituição significa pensar e articular os efeitos da materialidade incidindo sobre o próprio sujeito – este que é clivado, descentrado, está em constante processo de constituição, não controla a enunciação e nem os efeitos de sentido, é um resultado das relações sócio-históricas e ideológicas que permeiam sua constituição dentro da classe.

Desta feita, pensar o sujeito delineado pela discursividade de autoajuda na obra em análise, significa refletir sobre esse sujeito discursivo professor que não é individual, mas que é social, que é histórico, que pertence a uma classe e constitui-se enquanto uma resultante de uma memória discursiva que é transpassada a todo o momento pela ideologia, construto este demarcado e instituído sócio-historicamente.

Segundo Pêcheux (2009, p. 61), na acepção do adágio filosófico, pensamento e linguagem se caracterizariam por serem coisas essencialmente opostas, visto que ambos tinham como origem a experiência e somente em um segundo momento seria possível considerar a dedução, a qual não se limitaria a espontaneidade. Desta feita, o continuísmo filosófico seria o que conseguiria fornecer um meio de distinguir “entre o que é ciência e o que não é, e de decidir, pelo exame de marcas internas, se um discurso é científico ou não.”

Na acepção fregeana (2009) o sujeito é o ser capaz de carregar consigo suas representações, pois é por meio desta que é possível pensar em uma análise materialista capaz de designar um acervo ideológico transmitido através do discurso. Destarte, na acepção deste autor, o cerne lógico-linguístico é constituído a partir de uma via dupla, da qual emerge, por um lado, a *objetividade* –, construída a partir das estruturas linguísticas e que geraria o sujeito do idealismo, resultante de um efeito ideológico elementar constituído através da ilusão de completude –, e, por outro<sup>55</sup>, a *ideologia* –, concebida por meio das representações criadas pelo sujeito sobre esse referente, no qual este exporia sua lógica. É tomando por base essas noções que Pêcheux (2009), tecendo uma crítica a esses conceitos, discorre sobre esses dois

---

<sup>55</sup>Neste ponto entra nossa acepção sobre a construção do sentido.

espaços constitutivos da linguagem e o modo como eles se compõem por meio de uma relação de alteridade, sob a forma de um *continuum*. Como efeito dessa relação, teríamos uma constante produção de representações ideológicas, como nos elucida Carvalho (2008, p. 57), pelo par lógica/retórica “por meio da oposição sistema/sujeito falante”. Foi elucubrando sobre questões dessa natureza e por meio da crítica ao par idealista filosófico, representado pelo *materialismo metafísico* e o *empirismo lógico*, que Pêcheux (2009, p. 63) discorreu sobre a heterogeneidade desses dois espaços. Assim:

*Idealmente* falando, toda expressão subjetiva, mantendo-se idêntica à intenção de significação que lhe cabe em um momento dado, pode ser substituída por expressões objetivas [...], tudo o que pode ser conhecido “em si” e seu ser é um ser determinado quanto a seu conteúdo, um ser que se apoia sobre estas ou aquelas “verdades em si”, [...] Ao ser em si, correspondem às verdades em si e a estas, por sua vez, correspondem enunciados fixos e unívocos<sup>56</sup>. (PÊCHEUX, 2009, p. 63).

Dessa forma, o resultado de tal subordinação configurou-se enquanto um *materialismo físico*, resultante da assimilação daquilo que seria de alguma forma objetivo, ou seja, o objetivismo se caracterizaria por afirmar que a realidade existe independente da consciência humana, rumo a uma subjetividade, isto é, o subjetivismo seria a doutrina filosófica que afirma que a verdade é individual, logo, cada sujeito teria a sua verdade. Esse processo de transição possuía a pretensão “idealista de chegar a um universo de enunciados fixos e unívocos” (PÊCHEUX, 2009, p. 64) que fosse capaz de encobrir o conjunto da realidade.

Quanto ao *empirismo lógico*, este diria respeito a verdade que um enunciado assume para um sujeito enquanto uma representação. Neste caso, conferir-se-ia primazia aos conhecimentos retóricos, desconsiderando a possibilidade de se ter um olhar objetivo sobre as representações da realidade. Logo, é por meio da reflexão das forças imanentes da história, que se relacionam diretamente às condições de produção e a luta de classes, pela construção de um discurso aparentemente científico, que se pretende enunciar e legislar sobre a realidade, em que “o impensado é simulado no próprio pensamento,” fato este que Pêcheux (2009) denomina como sendo o pré-construído.

É oportuno ressaltar que na literatura de autoajuda, os enunciados produzidos pela ISA carregam em sua significação o claro objetivo da unicidade do sentido, uma vez que se constituem enquanto fórmulas endereçadas a inúmeros leitores, isto é, grupo de pessoas supostamente carente daquilo que lhes é ofertado, mas sempre com a pretensão de serem eficazes. Além disso, as construções enunciativas vislumbram um encobrimento da realidade

---

<sup>56</sup> Grifos do autor.

uma vez que desconsideram as condições de produção em que os sujeitos discursivos leitores estão inseridos, bem como sua memória discursiva. Nesse sentido, ao estimular a ISL a inscrever-se em um real idealizado, ou seja, no real elucubrado pela literatura, o sujeito autor propõe ao leitor um recobrimento do real físico ao qual tal leitor está inserido, induzindo-o a tomar como verdade inquestionável as representações construídas na obra.

Segundo Carvalho (2008), o ideológico seria aquilo que resulta, da ignorância da Instância Sujeito Leitor (ISL) com relação a essas forças materiais e a ausência de conhecimento sob a forma da teoria do conhecimento no idealismo. Destarte, pensando no materialismo histórico, na perspectiva pecheutiana, o mundo concreto existiria e se constituiria por meio do real exterior, o conhecimento objetivo desse mundo seria desenvolvido historicamente, independente da vontade do sujeito, por isso, buscaremos transcender das marcas evidenciais lógico-linguísticas ao engendramento discursivo da literatura de autoajuda.

Conjecturar o discurso na perspectiva pecheutiana significa refletir sobre os efeitos de sentido produzidos por meio da dissimulação do funcionamento da própria linguagem, entre eles o funcionamento lógico-linguístico. Segundo Carvalho (2008, p. 61), o discurso sob o olhar de Pêcheux (2009), diz respeito à “anterioridade do impensado sobre o pensamento, àquilo que determina o sujeito e o ilude, na medida em que este se pensa no centro e na origem do sentido.” Para Maltby (2003), o discurso não se mistura à noção de *corpus*, pelo contrário, transcende a materialidade, por isso o fato de se ultrapassar o sujeito do idealismo em direção ao que é exterior ao texto, que seria a memória discursiva, a história, o lugar discursivo e social ocupado pelo sujeito dentro da enunciação, a ideologia constituinte de cada formação discursiva, no interior de uma discursividade. Seriam esses elementos que permitiriam essa percepção acerca dos efeitos de sentido produzidos discursivamente passando pelo ponto lógico-linguístico, o qual Pêcheux (2009) abraça<sup>57</sup> e posteriormente abandona.

Assim, não é nosso intento apresentar, neste trabalho, tentativas de reconstrução linguística e estrutural a partir da lógica sobre a retórica e menos ainda distinguir por critérios linguísticos, os enunciados estabelecendo o primado de uma forma de linguagem sobre a outra. A análise das construções lógico-linguísticas servirão de base para a compreensão do funcionamento da maquinaria discursiva e, portanto, ideológica construída na obra de Augusto Cury. Intentamos desvelar a contradição, constitutiva dessa linguagem curyana, a

---

<sup>57</sup>Referimo-nos à noção de pressuposição percorrida por Frege.

qual incide sobre o ponto de articulação demarcado pelo imaginário e a ideologia. Foi por meio dessas contradições, dos equívocos, das falhas, que se tornou possível articular questões linguístico-discursivas enquanto efeitos de sentidos.

Nesse sentido, como nos afirma Pêcheux (2008), a língua é a base para a construção dos processos discursivos, na medida em que há uma simulação dos processos científicos por meio dos processos ideológicos. Quanto ao que diz respeito ao pré-construído<sup>58</sup>, segundo Malidier (2003, p. 48), este está intimamente ligado ao funcionamento explicativo e é denominado por Paul Henry como sendo a “articulação de enunciados” que atua no entremeio da teoria do discurso e do funcionamento linguístico, pois seu efeito articula-se ao encaixe sintático que permite uma relação entre o discurso e “os traços de construções anteriores da língua.” Nessa perspectiva, seu efeito caracteriza-se pelo distanciamento entre o que foi elucubrado antes e o que está contido na significação da frase. Assim, a construção do sentido se apresenta como um *já-lá*, o que resultaria em efeitos de assujeitamento, pressupondo-se assim a noção de sujeito.

Pode-se dizer, portanto, que é por meio da análise do ponto falho da teoria lógica de Frege que Pêcheux inicia o relato sobre a noção de ilusão. Isso se revela por meio da relação efeito discursivo e encaixe sintático, como nos assevera Pêcheux (2009), o qual se liga ao pré-construído e que permite apreender a noção de interdiscurso. Desta feita, refletir sobre o pré-construído implica em ponderar sobre o afastamento do pensamento e do objeto desse pensamento, considerando o segundo enquanto um pressuposto necessário ao primeiro, assim, essa discrepância no pensamento resultaria no “impensado no pensamento” (PÊUCHEX, 2009, p.102). Dito de outra forma seria refletir sobre o modo como o pensamento funciona segundo um conceito, introduzido linguisticamente por meio do efeito de sustentação<sup>59</sup>. Esse funcionamento que possui um elo com o efeito de sustentação irá desvelar o que Pêcheux (2009) denominou enquanto sendo o processo de identificação do locutor com a possibilidade de pensar o que seu interlocutor pensa, simulando uma relação causal entre o sentido que o enunciado parece exigir e a criação de um pensamento. Esse funcionamento possibilitaria compreender melhor os processos ideológicos.

Desta feita, é perceptível que na obra em análise, a ISA ao discorrer sobre as mazelas que circundam a ISL, por meio de um olhar exotópico, intenta que este siga as fórmulas propostas pela obra. Para que esse processo de identificação possa ser instigado/facilitado. A

---

<sup>58</sup> É oportuno relatar que o termo pré-construído, foi elaborado por Paul Henry, a partir da noção de lógica desenvolvida por Frege, a pressuposição.

<sup>59</sup> Estamos entendendo o efeito de sustentação enquanto a forma lógica instaurada em um pensamento no entremeio de duas proposições.

ISA busca olhar como o sujeito discursivo olha, pensar como este pensa, pois arrisca construir um pensamento que simula suprir as necessidades imediatas da ISL. Esse raciocínio é construído através do efeito de sustentação que viabiliza uma antecipação dos anseios do leitor frente às construções linguísticas propostas pelo interlocutor.

Nessa perspectiva, aquilo que é enunciado pela ISA, por meio de seu olhar exotópico, buscaria atingir constantemente o liame da emoção, da consciência da ISL, sendo que por meio da construção de um real imaginário da literatura, a ISA simula a possibilidade da inserção desse real no  $R_F$  da ISL, sugerindo constantemente ao leitor que efetue um deslocamento nos processos identitários.

Segundo Duarte (2008), a literatura de autoajuda está prenhe de diferentes técnicas que têm como foco individualizar os sujeitos, a fim de tornar possível ao sujeito o domínio sobre si mesmo. Nesse sentido, as posições-sujeito sugeridas<sup>60</sup> pela ISA faria com que emergissem tipos identitários idealizados ideologicamente. Para tanto, ponderar acerca desse construto, denota refletir sobre o sujeito em busca de sua origem identitária.

No que tange ao aspecto da subjetividade, é possível salientar que identidade e identificação são encaminhamentos que andam lado a lado “a identidade é um ponto de referência para caracterizar os sujeitos e marcá-los dentro de uma dada comunidade e a identificação o processo pelo qual a identidade pode ser estabelecida” (DUARTE, 2008, p. 31). Deste modo, a identificação seria a forma possível de se verificar as diferenças ou as semelhanças no conjunto e as identidades um amálgama de peculiaridades que vislumbrariam a individualização.

Do ponto de vista de Duarte (2008), discorrer sobre identidade, implica ponderar sobre duas vias: primeiro, a identidade enquanto construção essencialmente política e segundo, pelo viés subjetivo, que significaria considerar os traços da personalidade do sujeito, comportamentos que posteriormente funcionariam enquanto aparato no processo de identificação/identidade. Assim, as identidades seriam constituídas essencialmente a partir da memória discursiva do sujeito, pois tal qual nos assevera Bauman (2005), as identidades são fundíveis, cambiantes em meio a tantas identidades disponibilizadas no meio social, e a memória constituinte do sujeito discursivo aliada aos aspectos sócio-históricos e ideológicos, balizaria esse fundamento, por meio da identificação.

Para Bauman (2005), é por meio da ideia de “simulacro da comunidade<sup>61</sup>,” unida ao liberalismo e ao comunitarismo, que emerge a ideia de liberdade de um lado e a noção de

<sup>60</sup> *Professores brilhantes e professores fascinantes* = bons professores (joio) e professores fascinantes (trigo).

<sup>61</sup> Conceito desenvolvido por Bauman (2005), em que se cria a ilusão de pertencimento unificador.



pertencimento, enquanto sinônimo de segurança, de outro. Para Duarte (2008), seriam essas duas faces da moeda que trariam consigo para a ISL a ideia de segregação, unidade e o que isentaria (aparentemente) a ISA de seu desejo promíscuo de manipulação. Seria este movimento altero que susteria a ideia de uma sociedade enquanto um único bloco, e que “habilitaria” o sujeito a agir de forma individualizada. Nesse sentido, cada ação resultaria em uma reação que seria responsabilidade da ISL, induzindo esta a sobreviver subjetivamente.

Considerando tais reflexões, é como se a ISA lançasse sobre a obra e sobre as CPs da ISL um olhar outro. Assim, ao proceder à leitura é como se esse olhar retornasse a si, só que agora prenhe de uma percepção exotópica que embebido de sua ideologia, constrói um mundo paralelo ao do leitor. Esse olhar, inicialmente cheio de boas intenções, traz consigo um efeito retroflexo altero que seria o fato de que ao mesmo tempo em que se reflete uma imagem, esta emite uma significação, cheia de uma memória discursiva, que significa e se ressignifica a partir da tensão entre dois olhares: o olhar exotópico da ISA, que cria uma imagem do que seria o ser e o fazer do sujeito discursivo professor fascinante e o olhar da ISL, que subjetivamente deseja, anseia autonomia, capacidade de controle e liberdade. Destarte, segundo Duarte (2008, p. 41-42), a identidade seria uma forma de subjetividade, já que se caracterizaria por ser uma construção social, “de natureza” coletiva. Isso significa pensar a ISL em seu espaço, “no seu tempo, na sua condição sociohistórica”, já que a ISA oferece a ISL possíveis ferramentas para que se obtenha o pleno conhecimento sobre si mesmo.

Para Bakhtin (1979), o centro de todo engendramento enunciativo é antes de tudo exterior. Localiza-se no meio social o qual envolve o sujeito. A enunciação enquanto tal seria uma resultante da interação verbal, interação essa que pressupõe sempre a presença de dois sujeitos socialmente organizados, ou seja, o eu-outro ou o eu-Outro, pois só é possível interlocutar considerando a *urbi et orbi*, o mundo físico e o horizonte social pré-definido e estabelecido por meio da criação essencialmente ideológica. Na acepção bakhtiniana (1979), todo ato expressivo move-se por meio de uma alteridade entre o conteúdo interno e sua objetivação exterior. Assim, o sentido não é fixo, pois apesar da expressão se efetivar por meio de um conteúdo, que possui uma forma, esta se metamorfoseia através do dualismo entre o que é interior e o que é exterior.

Acreditamos que, por meio do seu olhar exotópico, a ISA embasa sua construção discursiva na enunciação monológica do ponto de vista do subjetivismo individualista, pois, nas construções curianas, a expressão se constrói exteriormente e o fato ideológico construído por A deve se voltar para o interior de B, ganhando assim uma roupagem outra. Nesse sentido, a expressão semiótica é utilizada enquanto meio para propagação ideológica.

Destarte, a ISA recorre ao mundo interior e a consciência de cada indivíduo leitor<sup>62</sup>. Na acepção de Bakhtin (1979) é por meio do retorno em si mesmo que o sujeito leitor acessa seu auditório social, lugar em que se constituem as deduções, as motivações, as apreciações, entre outras. Com efeito, sendo a palavra o único território comum dentre locutor e interlocutor, é possível afirmar que a maneira como cada leitor situa sua percepção, tem relação com a sua condição social, com o ângulo social em que este se insere.

Na verdade, ao apelar para o bom senso e a consciência da ISL, ditando normas psicológicas e de conduta, a ISA visa uma modelagem ideológica da ISL. Para tanto, a ISA recorre à ideologia do cotidiano, em que, segundo Bakhtin (1979), o leitor deve adaptar seu interior aos caminhos e orientações possíveis vindas do exterior em que os atos acompanham os estados de consciência. Assim:

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o toma essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos construídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem. (BAKHTIN, 1979, p. 105)

O vínculo que se estabelece entre a consciência dos indivíduos e suas condições de produção, só se sustentam naquele determinado contexto, fora desses espaços os preceitos não se mantêm. Para Bakhtin (1979), é somente no instante em que a obra é capaz de estabelecer um vínculo orgânico e intermitente com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela torna-se capaz de viver nessa época.

Nessa perspectiva, tal qual nos esclarece Santos (2004, 90), é necessário que exista uma sincronia “enunciativa de uma manifestação-sujeito, vista a partir de uma percepção,” das inscrições discursivo-ideológicas dos sujeitos, sendo que essa percepção seria vinculada ao pré-construído do sujeito que se depara com as construções discursivas. Assim sendo, como nos esclarece Bakhtin (1979), a enunciação apresentaria a ISL como se fosse uma ilha, embebida em um horizonte sem fronteiras, entretanto a modelagem dessa ilha seria determinada pela situação da enunciação e por seu auditório social.

Dessa maneira, a constituição do sujeito em um sujeito discursivo fascinante assemelha-se a uma torre babilônica, que apesar de seu inacabamento, permanece cheia de sentido, aberta ao infinito. Este infinito por sua vez teria por correlato o homem ressignificado, a partir do olhar exotópico do outro/Outro, em um mundo paralelo de metas

---

<sup>62</sup> Aqui o sujeito é tratado a partir de uma perspectiva individualista.

infinitas, em que mesmo sendo capturado pelo discurso subjetivista se submete a uma busca incessante para alcançar o ideal de identidade que esteja em conformidade com “às leis próprias desse discurso” de autoajuda (DUARTE, 2008, p. 73). Assim:

As subjetividades são ordenadas sob a ordem única do “sucesso sobre si mesmo” (mente/corpo), fabricando, para tanto, sujeitos capazes de seres os “homens-deuses” no momento contemporâneo. Eis, assim, aqui, o discurso pragmático funcionando quando se oferece modos para se alcançar as identidades novas, maneiras também novas de o sujeito ver e se reconhecer-se. (DUARTE, 2008, p. 73)

Logo, essa teia discursiva, proposta pela literatura de autoajuda, configura-se enquanto modeladora, desveladora de um processo de múltiplas identidades que se instauram a partir dessa discursividade, que apregoa a ideologia do cotidiano como sendo a salvadora dos sujeitos discursivos (bons professores) por meio de fórmulas milagrosas e subjetivas, induzindo-os acreditar que é possível ser um professor fascinante, na medida em que basta acionar dentro de si um potencial incomum, mas que ainda não foi descorberto pelo sujeito discursivo leitor.

Esse preceito, segundo Bhabha (1994), induz a ISL a vestir uma máscara, entre a imagem e a pele, através do qual este sujeito sofre sucessivas tentativas de transformação, vislumbrando alcançar o *status* proposto pela ISA. É através do fetiche que a ISL tem com a ideia de totalidade (identitária) que se camufla a diferença, negando a multiplicidade desta e buscando assegurar a pureza no processo cultural. É neste instante que dois sistemas de valores e veridicidades se relativizam, se questionam, se sobrepõem, fazendo com que haja um hibridismo entre o mundo interior e o mundo exterior da ISL.

Segundo Pêcheux (2009), é por meio da incidência do *já-lá*, do pré-construído que se é possível fazer uma alusão aos processos de identificação, os quais dizem respeito à forma como o sujeito se reconhece e se organiza em relação com aquilo que o representa. É por meio dessa relação que se revela o uso político da linguagem. Desse modo, é pensando no desconhecimento ideológico que se procede a uma simulação ideológica da descontinuidade, vislumbrando uma dissimulação do que seria um possível conhecimento científico. Dito de outro modo seria um acobertamento da não objetividade do discurso.

De fato, é possível, localizar no pensamento pecheutiano, um número considerável de relações entre lógica e linguística, funcionamentos esses que incidem sobre a reflexão da passagem da construção textual à discursividade. Segundo Maldidier (2003, p. 47), é “por uma (re)leitura materialista de Frege que Michel Pêcheux empreende (re)trabalhar a questão

lógico-linguística das relativas.” Frege arrebatava Pêcheux com seu fulgor e antipsicologismo, apesar de estar justamente aí seu ponto falho. Essa leitura/encantamento resulta na análise de dois funcionamentos discursivos, o pré-construído e a articulação de enunciados. Entretanto, Pêcheux (2009, p. 113-114) utiliza-se dos pares apresentados pelas categorias filosóficas para discorrer sobre os mecanismos de encaixe e articulação, elementos estes que possibilitariam uma construção linguística, por meio dos “realizáveis linguisticamente”, mas “suscetíveis a uma interpretação lógica”. Em outras palavras, seria a tentativa de analisar a simulação de conhecimentos “científicos” através do “desconhecimento ideológico.” Nesse sentido, enquanto um diz respeito a um conhecimento científico, comprovável, o outro se remeteria aos “domínios do pensamento,” desta feita, seria insustentável conceber a linguagem enquanto neutra, como propunha o objetivismo. Entretanto, não podemos nos abster do fato de que Pêcheux pensava e estabelecia essas relações considerando a constituição da classe, os embates políticos, sociais e históricos, e por isso mesmo, ideológicos constituídos por uma superestrutura que comanda uma microestrutura, através de relações de poder, inclusive, e principalmente por meio da linguagem, da simulação de representações no pensamento da classe menos favorecida, no entremeio dos processos discursivos.

Ao enunciar que a ISA pertence ao campo da ciência, lugar legitimado socialmente como sendo o âmbito do saber, é possível relatar que este quer instaurar uma atmosfera de ilusória segurança ao leitor, visto que intenta, por meio de representações enunciativas imaginárias, ludibriar o pensamento do leitor com a falsa promessa de uma completude subjetiva. Destarte, há uma quebra na suposta neutralidade e objetividade da linguagem e dos efeitos de sentido subjacentes a enunciação. Deste modo, Pêcheux (2009, p. 114-115) discorre sobre o acobertamento ideológico, por meio do duplo funcionamento lógico-linguístico, simulando uma descontinuidade ideologicamente delineada. Essas relações são possíveis porque existe uma discrepância entre os “domínios do pensamento”, pré-construído e “retorno do saber ao pensamento”, relações estas que irão resultar no que se constitui enquanto sendo da ordem do “pensável.” Esse terceiro elemento, na perspectiva pecheutiana, pressupõe uma análise da “teoria da identificação” e da “eficácia do material no imaginário.”

Assim, refletindo sobre os pares: articulação dos enunciados e encaixe é possível observar que para Pêcheux (2009) o encaixe é o mecanismo “de base que fornece a descrição dos observáveis” e a articulação “a abstração científica” que liga entre si as “construções lógicas”. Desta feita, foi por meio do par idealista lógica e matemática que se desenvolveu a ideia de encaixe e articulação de enunciados. Assim,

“o que é  $\alpha$  e  $\beta$ ” corresponde a um puro vínculo “universal” entre propriedades ( $\alpha \subset \beta$ ), e toma a forma da explicativa quando nos voltamos para o mundo “das coisas”, concebidas como feixes de propriedades  $x$ , que é  $\alpha$ , é  $\beta$ , o que constitui a solução logicista ao problema da relação determinação/aposição (PÊCHEUX, 2009, p. 116).

Desta maneira, Pêcheux (2009) esclarece que a lógica torna-se de alguma forma núcleo da ciência, que insiste em colocar “independência do pensamento em relação do ser.” Esse movimento de alteridade constitui-se enquanto o que resultaria no mito continuísta empírico-subjetivista, que, a partir do sujeito individualizado, bem como daquilo que o constitui, efetua, segundo Pêcheux (2009, p. 117), um apagamento “progressivo da situação por uma via que leva ao sujeito universal, situado em toda parte e em lugar nenhum” e que reflete a partir de conceituações. Dito de outra forma há um velar do processo de identificação. Assim temos acesso à subjetividade, posteriormente à discrepância, passando pela forma genérica, até atingir o que seria universal, próprio da discursividade científica, denominado como sendo “é verdade que”. É por meio desse movimento contínuo e reentrante<sup>63</sup>, intermitente da passagem do concreto ao abstrato que é possível fazer uma alusão aos processos de simulação. É através da intersubjetividade que os processos de identificação se efetivam.

Assim sendo, Pêcheux (2009) nos esclarece que é substancial diferenciar as noções de sujeito abordadas pelo positivismo e a noção de sujeito abordada por ele, com base nos postulados atlhusserianos. Para os lógicos-positivistas, as ideologias são vistas enquanto ideias que são construídas individualmente ao longo da história do sujeito e que esta só existe porque tem como fonte e origem o sujeito que enuncia. Para esses teóricos, parte-se do sujeito individual, mas ao mesmo tempo esse sujeito individual representa um conjunto, podendo ser considerado como uma comunidade, um grupo. Entretanto, a noção de sujeito pecheutiana, considera as ideologias enquanto forças materiais, que são capazes de instituírem os indivíduos em sujeitos e por isso não consideram que as massas possam se acoplar em um único sujeito, já que isto poderia trazer graves problemas identitários e identificatórios. Tem-se, portanto, uma via dupla em que por um lado tem-se o sujeito unificado, identificado consigo mesmo, que controla o seu dizer e os efeitos de sentido produzidos, que possui uma ilusão de completude, plenitude, autonomia, que contribui para o velar do processo de assujeitamento, e por outro lado, o sujeito universal, que seria o sujeito com **S** maiúsculo, “reduzido aos processos ideológicos ligados a uma ordem já dada e à qual se aplicam as

---

<sup>63</sup> Reentrante porque se interpenetram.

proposições que simulam o conhecimento científico no desconhecimento ideológico” (PÊCHEUX, 1997, p. 139).

Nessa perspectiva, a ISA partiria da pressuposição de que sua enunciação seria lógico-positivista, visto que ao mesmo tempo em que este parte da individualização, de questões específicas a um sujeito, este visa transferir as possíveis soluções a todos os leitores que por ventura possam entrar em contato com essa discursividade, o que coloca em reflexão as questões identitárias<sup>64</sup> e filiatórias dos conceitos e normas sugeridas pela ISA. Assim, o sujeito ideal, aquele sugerido e construído pela literatura de autoajuda, deveria ser um sujeito discursivo professor identificado consigo mesmo, completo e autônomo.

Destarte, conforme nos assevera Pêcheux (2009, p. 123), existe de um lado o sujeito da ideologia, “sob a forma da identificação-unificação do sujeito consigo mesmo” e de outro, “a identificação do sujeito com o universal”, que resulta na “simulação especulativa do conhecimento científico pela ideologia”. É, sobretudo através dos elementos constituintes, constitutivos e constituídos da teoria não-subjetiva da subjetividade, que se determinam os procedimentos de “imposição/dissimulação”, processos estes que são responsáveis por situar o sujeito, “significando para ele o que ele é” e ao mesmo tempo, dissimulando para este sujeito a situação de assujeitamento, através da ilusão de autonomia constitutiva do sujeito, promulgando a ideia de que este pode atuar/funcionar por si mesmo, por meio de seus desejos e vontades, desconsiderando qualquer vicissitude.

Para avançar no percurso ao qual nos propomos, não poderíamos deixar de nos remeter a tese althusseriana do todo complexo com dominante, tomada por Pêcheux (2009), enquanto ponto de contradição que coloca a ideologia como algo que se realiza por meio dos aparelhos de Estado, já que toma a ideologia enquanto elemento que incita a desigualdade social, que caracteriza a luta de classes, em determinada formação social.

Desta feita, faz-se necessário diferenciar as ideologias existentes no meio social, segundo os pressupostos pecheutianos, que seriam a ideologia com i minúsculo e a ideologia com I maiúsculo, sendo que esta se caracteriza por fazer parte da ideologia dominante e aquela o efeito ideológico principal, inerente ao sujeito. Destarte, segundo Gadet & Pêcheux (1997), de um lado tem-se a ideologia enquanto processo de produção, tendo sua função primordial o processo de trabalho e de outro, as relações sociais. Assim a Ideologia é vista enquanto agente da produção em uma sociedade dividida em classes, e, sobretudo entre trabalhadores e não trabalhadores. Entretanto, não há como discorrer sobre as noções de

---

<sup>64</sup> No próximo tópico falaremos mais profundamente sobre esse conceito dentro da discursividade da autoajuda.

(I)deologia, sem abordar a questão do sujeito e do sentido, pois ambos estão inter-relacionados. Portanto, a existência do sujeito aponta para a evidência do sentido. Nessa perspectiva, segundo Gadet & Pêcheux (1997, p. 162) para se desvendar o funcionamento ideológico é necessário considerá-lo enquanto constituído no campo das ideias, determinado em última instância pelo econômico. “A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar de interpelação”. Para Maltby (2003, p. 48), o trabalho de Pêcheux toma sua determinação no instante em que a “questão da constituição do sentido se junta à da constituição do sujeito, e isso não lateralmente [...] mas no interior da própria ‘tese central,’ na figura da interpelação”.

Assim, é por meio da figura da interpelação que é transpassada pela ideologia que sentido e sujeito se imbricam, por meio da dissimulação da ideologia no interior do seu próprio funcionamento. Logo, pensar epistemologicamente sobre esses elementos discursivos implica, necessariamente, discorrer sobre a interpelação, que na acepção de Pêcheux (2009), diz respeito à forma como os indivíduos transformam-se em sujeitos.

Para Pêcheux (2009), refletir sobre a noção de interpelação alude pensar sobre esse movimento de efeito retroativo e reentrante durante o processo de constituição do indivíduo em sujeito, já que não são os sujeitos que são interpelados pela ideologia, mas sim os indivíduos. Dessa maneira, é através desse paradoxo que os indivíduos são chamados à existência, pois é por meio dessas relações discrepantes que se evidencia um processo de identificação mediado pela interpelação sujeitucional, cuja origem, é um retorno do estranho ao familiar, o que desvelaria o pré-construído, ou seja, aquilo que irromperia o enunciado como se esse processo já estivesse lá, de alguma forma. Dito de outro modo, o indivíduo precisaria ser interpelado em sujeito apesar de ser sempre sujeito.

Gadet & Pêcheux (1997, p. 31) nos elucidam que “nada se torna sujeito, mas aquele que é ‘chamado’ é sempre já sujeito”. Desta feita, devemos conceber o discurso enquanto uma das materialidades da ideologia, pois o discurso é essencialmente ideológico, da mesma forma que as formações ideológicas comportam uma ou inúmeras formações discursivas que se articulam de acordo com o lugar ocupado pelo sujeito discursivo dentro da classe, assim qualquer FD derivaria de condições de produção específicas.

Segundo Pêcheux (2009), é por meio do funcionamento do significante<sup>65</sup>, no processo identificação-interpelação que é possível pensar no sujeito enquanto processo de representação, constituído por esta rede de significantes. Dessa forma, o sujeito estaria acondicionado ao efeito-sujeito, isto é, ao sempre já sujeito, submetendo-o a uma rede de significantes que o aprisiona e ao mesmo tempo o assujeita ao sentido. Logo, é no imaginário que se sustentam os processos de identificação do sujeito. É possível afirmarmos, conforme as contribuições de Gadet & Pêcheux (1997), que o principal desejo de Pêcheux era discorrer sobre a ligação entre o discurso e a prática política, ponto de intersecção que é atravessado pela ideologia. É por esta razão que o sujeito emerge dessas relações, enquanto um efeito ideológico elementar.

Na acepção de Malidier (2003, p. 51), a conceituação do interdiscurso, realizada por Michel Pêcheux, aprofundou de uma maneira peculiar às noções anteriormente definidas. Fazendo “uso de uma linguagem essencialmente althusseriana, ele é o todo complexo com dominante das formações discursivas, intricado no complexo das formações ideológicas” e submetido às leis da desigualdade. Em outras palavras, “o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição.” Desta feita, é através do interdiscurso, segundo Pêcheux (2009), que o sentido se desvela para o sujeito discursivo, na dissimulação da significância do discurso na transparência do sentido que o interdiscurso toma forma. Para Malidier (2003, p. 53), esse processo se efetiva, na “objetividade material contraditória do interdiscurso”.

Pêcheux (1997, p. 167) esclarece que o interdiscurso em sua relação com as formações ideológicas evidencia a cada sujeito uma “realidade,” dissimulando e ao mesmo tempo impondo ao sujeito discursivo uma corpodocilização, travestida de uma falsa autonomia. Ao discorrer sobre tal possibilidade, Pêcheux propõe uma aproximação entre o sujeito discursivo da ideologia e o sujeito discursivo do inconsciente. Ao lado do interdiscurso temos o intradiscurso, uma noção que se define, segundo Pêcheux (2009), como o funcionamento do discurso em relação ao seu próprio funcionamento. Desta feita, só é possível pensar no engendramento do intradiscurso em uma relação com o interdiscurso, já que aquele seria o fio do discurso. É ele que fornece o conceito ao sujeito discursivo. Na acepção de Pêcheux (1997, p. 167), “o intradiscurso só pode ser pensado como o lugar em que a forma-sujeito tende a

---

<sup>65</sup> Estamos entendendo esse funcionamento do significante na perspectiva lacaniana em que o significante não representa uma coisa para alguém, mas representa outro ser que se apresenta a esse um ou a outros por meio dos significantes, produzindo múltiplas significações.



‘absorver-esquecer’ o interdiscurso no intradiscurso.” É por meio dos esquecimentos número um e número dois que o sujeito discursivo se constitui, passando pelo crivo da interpelação de indivíduo a sujeito discursivo que se identifica com a formação discursiva fundadora do imaginário subjetivo, apoiado no interdiscurso, sob a forma de pré-construído e dos processos de sustentação, os quais constituem o dizer do sujeito, e os traços daquilo que o determinam.

Pêcheux (2009) elucida que é através da evidência do que se procede ao sujeito e através do processo de interpelação-identificação que se produz o sujeito discursivo. É por meio das diversas formas intemporais<sup>66</sup>, que o efeito ideológico essencialmente interpelatório aparece sob a forma de assujeitamento. Isso equivale a dizer que as proposições tem seu sentido constituído no interior das FDs em que são enunciadas. Dito de outra forma seria considerar que, se os indivíduos são interpelados em seus discursos pelas FDs, então estes teriam como correspondente as formações ideológicas, mas não de uma forma exata, plena, mas por meio de um intrincamento, baseado na interpelação. De modo correlato, o processo discursivo designaria o funcionamento linguístico mediado pelos significantes em uma determinada formação discursiva.

Assim, os “domínios de pensamento”, denominados por Pêcheux (2009, p. 148-149), são constituídos socialmente e historicamente. É por essa via que “o sujeito se ‘reconhece’ a si mesmo (em si mesmo e em outros sujeitos) e é aí que se acha a condição (e não o efeito) do consenso intersubjetivo”<sup>67</sup>. Diremos que, nesse sentido, é preciso reconhecer que é na formação discursiva que o sentido tem sua matriz, já que esta dissimula no sentido a “objetividade material contraditória do interdiscurso” que é constituído por algo que fala (*ça parle*). Somos assim levados a retomar as propriedades discursivas da constituição do sujeito que conduzem a uma forma-sujeito.

Para Pêcheux (1997, p.167), a forma-sujeito do discurso é “a resultante do processo de incorporação e, ao mesmo tempo, de dissimulação, pela qual o sujeito se identifica com a formação discursiva que o constitui,” simulando o interdiscurso no intradiscurso. Podemos agora, para melhor delinear esse percurso epistêmico traçado por Michel Pêcheux (2009, p. 150-151), proceder a um aqueduto esquemático, em que a interpelação do indivíduo em sujeito ocorre por meio da identificação deste com a formação discursiva, a qual o constitui

---

<sup>66</sup> Formas intemporais segundo Pêcheux (2009, p. 145), dizem respeito à história ligada à construção progressiva da ideologia do Sujeito, que corresponde a novas práticas, “nas quais o direito se desprende da religião, antes de ser voltada contra ela”.

<sup>67</sup> O consenso intersubjetivo segundo Pêcheux (2009) diz respeito ao idealismo que pretende compreender o ser através do pensamento.

em sujeito. Essa identificação só existe porque se funda no imaginário sujeitudinal, apoiando-se naquilo que se configura enquanto interdiscursivo, com suas respectivas bifurcações, “pré-construído” e “efeito de sustentação”, responsáveis por determinar o sujeito através da dissimulação da autonomia, através da forma-sujeito. Para Gregolin (2003, p. 140), é através do eu imaginário que se reproduz a ilusão do sujeito pleno, não cindido.

A partir de tais constatações e considerando que, como nos esclarece Ponzio (2010b, p. 4), “é nossa relação que define o objeto e sua estrutura e não o contrário” buscar-se-á retirar os véus que encobrem a relação tempo/espço no engendramento da constituição e do funcionamento da discursividade da obra em análise, os quais contribuem de forma incisiva para que as REIS possam se tornar constituintes desse processo. Nesse sentido, discorrer sobre esse funcionamento implica falar sobre a exotopia e a extravocalidade, ambas consideradas por Bakhtin (2010) categorias filosóficas de base sobre as quais se considera sempre a força organizadora enquanto categoria axiológica de outro, pois é através da relação enriquecida pelo excedente de visão que é possível, diante do outro, estar fora dele, ou seja, é como se *A* se localizasse em um tempo e em um espaço do qual *B* não faz parte, mas que permite a *A* ter uma imagem completa de *B*. *A* não pode viver a vida de *B*, da mesma forma que *B* não pode viver a vida de *A*. É através do seu lugar, único, singular, ocupado apenas por *A*, que se torna possível compreender *B* e estabelecer com ele uma interação. É por meio da extralocalização que o compromisso ético de *A* é colocado em jogo.

O olhar exotópico surge como a possibilidade de responder. Ser responsivo e responsável são decorrências da extralocalização de *A* em relação a *B*. Bakhtin (2010a) coloca que o excedente de visão de *A*, com relação a *B*, instaura uma esfera particular de atividade, isto é, um conjunto de atos internos e externos, formulados a partir da constituição desse olhar que somente *A* pode pré-formar a respeito de *B* e que o completam justamente onde ele não pode completar-se. Desse modo, o excedente de visão só é possível porque há a possibilidade de se situar fora do outro. Ao atribuir a *B* o excedente de visão captado por *A*, é como se este permitisse a *B* se completar como sujeito naquilo que sua individualidade não conseguiria sozinha. Dito de outra forma, não conseguimos nos ver por inteiro, precisamos do outro para nos completar, nos constituir e é a exotopia do observador que, autorizado a ver alguém de fora, constrói um excedente de visão, ou seja, vê no outro algo a mais que o próprio sujeito não vê.

É substancial salientar que a relação que demarca a tensão entre ISA e ISL vem impregnada de um olhar exotópico daquele em relação a este. É graças ao que é inacessível a ISL, a contemplação da imagem externa e completa de si mesmo que torna possível a ISA

criar um real próprio da literatura de autoajuda viabilizado por meio das REIS. Aqui, a vida da ISL é analisada e apresentada pela ISA ao leitor de uma forma que ele não conhece. O real em que a ISL se insere é pensado num contexto de valores absolutamente difusos do qual o leitor se insere, visto que nesta perspectiva, pais e professores devem ocupar a mesma forma-sujeito, que seria a de educadores<sup>68</sup>. É como se a ISA se situasse fora de si, e do seu lugar, em um plano absolutamente diferente daquele em que se situa a ISL. Nesse sentido, a ISA torna-se capaz de formar um todo, a partir de valores que transcendem a sua vida.

Desta feita a ISA torna-se outra, ou seja, assume outra forma-sujeito<sup>69</sup> tentando ver a partir do olhar daquele que deseja captar as percepções. Entretanto, é oportuno ressaltar, que essa transição não é algo genuíno, pois é como se a ISA simulasse essa forma-sujeito, já que nunca ocupou de fato este lugar (forma-sujeito professor, lugar discursivo educador).

Nesse sentido, a ISA utiliza-se de seu excedente de visão sobre o outro, condicionado pelo lugar que ele ocupa, no caso o lugar da ciência, tentando beneficiar-se do seu olhar sobre o todo, a respeito de todos os outros, da memória discursiva que os constitui, das condições de produção em que estes estão inseridos, por meio de um olhar exotópico. É por meio da tensão entre as duas perspectivas, a de *A* e de *B*, que *A* tenta captar o olhar de *B*, realizando um movimento de alteridade, pois ao captar as percepções delineadas por *B*, este retorna ao seu lugar discursivo inicial vislumbrando sintetizar o olhar do outro, as perspectivas do outro a partir do seu olhar, enquanto *B* mantém-se em um *dever* incessante.

A busca incansavelmente situar *B* em um dado tempo, em um espaço, em um real, entretanto essa localização não ocorre de maneira aleatória, mas sim, considerando o lugar discursivo que *A* ocupa. Vale ressaltar que esse movimento de reentrância, não contempla uma fusão de *A* com *B*, haja vista que *A* se situa em um lugar exterior a *B*, nutre-se com o excedente de visão sobre esse sujeito e por isso crê ser capaz de totalizar o real que envolve *B*, bem como o tempo e o espaço que este deve ocupar para alcançar a completude subjetiva. Nesse ínterim, *A* cria um lugar discursivo essencialmente singularizado, com condições de produção específicas, vislumbrando atingir um sentido de universalidade.

Para que isso seja possível, tal qual nos elucida Bakhtin (2010a), *A* busca vivenciar o todo interior de *B*, suas angústias, seus desejos, seus atos, vislumbrando que *B* se identifique com a discursividade produzida por *A*. Ao vivenciar, por meio da discursividade, o sofrimento

<sup>68</sup> Vale ressaltar que acreditamos que o termo educadores, utilizado com a mesma significação para pais e professores, não seria adequado, visto que dependendo das CPs o sentido pode deslizar-se, tornar-se outro.

<sup>69</sup> Neste caso, passa da forma-sujeito psiquiatra à forma-sujeito cientista da educação.

de *B* ante o  $R_F$ , *A* compreende melhor o grito<sup>70</sup> de *B*, tendo, portanto a possibilidade de oferecer a *B*, ainda que ilusoriamente, a saída para as mazelas que o circundam, já que é por meio do olhar exotópico que *A* passa a ocupar o lugar do bom sujeito, o condutor de *B*.

É a partir do lugar ocupado por *A*, exterior a *B*, que *A* pode ver e saber o que *B* não pode nem ver nem saber. Sendo assim, pressupõe-se que aquele poderá enriquecer o acontecimento da vida deste. E é justamente por meio da esfera da criação verbal que uma interpretação do real por meio de um excedente de visão parece ser mais convincente, mais sedutor a *B* do que o real que o circunda, pois “a representação visual é substituída pelo equivalente emotivo-volitivo fixado na palavra” (BAKHTIN, 2010, p. 110), ou seja, quando *A* confere um uso expressivo a palavra que vem representar um dado espacial já finalizado e isso condiciona *B* a face externa que o envolve, *A* lançar um outro olhar sobre o seu real, induzindo *B* a um “ato-pensamento, do ato-sentimento, do ato-ação”; seu centro de gravidade passa a situar-se no futuro, no desejo de completude e seu presente, na aspiração do se realizar no aqui e no agora (BAKHTIN, 2010, p. 111).

Nesta acepção, a relação de *B* com o  $R_L$  nunca é uma relação finalizada, mas sempre uma relação “pré-dada, pois o acontecimento existencial em seu todo é um acontecimento aberto” (BAKHTIN, 2010, p. 111), sua situação está em constante processo de modificação, logo é imprescindível que não se fique em repouso. O objeto localizado no tempo e no espaço e as coisas que rodeiam *B* se situam a sua frente e são integradas a uma postura ético-cognitiva no acontecimento intermitente, aberto e aleatório da existência.

Logo, a ISA utiliza-se de seu olhar exotópico para discorrer sobre o fazer e o ser da ISL, já que sua posição é incontestável e nem deve ser questionada por *B*, pois é por meio da culpabilidade moral da ISL e da responsabilização sobre seus fracassos ante o ato de exercer bem a função que lhe é designada, que *B* deixa de se coincidir consigo mesmo. Nesse aspecto, é como se resvalasse de *A* em relação a *B* uma exotopia ética na qual *A* procura soluções para os problemas cognitivos,<sup>71</sup> pessoais, incorporando em *B* um excedente cognitivo peculiar ao conhecimento de *A*, o que transcenderia o  $R_F$  de *B* enfraquecendo sua autonomia.

Nesse sentido, Bakhtin (2010) promove uma bifurcação de pensamentos no excedente de visão que seriam, de um lado, a generalização intuitiva e, do outro, a dependência intuitiva funcional; esta seria a criação de um estereótipo de imagem do outro. Para esse pensamento, o mundo e os acontecimentos seriam totalmente transparentes e por isso *B* não teria qualquer autonomia, pois ele não teria absolutamente nada a opor a ISA, e a primeira seria um tipo de pensamento profundamente entrelaçado com o  $R_F$  o qual desvelaria fatores que dizem respeito à

<sup>70</sup> Estamos entendendo o grito enquanto um desejo de mudança do  $R_F$ .

<sup>71</sup> Apesar de não ser o enfoque de nossa pesquisa e ser ordem puramente científico-cognitiva achamos que era oportuno ressaltar a importância do aspecto cognitivo no processo de diminuição da autonomia do ISL.

ordem do social, como fatores econômicos e psicofisiológicos. Isso significa que a ISA acredita ter total supremacia sobre a ISL. Neste viés haveria uma separação entre o mundo a que pertence o leitor e o mundo ao qual ele deveria se inscrever.

Assim a ISA, se colocaria enquanto único ser capaz de promover uma crítica acerca da realidade que é constitutiva da ISL. A independência do leitor é tolhida, os problemas que envolvem suas condições de produção e sua memória discursiva são suprimidos, para que seja anexada a solução milagrosa apresentada pela ISA. Entretanto, esta solução diz respeito a *B*, mas não se realiza em *B*, pois é de *A* que emerge a saída para as dificuldades que se apresentam emaranhadas em *B*. Este por sua vez aparece diminuído. E é nesta seara que cremos que a ISA se coloca enquanto superior a *B* e por isso autorizado a delinear o trajeto a ser seguido pela ISL, nos meandros da obra em análise por meio das REIS.

Nesse sentido, a autoajuda se configuraria enquanto uma discursividade em que não se prioriza um futuro irrestrito, mas sim um futuro imediatista, que visa contemplar ao reconhecimento social, um futuro essencialmente ideológico, que para ser alcançado desagrega o sujeito discursivo leitor das fronteiras de si mesmo e do real ao qual este se insere.

A exotopia, segundo Bakhtin (2010), assume assim um carácter doentamente ético, em que os humilhados e os ofendidos tornam-se heróis da sua história. É como se esta percepção da ISA fosse capaz de encobrir as perdas do leitor, o “vazio” que o constitui. Entretanto, fora do texto, a construção da ISA não se sustenta, pois não há uma fusão entre os dois mundos<sup>72</sup>.

Assim, pensemos na física para melhor visualizar esse engendramento. Imaginemos dois observadores, que ocupam diferentes lugares: um dentro de um carro em movimento (*B*) e outro do lado exterior ao carro (*A*), sendo que o outro lança um olhar exotópico sobre o proceder dos acontecimentos que incidem sobre o um. Quando o centro do carro passa pelo observador *A* ele percebe dois raios de luz, ao mesmo tempo, incidindo sobre o carro, um na frente e outro atrás. Os *flashes* de luz alcançam ao mesmo tempo as extremidades do carro, então ele conclui que os raios são simultâneos, considerando que a luz de ambos viaja a mesma distância e ao mesmo tempo do carro até os seus olhos, na mesma velocidade.

O observador prevê que a pessoa que está no carro vai sentir o raio da frente antes do raio de trás, porque pela sua perspectiva, devido sua localização, o carro aproxima-se do *flash* da frente, e afasta-se do *flash* de trás. O passageiro por sua vez, vê como o observador previu primeiro o *flash* da frente e somente após o *flash* de trás, mas sua percepção final é diferente

<sup>72</sup> O  $R_F$  vivenciado pelo leitor e o  $R_L$  proposto pela ISA.

do observador *A*, pois se *B* vê a luz incidindo sobre a parte da frente do carro primeiro é porque ele acredita que isto realmente aconteceu primeiro, ou seja, não considera a possibilidade de que ambas as ações possam em algum momento ocorrerem simultaneamente.

Isto acontece porque cada um, observador e observado, possuem pontos de referência distintos, ou seja, dois pontos de referência diferentes nunca podem ter plena concordância em relação à simultaneidade dos eventos, nem tão pouco aos efeitos de sentido subjacentes a essa eventualidade, já que cada um ocupa um lugar discursivo distinto, condições de produção diversas, logo ambas as percepções pertencem, universos paralelos, mundos estes que não se fundem. Como nos esclarece Bakhtin (2010), a individualidade que a ISA cria é de uma ordem particular, essa individualização por sua vez, toma forma a partir do instante em que a ISA não consegue promover de fato uma fusão entre esses dois reais (o do leitor e o idealizado).

Quanto à cronotopicidade, esta diz respeito à relação entre as categorias espaço e tempo, já que seu radical é composto pelas palavras gregas *cronos*: tempo e *topos*: lugar. É considerando essas categorias que Bakhtin (2010) discorre sobre a indissociabilidade destes dois elementos, tal como aparece nas feições literárias, os quais se vinculam diretamente ao ponto de vista e de valores dos sujeitos inseridos em um dado espaço.

Nesta conjuntura, o cronotopo pode ser considerado de duas formas: enquanto uma unidade de análise de textos narrativos, considerando sua singularidade, ou ainda, enquanto unidade de estudo capaz de considerar os elementos invariantes e que transpassam a história. É por meio dessa bifurcação que o cronotopo atua enquanto elemento desvelador, cuja contituição possibilita desvencilhar dos meandros, dos nós que constituem e se desfazem no texto. Nesse sentido, o cronotopo define um estereótipo de imagem do homem na literatura.

Através do cronotopo Bakhtin (2010) discorre sobre o espaço enquanto sendo abstrato e o tempo vazio<sup>73</sup>, já que a ação poderia se desenrolar em qualquer lugar e os acontecimentos importantes não deixariam cicatrizes nas personagens. Segundo este filósofo russo,

O cronotopo como materialização privilegiada do tempo no espaço é o centro da concretização figurativa da encarnação do romance inteiro. Todos os elementos abstratos do romance, as generalizações filosóficas e sociais, as

---

<sup>73</sup> É oportuno ressaltar que não entendemos o vazio enquanto sendo um espaço constituído pelo nada, ao contrário, o vazio é o lugar onde o contexto é atemporal e a-espacial, o que nos possibilita uma analogia com o vácuo quântico. Entendemos que apesar desse aparente vazio apresentar-se velado aos olhos dos mais desavisados, esse espaço, juntamente com as CPs, a MD e as relações sociais, dentro da discursividade da autoajuda são elementos que contribuem para que se intensifique a interpelação.

idéias as análises das causas e dos efeitos, gravitam ao redor do cronotopo, graças ao qual se enchem de carne de sangue e se iniciam no caráter imagístico da arte-literária. (BAKHTIN, 1993, p. 356).

Nessa perspectiva, compreender a organização cronotópica dentro do texto significa considerar os efeitos de sentido subjacentes à enunciação. Neste caso, é substancial entender os cronotopos que se interpenetram, para construir a imagem do sujeito de acordo com o tempo e o espaço em que este se localiza durante a enunciação. Segundo Bakhtin (1981) o cronotopo representa uma categoria conteudístico-formal, que tem como princípio condutor o tempo, já que é por meio desse que o homem se transforma e se (re)significa. É através da evolução dos cronotopos que é possível localizar o homem vivendo em um determinado tempo e em um dado espaço, em constante processo de constituição, uma vez que o tempo interioriza-se no sujeito modificando sua existência.

Foi considerando a teoria da relatividade desenvolvida por Einstein, que Bakhtin (1998) discorreu sobre os cronotopos que se cruzam dentro do espaço literário, resignificando os conceitos da física. Destarte, Bakhtin (1998) define o espaço como sendo a quarta dimensão do tempo. No cronotopo bakhtiniano, o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível e o espaço realiza uma oscilação de reentrância no movimento do tempo. Este por sua vez torna-se identificável no espaço que se reveste de sentido ao ser medido com o tempo. Consta-se que é por meio da assimilação do tempo, do sujeito histórico, que se situa em um  $R_F$ , e do espaço que se desvelam os acontecimentos do texto, representados por meio da imagem narrativa. É através dos fenômenos espaciais sensíveis ao movimento na sua transformação, considerando a realidade temporal, que se é possível transcender a história. Nesse sentido, Bakhtin figurativizou a significância do cronotopo, acoplando a este um caráter concreto em que a imagem do homem em um tempo e em um espaço condensa-se e concretiza-se por meio desses índices.

O tempo histórico, representado através da imagem narrativa, delimita regiões espaciais, a imagem refletida em seu espaço, desvela o movimento, a reentrância do processo de metamorfose do homem no próprio homem e em seu meio, com o outro, consigo mesmo e com sua outricidade. Segundo Bakhtin (2010), é na palavra do outro, refletida em sua palavra pessoal que a compreensão assume a forma imagética e ao mesmo tempo uma transmutação do que era alheio ao outro, e que se torna pessoal ao sujeito que enuncia. Este seria o princípio do processo exotópico, compreendendo o intrincamento reentrante entre ser compreendente e ser compreendido, entre o cronotopo do sujeito observado e do sujeito observador. É neste ponto que se introduz a renovação do olhar. A acuidade, o limite da razão seria a identidade ( $a = a$ ). Isto

consistiria em superar a alteridade entre o que é alheio e que se torna pessoal, tanto de A quanto de B.

Nesta acepção, como o intuito é de delinear nosso objetivo e ao mesmo tempo sustentar nossa proposta de investigar detidamente o funcionamento da discursividade da autoajuda na obra curyana – a qual cremos ser constantemente transpassada por representações enunciativas imaginárias (REIS) que são construídas pela ISA, com o intuito de induzir o leitor a um constante processo de *devir* –, nos aventaremos, no próximo tópico, a mergulhar no universo discursivo pensado por Michel Pêcheux sobre os processos de identificação, representação, imaginário e enunciação. Com o objetivo de proceder a um *olhar-leitor* sobre os postulados pecheutianos, referente às representações imaginárias, que são viabilizadas por meio de um real<sup>74</sup> que é apreendido e construído pelo sujeito da enunciação através dos processos pré-conscientes e processos inconscientes, delineados pelos esquecimentos número um e número dois, iremos propor que, especialmente na literatura de autoajuda, essas representações são construídas por meio de enunciações sujeitacionais erigidas pela ISA.

Feitas estas breves notas sobre a construção teórica, passaremos agora para a explanação daquilo que acreditamos ser nosso olhar sobre a teoria, tendo como liame o opúsculo em análise, como já pontuado anteriormente, *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003), de Jorge Augusto Cury. Discorreremos sobre como se dá o processo de construção das Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) no discurso da literatura de autoajuda.

---

<sup>74</sup> Temos ciência que J. Lacan discute de forma pontual sobre o real, o simbólico e o imaginário, entretanto, não é nosso objetivo discorrer sobre um viés psicanalítico.



### CAPÍTULO 3

#### PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: demarcando um *olhar-leitor*

*Estamos constantemente à espreita dos reflexos de nossa vida, tais como se manifestam na consciência dos outros, quer se trate de aspectos isolados, quer do todo da nossa vida; chegamos a levar em conta o coeficiente de valor com que a nossa vida se apresenta aos outros, o qual difere profundamente daquele que a acompanha quando a vivemos para nós mesmos, em nós mesmos. (BAKHTIN, 2010, p. 121)*

*A pós-modernidade é a era que reivindica o retorno do “alquimista”, aquele que afirma que os sujeitos são capazes de superar seu “malestar” e lhes dá uma receita de como fazer isso. Livre, mas solitário, o sujeito pós-moderno busca recursos para se auto-ajudar. Os pregadores de ajuda, possuidores da “pedra filosofal”, “iluminados” pela racionalidade capaz de transformar os indivíduos, ou de “lançar luz” à sua verdadeira identidade (personalidade), surgem, com os seus “produtos técnicos”, para fazer a manutenção dessa condição. (DUARTE, 2008, p. 34)*

### 3.0 Introdução

Será neste capítulo que discorreremos sobre os procedimentos teórico-metodológicos, que utilizamos para lançar um *olhar-leitor* sobre a materialidade discursiva da literatura de autoajuda. Nesse sentido, é oportuno ressaltar que nos utilizamos do Dispositivo Matricial de Santos (2004) em consonância com o Dispositivo Nonessência, inspirado no dispositivo N-essência desenvolvido por Santos (2007). Além disso, consideraremos o movimento de rotação e contra rotação, elucubrado por Ferreira-Rosa (2009), em sua dissertação de mestrado ao discorrer sobre a N-essência em duplo-hélice. Entretanto, sopesaremos esse movimento em uma perspectiva geossincrática e reentrante, que se realiza em um constante processo de alteridade<sup>75</sup>. Assim, lançamos sobre o dispositivo já desenvolvido por esses autores e sobre o arcabouço teórico, nossas percepções, considerando os objetivos de pesquisa e o engendramento da discursividade da literatura de autoajuda.

Nosso intento foi construir uma percepção teórico-metodológica que viabilizasse identificar, compreender, problematizar e hipotetizar sobre o engendramento da discursividade curyana enquanto um construto essencialmente ideológico, que demarca uma tomada de posição da ISA, frente à ISL, classe dominada. Nesse ínterim, recorreremos aos construtos teóricos da Análise do Discurso Francesa, da física, da filosofia analítica, tendo como unidade de recorte o enunciado, na perspectiva bakhtiniana.

#### 3.1 O Sujeito e a Linguagem: o enunciado enquanto unidade de recorte

É por meio da linguagem, segundo a concepção bakhtiniana, do olhar sobre o mundo enquanto um conjunto simbólico de representações, que o homem representa a si mesmo, os (O)outros e o próprio mundo. Nesse sentido, é impossível conceber a linguagem sem dialogismo visto que o eu só se constitui na relação com o (O)outro, mediado por um auditório social. Assim sendo, para Bakhtin (1993, 100) “a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada ou super-povoada de intenções de outrem,” e por isso é um processo tão complexo e difícil submetê-la as próprias intenções, controlar seus sentidos, pois a palavra é viva e é carregada de ideologia, já que é construída e constituída no meio sócio-histórico.

---

<sup>75</sup> Logo, consideraremos os movimentos já refletidos por Ferreira-Rosa (2009), entretanto acrescentaremos ao Dispositivo Nonessência nosso *olhar-leitor*, considerando o engendramento da discursividade da literatura de autoajuda.

Para Bakhtin (1999), toda palavra é composta de duas faces, pois procede de alguém e se dirige a alguém. É por meio da palavra que consigo me definir em relação ao outro, pois esta se constitui enquanto uma ponte que se apoia em duas extremidades e por isso mesmo é socialmente dirigida. Nosso intento neste trabalho é proceder a uma pesquisa que toma a palavra, antes de qualquer coisa, enquanto um signo ideológico, nos moldes conceptuais de Bakhtin (1999), a qual vem carregada de intencionalidades e ideologias. Entendemos, assim como Bakhtin (1997), que a linguagem é indispensável ao homem, pois ainda que este se encontrasse na mais tênue solidão, ainda assim necessitaria da linguagem para pensar.

O ser humano possui continuamente a necessidade de se expressar e de exteriorizar seu universo interior. Assim, toda enunciação pressupõe uma atitude responsiva por parte do interlocutor, visto que toda compreensão é cheia de resposta, e ao produzir a resposta o ouvinte torna-se também locutor do processo enunciativo. Toda enunciação pressupõe uma interlocução que é mediada pela memória discursiva, isto é, pressupõe enunciados anteriores e posteriores. Como nos relata Bakhtin (1997, p. 292), “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados.”

Assim temos:

Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico – não comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início há enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. (BAKHTIN, 1997, p. 295)

Ao estabelecerem um ato comunicativo, de acordo com Bakhtin (1997), os sujeitos não conversam apenas trocando palavras (em uma perspectiva puramente linguística), ou ainda com combinações de palavras vazias e sem significação. As pessoas trocam enunciados constituídos e significativos, que são constantemente permeados pela memória discursiva do locutor e por suas ideologias, as quais representam os processos de identificação que o sujeito possui com determinadas formações discursivas. A comunicação é constitutiva do sujeito, e substancial para a produção de sentidos que emergem dos discursos que são veiculados por meio da organização e estruturação das unidades da língua. Assim, para este autor, o enunciado é constituído de três particularidades: a primeira refere-se à alternância dos sujeitos falantes ao comporem o contexto do enunciado; a segunda, diz respeito ao acabamento específico do enunciado, que se caracteriza pela possibilidade de o interlocutor ter uma

atitude ativa responsiva para com a interpelação que lhe está sendo apresentada, como o intuito discursivo ou o querer-dizer do locutor que se limita a escolha do gênero a ser utilizado, as entonações expressivas e à forma estável do gênero do enunciado, elemento este que irá determinar a estruturação do todo discursivo; e, o terceiro fator, que diz respeito a relação do enunciado com o próprio locutor e com os outros sujeitos que de uma forma direta ou indireta participam da comunicação verbal, refere-se ao conteúdo, objeto do sentido, estilo e os recursos linguísticos a serem utilizados.

Nessa acepção, o enunciado, em seu todo, necessita, para sua realização, apenas de uma palavra, ou ainda, de um grande número delas e o gênero escolhido nos dita o seu tipo e suas articulações composicionais. Nesse sentido, aprender a falar implica em aprender a estruturar os enunciados, uma vez que os organizamos de forma concatenada, da mesma maneira que organizamos as formas gramaticais.

Enquanto unidade linguística, a palavra pura, não tem um autor único e absoluto, que a tenha originado, entretanto, continua existindo dentro da cadeia sintática. O enunciado por sua vez, só se torna completo quando é produzido por alguém em um momento de interlocução. Segundo Bakhtin (1997), o locutor jamais deve se sentir um Adão, visto que a linguagem é social e que o objeto de seu discurso passa sempre pelo crivo do sujeito, a filtragem dos sentidos. Assim sendo, o papel do outro<sup>76</sup> durante o ato comunicativo é de suma importância, haja vista que o engendramento enunciativo, ocorre para ir ao encontro de alguém, em uma busca incessante pelas respostas, sejam elas responsivas ativas ou mudas.

Desta feita, uma análise discursivo-enunciativa, que queira englobar todos os lados poliédricos do enunciado, deve obrigatoriamente analisa-lo e altercá-lo no âmbito da cadeia da comunicação verbal, que segundo Bakhtin (1997, p. 327), “é apenas um elo inalienável.” Destarte, tomaremos os enunciados, a serem recortados da materialidade linguística da obra em análise, como uma fonte inesgotável de interlocução, enquanto um signo ideológico que tem como principal função alienar o leitor, induzindo-o a um *devoir* incessante em busca do *status* de fascinação. Logo, escolher o enunciado enquanto unidade de recorte para a nossa análise, significa tentar alcançar o dialogismo da interação comunicativa entre ISA e ISL, por meio dos múltiplos efeitos de sentido que essas REIS produzem no encadeamento enunciativo da autoajuda.

Na perspectiva de Bakhtin (2010), ao nos olharmos, dois diferentes mundos se refletem na pupila de nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao

---

<sup>76</sup> Este outro se refere ao interlocutor.

mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la urge fundir-se em um todo singular. Expor um *olhar-leitor* sobre a materialidade da autoajuda, significa nos submeter a uma espécie de aventura, em um mergulho na opacidade do engendramento discursivo delineado pela ISA.

Destarte, faz-se oportuno ressaltar que o desafio de desvelar aquilo que parece improvável ao olhar de um leitor desavisado, interpela-nos de forma intensa, uma vez que amplifica nosso desejo de asseverar os mecanismos elucubrados pelas REIS nos meandros discursivos da obra em análise. Nesse sentido, propomos uma pesquisa descritiva, interpretativa e relacional em que, para enunciar sobre a construção de nosso *olhar-leitor*, iremos propor um dispositivo metodológico-analítico, que não tem em seu cerne a pretensão da onipotência, mas que apenas circunscreve uma das inúmeras possibilidades de análise da obra.

Assim sendo, colocaremos a materialidade discursiva curyana em uma centrifugação isopínica<sup>77</sup>, inicialmente, por meio do Dispositivo de Análise Matricial de Santos (2004), em que procedemos à triagem das regularidades, por meio dos enunciados-operadores, e em seguida, através do Dispositivo de Análise Nonessência em duplo-vetor, sob a perspectiva de um movimento altero e reentrante<sup>78</sup>.

Por isso, nosso propósito neste trabalho é problematizar e hipotetizar sobre os possíveis impactos/deslocamentos que a discursividade inerente a literatura de autoajuda provoca na constituição identitário-sujeitucional do professor, pré e em-serviço, por meio dos processos identificatórios da ISL com o real construído na literatura de autoajuda.

Logo, objetivamos conforme nos apresenta Santos (2007), estabelecer algumas fronteiras analítico-metodológicas e por isso, utilizaremos como critério de recorte os enunciados na concepção bakhtiniana, dos quais priorizamos a recorrência e a regularidade, tal qual nos assevera Ferreira-Rosa (2009, p. 87), procurando evidenciar “instâncias temático-discursivas” que possuam maior regularidade nos meandros discursivos do *corpus*.

### 3.1.1 Dispositivo Matricial: algumas noções teórico-metodológicas

Por alvitrar uma pesquisa descritiva de cunho interpretativista, inicialmente, como baliza norteadora, utilizamos o Dispositivo de Análise Matricial desenvolvido por Santos

<sup>77</sup> Centrifugação isopínica, técnica que permite a separação de diferentes elementos celulares.

<sup>78</sup> As noções de movimento altero e reentrante diz respeito a uma noção que pretendemos desenvolver acerca dos elementos teóricos que são constitutivos, constituintes e sobretudo, constituídos a partir da discursividade da literatura de autoajuda.

(2004), em que fizemos uma triagem das ocorrências que apresentavam regularidades no todo do *corpus*, com o objetivo de proceder a uma distinção da enunciação em análise. Partindo desse dispositivo, primeiramente fizemos a escolha das sequências discursivas, das quais emergiram os enunciados operadores que nos interpelaram, em seguida, vislumbrado fazer um rastreamento das potencialidades enunciativas<sup>79</sup>, procedemos à interpretação das proposições tomadas para apreciação. Estas etapas dos procedimentos de análise constituíram-se essencialmente de duas partes, sendo que a primeira foi colocar os enunciados operadores sob o crivo da Matriz potencial e posteriormente da Matriz sentidural, em que construímos uma percepção interpretativa e inter-relacional com as noções apresentadas no capítulo teórico.

Segundo Santos (2004, p. 109), é impossível pensar em Análise do Discurso de Linha Francesa sem abordar (sobre) o caráter e a acepção dos sentidos, visto que assim como a instauração dessas significações está intimamente ligada à ação dos sujeitos “na constituição dos processos enunciativos,” é através da interação “sujeitos-sentidos que emergem as manifestações discursivas e suas circunscrições socioideológicas.” Para este autor, é por meio da alteridade entre sujeitos e discursos, passando pelo crivo dos sentidos, que podemos refletir sobre a ordem dessa investidura, as quais atravessam os discursos, passando pela clivagem<sup>80</sup> dos sujeitos. Desta feita, os meandros da enunciação caracterizam-se por trocas linguageiras, como nos esclarece Santos (2004, p. 110).

Nessa conformação, os efeitos de sentido “refletem significações sincrônicas em acontecimentos singulares. Uma singularidade que se instaura na dialética” latente entre o que se caracteriza por ser simbólico (de uma ordem do inconsciente) e real, concernente a ordem dos sentidos. Na acepção de Santos (2004, p. 110), o sujeito se constitui “na singularidade paradoxal dos sentidos – na amplitude dos equívocos,” assim sendo, é por meio da equivocidade, da falha, que se balizam os processos de identificação sujeitudinal. Dessa forma, na organização da materialidade linguística discursiva, consideramos a disposição dos elementos significativos dentro de cada enunciado.

Optamos por eleger o Dispositivo Matricial em consonância com o Dispositivo de Análise Nonessência em duplo-vetor<sup>81</sup>, por crer que esta modulação nos permitiria lançar um olhar macro e micro sobre o *corpus* em análise, possibilitando selecionar os enunciados que traziam em seu âmago as inscrições discursivas pertinentes aos objetivos do projeto de

<sup>79</sup> Segundo Santos (2010), rastrear as possibilidades enunciativas refere-se ao levantamento das possibilidades enunciativas dos sentidos a partir dos enunciados-operadores.

<sup>80</sup> Estamos tomando por clivagem o termo citado por Santos (2004, p. 109) que assim define: “Triagem de sentidos feita pelo sujeito, considerando seus referenciais intra-epistemológicos e sócio-histórico-culturais. Trata-se, pois, de uma filtragem de sentidos realizada pelos sujeitos”.

<sup>81</sup> Este dispositivo de Análise também foi desenvolvido por Santos (2010).

pesquisa e as noções discutidas no capítulo teórico. Nesta alteração, o Dispositivo Matricial serviu para que fizéssemos uma análise, em que discorrêssemos sobre a ISL, sua constituição e os processos de identificação, enquanto tomada de posição frente aos deslocamentos identitários. Em seguida, fizemos a uma microanálise, em que focalizamos, conforme nos esclarece Santos (2004, p. 113) “os potenciais de significação dos sentidos no interior de uma manifestação discursiva,” que na autoajuda são balizados pelas formações imaginárias viabilizadas pelas REIS.

Como nos discorre Santos (2004, p. 114), “a disposição distintiva das regularidades constituirá as chamadas matrizes, consideradas como síntese da macro-instância de análise.” Essas matrizes se caracterizaram enquanto um mapeamento das regularidades do *corpus*. A partir da síntese dessas regularidades e das nossas percepções, é que emergiu a microanálise. Este procedimento tem como conjectura a constituição de enunciados-operadores potenciais carregados de significações, os quais constituíram unidades temático-operatoras<sup>82</sup> que nos serviram como alicerce no processo de composição do Dispositivo de Análise Nonessência em duplo-vetor.

Nesse sentido, a Matriz potencial funcionou como ponto propulsor e norteador de nossas análises, pois foi o primeiro olhar que lançamos sobre a materialidade discursiva do *corpus*, viabilizando o estágio descritivo e diagnóstico dos sentidos que emergiam da materialidade em estudo, por meio do levantamento das potencialidades enunciativas, bem como o rastreamento das regularidades que posteriormente foram expostas na Matriz Sentidural. Foi por meio da Matriz potencial que procedemos a uma filtragem do engendramento linguístico, das ocorrências de significações, das potencialidades, com vistas a fazer com que emergisse, do material de análise, os atravessamentos discursivos que, posteriormente materializamos como relacionadas as FDs que flutuam no interdiscurso e que ao serem selecionadas pela ISL, através dos processos de identificação, aparecem simuladas no intradiscurso, promovendo um efeito de dissimulação das representações imaginárias por meio das REIS.

Neste segundo estágio, na construção da Matriz Sentidural, consideramos cada regularidade evidenciada por meio da Matriz potencial e nas sequências discursivas das quais emergiram os enunciados operadores selecionados. Foi por meio dos sentidos instaurados a partir da análise pormenorizada que começamos a refletir sobre as recorrências dos sentidos e

---

<sup>82</sup> É a partir da constituição dos enunciados-operadores, considerando as regularidades das significações, que foi possível construir unidades temático-operatoras, que seriam o conjunto de enunciados-operadores que por terem significações aproximadas foram organizadas em grandes blocos para facilitar a demonstração dos efeitos de sentido que são produzidos a partir da discursividade curyana.

a compreender melhor o amálgama discursivo que atravessava e ao mesmo tempo constituía a discursividade curyana. Nesse sentido, consideramos as potencialidades e as regularidades<sup>83</sup>, lançando um *olhar-leitor* sobre o engendramento lógico-filosófico-linguístico-discursivo das construções da autoajuda, tendo sempre como enfoque os efeitos de sentidos que emergiam destas edificações.

Dessa maneira, à medida que fomos construindo uma percepção das regularidades encontradas no *corpus* através do escrutínio dos enunciados com o Dispositivo de Análise Matricial desenvolvido por Santos (2004), sentimos a necessidade de visualizar, por meio de uma percepção interpretativa, a forma como os elementos abordados no capítulo teórico incidiam sobre a materialidade discursiva da obra.

É oportuno destacar que, refletindo sobre os elementos teóricos e o percurso que optamos por percorrer, percebemos que há um imbricamento, uma tessitura entre esses elementos e a materialidade discursiva do *corpus*. Assim, propomos conjecturar sobre a amplitude epistemológica desses conceitos, considerando suas especificidades e os efeitos de sentido que emergem destes. Nessa perspectiva, o desejo de resgatar epistemologicamente os conceitos colocados sobre o crivo analítico, no arcabouço teórico, configura-se enquanto a veleidade de desvelar uma alteridade epistemológica que baliza a discursividade que permeia a produção de sentidos da literatura de autoajuda, construída pela ISA.

Investigar como ocorre a passagem do engendramento linguístico-textual ao discursivo foi de suma importância, já que foi possível perceber, por meio da análise das potencialidades enunciativas, que as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS), produzidas pela ISA fundamentavam-se em um tripé discursivo representado pelas Formações Discursivas (FDs), que são transpassadas pelas Formações ideológicas e se instauram por meio das representações enunciativas no crivo Formações Imaginárias da ISL.

Dessa forma, ficou perceptível que a discursividade da obra em análise, desdobra-se em três dimensões: o discurso político, representado pela mais-valia; o discurso religioso, que visa o tolhimento da autonomia da ISL por meio de normas de conduta e pensamentos; e o discurso humanitário da pedagogia da família, que se baseando no discurso institucional de responsabilização da ISL sobre o processo de ensino-aprendizagem, sugere a estes influxos nos processos identitários. Evidencia-se, portanto, que está em constante processo de embate, no interior da discursividade construída pela ISA, um amálgama discursivo, fundamentado a

---

<sup>83</sup> As regularidades as quais nos referimos baseia-se no conceito abordado por Santos (2004, p. 114) em que “Entendemos por regularidades as evidências significativas, observadas na conjuntura enunciativa da manifestação discursiva em estudo.”



partir do discurso político, do discurso religioso e do discurso humanitário da pedagogia da família, cujas alocações apresentam-se em constante processo de alteridade na obra, mas que, discursivamente, se unem para compor um discurso doutrinador, castrador. É como se esse tripé discursivo procedesse a uma movimentação que as conduzisse na mesma direção, no sentido de ter um objetivo em comum, persuadir a ISL a se inscrever no real delineado pela literatura de autoajuda.

Logo, foi a partir dos resultados coletados nas análises do Dispositivo Matricial, que se tornou viável apresentar um arquétipo analítico-metodológico que acreditamos ser capaz de viabilizar um gesto interpretativo sobre o funcionamento da discursividade. É importante ressaltar que nos balizamos em Santos (2004-2007) com os Dispositivos de Análises N-essência e em Ferreira-Rosa (2009) com o Dispositivo de Análise Quintessência-essência em duplo-hélice, estabelecendo relações entre conceitos, conforme Ferreira-Rosa (2009, p. 24), “construindo associações de elementos constituintes, constituídos e constitutivos de conceitos-operadores que nortearão a análise.”

### 3.2 Dispositivo N-essência e Nonessência em duplo-vetor

O Dispositivo de análise desenvolvido por Santos (2007), denominado N-essência<sup>84</sup>, constitui-se enquanto um suporte teórico metodológico-analítico, o qual apresenta, em sua constituição, múltiplas possibilidades de se associar conceitos de uma teoria por meio de equivalências potenciais instauradas através de equivalências epistemológicas. No que concerne às reflexões de Ferreira-Rosa (2009), no desenvolvimento do dispositivo de análise Quintessência em duplo-hélice, este autor buscou desvelar como se dava o funcionamento e a instauração da discursividade no texto de Lygia Fagundes Telles. Para tanto, procedeu a uma extensão teórica do Dispositivo desenvolvido por Santos (2007), produzindo a noção de significância.

Foi no anseio de instaurar a construção de nosso *olhar-leitor* sobre as reflexões já elucubradas por Santos (2007) e posteriormente ampliadas por Ferreira-Rosa (2009), que adotamos como referencial teórico, a trama conceitual delineada pela Análise do Discurso Francesa, mais especificamente as contribuições de Michel Pêcheux, em uma interface com conceitos da Filosofia da Linguagem apresentados por Mikhail Bakhtin e o Círculo, além da lógica, percorridos por Frege (2009) em uma relação de interconexão com a releitura de

---

<sup>84</sup>Segundo Santos (2007, p. 190), trata-se de uma conjunção de conceitos teóricos “dispostos em forma de *continuum* relacional entre bases de constituição de um dado conhecimento.”

alguns conceitos e funcionamentos de noções da física, em especial da teoria da relatividade proposta por Einstein. Nesse aspecto, houve a tentativa da constituição de uma conjuntura inter-relacional entre conceitos, áreas do saber que se uniram em uma conjuntura lógico-semântica.

Assim sendo, a Nonessência é constituída, em seu cerne, por uma rede conceitual diversificada, envolvendo elementos teóricos e subsídios que atuam de forma a se interpenetrarem constantemente. Destarte, os critérios de recorte privilegiaram o acontecimento discursivo enquanto uma tomada de posição essencialmente política.

Nesse sentido, o dispositivo foi construído considerando dois vetores, de oito hélices cada um. Cada vetor possui em seu interior um ponto de centralidade que exerce entre eles (ISL e REIS) um efeito de atração. Já entre o núcleo e as extremidades das hélices, estas exerceriam entre si, ora um efeito de atração, ora um efeito de expansão, pois cada vetor, segundo nossa perspectiva, procederia a uma movimentação. Assim, o de efeito atrativo (REIS) giraria no sentido horário, pois há neste caso, uma expansão dos sentidos e das representações no imaginário da ISL, induzindo-o a se identificar com a discursividade e com as REIS construídas na literatura de autoajuda. Já o de efeito expansivo (ISL), giraria no sentido anti-horário, posto que seria essa expansão sentidural que induziria a ISL a uma tomada de posição frente seu real físico, procedendo a um deslocamento nos processos identitários.

Assim, tomamos por referência o funcionamento da física discorrido por Capra (1989), que nos possibilitou estabelecer uma metáfora entre o engendramento da física, em uma perspectiva filosófica, e a constituição da Nonessência em duplo-vetor. Nesse sentido, consideramos que, no centro de um átomo, existe um núcleo e vários eixos de movimentação, em que o movimento anti-horário viabiliza a expansão do átomo. Na física quântica, segundo Einstein, é essa movimentação que possibilita a expansão do universo ao infinito. Aqui, tomaremos esse conceito enquanto metáfora, para discorrer sobre a expansão dos sentidos, pois tal qual se expande o universo, cremos que também se expandem os efeitos de sentidos no imaginário da ISL ao entrar em contato com as REIS elucubradas pela ISA da autoajuda.

Quanto ao vetor de atração, este faria um movimento horário, intentando concentrar em seu núcleo todas as partículas que porventura pudessem lhe conferir um efeito de sustentabilidade. Nesse aspecto, intermitentemente, a ISA recorreria aos aspectos memorialísticos, a exterioridade, a ideologia, a uma tomada de posição política encharcada de simulações do  $R_F$  da ISL e que tem sua constituição dissimulada no  $R_L$ , por meio das representações da ISA. Acreditamos que além de ser rotativo e contra rotativo, esse

movimento é geossincrático, ou seja, realiza um movimento circular ininterrupto, o qual promove a integração de vários conceitos, promovendo uma fusão, uma confluência teórica que resulta em múltiplos efeitos de sentido. Escolhemos este termo porque acreditamos que tanto elementos exteriores à difusividade, quanto elementos da ordem do sujeito (ISL e ISA) se inter-relacionam para que as REIS possam se instaurar no imaginário da ISL, por meio das representações enunciativas.

Desta forma, Ferreira-Rosa (2009, 15) define o movimento em duplo-hélice, da Quintessência, como sendo semelhante aos motores de turbo-hélice dos aviões, que atuam por meio de um movimento rotativo e contra rotativo, propulsão/impulsão, os quais são capazes de desencadear uma significância. De acordo com a percepção deste autor, os processos discursivos podem ser representados por uma conjuntura de ordem sujeitucional e outra sentidural, na instauração de uma discursividade. Nesse sentido, cada hélice descreveria o funcionamento de uma das faces poliédricas da discursividade literária. Sendo uma referente à construção do sujeito e outra a constituição e instauração dos sentidos.

Nessa perspectiva, estamos tomando a reentrância enquanto ato ou efeito de fusão, de misturar, trocar vibrações entre os efeitos de sentidos, se interpenetrando. É pertinente ressaltar que este toque/fusão entre as noções, dentro das REIS e no imaginário da ISL, acontecem de forma velada, posto que é como se cada elemento atuasse independente da existência das demais noções. Além disso, esse movimento é altero porque há uma alteridade descontínua entre os elementos, haja vista que não há uma ordem pré-determinada, pois as noções, ao se interpretarem, se fundem, produzindo inúmeras imagens no imaginário da ISL. Acreditamos que, diferentes combinações entre triplessências<sup>85</sup> resultam em diferentes efeitos de sentidos, por isso tomamos a ISL enquanto ponto de centralidade do vetor de expansão, porque é através de suas representações imaginárias, incidindo sobre os eixos de movimentação que, se desvela o processo de constituição do sujeito em sua relação na/pela linguagem e por sua interação com a FD com a qual ele se identifica e se constitui, produzindo assim, uma ilusão de completude fundada no/pelo acontecimento discursivo, uma tomada de posição frente ao  $R_F$  que o constitui.

Quanto às REIS, optamos por colocá-las enquanto ponto de centralidade no segundo vetor, pois nos propomos enfocar nas questões que dizem respeito a constituição, funcionamento e ao engendramento das REIS, a qual baliza a construção de uma

---

<sup>85</sup> A unidade de recorte denominada Triplessência foi desenvolvida por Santos (2007) ao discorrer sobre o dispositivo de análise N-essência.

discursividade em que a ISA se coloca enquanto produtor de verdades ideologicamente delineadas pela via da simulação do saber no desconhecimento ideológico da ISL.

Destarte, nomeamos cada eixo de movimentação considerando um funcionamento discursivo, no intuito de demonstrar na abrangência epistemológica e funcional de cada combinação conceitual de triplessência na discursividade da autoajuda incidindo sobre o ponto de centralidade. Vale ressaltar que, em nossa análise, não pretendemos lançar um olhar apenas sobre as partes, mas sobre dinamicidade de cada triplessência com o todo que constitui a discursividade da obra em análise.

Segundo Santos (2007, p. 190) a N-essência possui dois eixos de movimentação, sendo um horizontal representado pela macropolaridade que “são os elementos de identificação conceitual que delimitam unidades de recortes fundadoras de uma semiose” e um eixo vertical que é representado pelas micropolaridades, isto é “concepções de ordem conjuntiva que refletem amplitudes de percepções na relação de clivagem e injunção enunciativa.” Nesse processo, nomeamos o eixo vertical enquanto da ordem de constituição do sujeito, e o eixo horizontal enquanto da ordem dos sentidos. No eixo transversal, a que nomeamos A, este seria da ordem do lógico-filosófico-discursivo, visto que, neste recorte, lançamos um olhar considerando os postulados de Michel Pêcheux e Frege. No eixo transversal B, teríamos a ordem lógico-filosófico-linguístico-discursivo, posto que nos baseamos nos postulados de Pêcheux, Bakhtin e o Círculo, além da lógica percorrida por Frege.

Nesse sentido, fizemos esta escolha teórica e optamos por essa disposição dos elementos, por crer que, desta forma, conseguiríamos explicar de forma pontual e verticalizada sobre a identificação, a construção do imaginário e o deslocamento nos processos identitários com as REIS. Entendemos que este dispositivo funcionará enquanto desvelador dos elementos constitutivos, constituintes e constituídos do processo ideológico, emanado pela ISA através do signo ideológico, da sobreposição de olhares. Assim<sup>86</sup>:

---

<sup>86</sup> Para efeito de ilustrativo, apresentamos a materialização do que seria o Dispositivo de Análise Nonessência em duplo vetor com movimentos geossicráticos, reentrantes e alteros.

### Força vetorial gravitacional de expansão

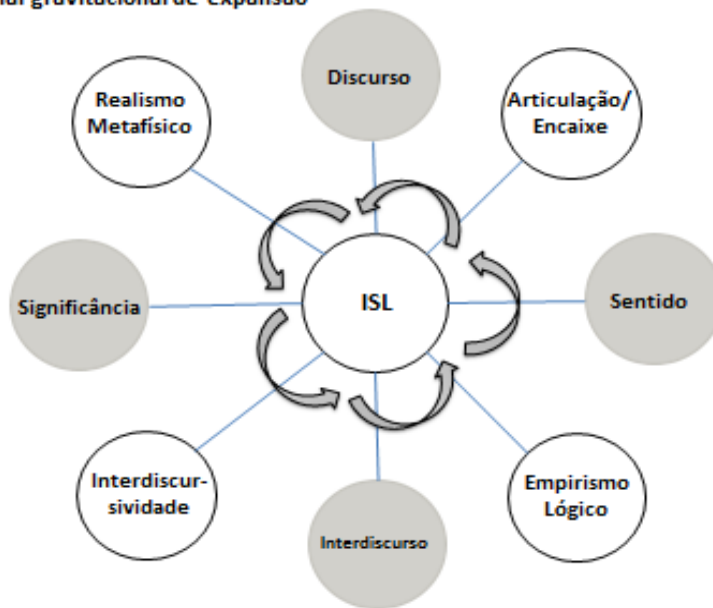


Figura 1: Força vetorial gravitacional de expansão<sup>87</sup>.

### Força vetorial gravitacional de atração

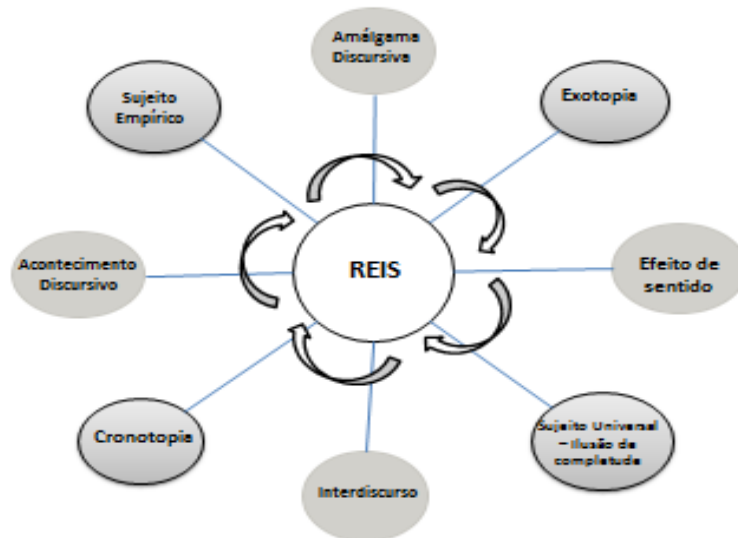


Figura 2: Força gravitacional vetorial de atração<sup>88</sup>.

<sup>87</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência discorrido por Santos (2007).

<sup>88</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência discorrido por Santos (2007).

### 3.2.1 Funcionamento Micro e Macro Vetorial

É por meio do imbricamento entre os eixos micro e macropolares, vertical – de ordem conjuntiva, horizontal – de ordem idiossincrática, transversais, lógico-filosófico-linguístico-discursivo, constituído por uma movimentação geossincrática, reentrante e altera, que se instauram as significações da ordem das representações imaginárias na literatura de autoajuda, por meio do engendramento das REIS. Dessa maneira, as propriedades dos elementos que compõem cada extremidade do vetor só podem ser compreendidas nos termos da sua atividade, em pleno movimento de interação. Não podendo, portanto, serem vistas ou compreendidas enquanto um elemento isolado, mas enquanto uma parte integrante do todo.

Além disso, esses vetores, ao se movimentarem, produziram diferentes forças, sendo uma de atração que seria responsável por seduzir a ISL a ilusão de plenitude e completude e viabilizaria a constituição das formações imaginárias, por meio de uma retomada da formação social. É esta retomada que seria responsável por fazer com que o sujeito discursivo se identificasse com essa discursividade, deslocando-se nos processos identitários. E a outra que giraria no sentido anti-horário, que seria responsável pela expansão da produção de sentidos, que auxiliaria no processo de identificação da ISL com a discursividade da autoajuda e que mediaría os deslocamentos identitários destes. Assim temos o funcionamento dos Vetores realizando o movimento de reentrância produzindo as REIS e o efeito de atração na ISL.

Nesse ínterim, é como se as duas hélices, postas inicialmente uma lado ao lado da outra, e posteriormente uma sobre a outra, funcionassem como campos gravitacionais que exerceriam um efeito de atração entre a ISL e a discursividade mediada pelas REIS. Assim, é como se ocorresse uma sobreposição que resultasse em frações e refrações entre os dois vetores e os efeitos de sentido subjacentes a essa movimentação. Isso implica em dizer que esta suposta aproximação conceitual produz, no imaginário de representação da ISL, inúmeras imagens do que dever ser do agir de um docente de sucesso, que consegue obter êxito com seus alunos e sobre o processo de ensino-aprendizagem, mesmo tendo ciência de que esta discursividade configura-se de forma perversa e controladora.

Assim engendramos o mecanismo epistemológico que norteou nossos construtos analíticos. Foram construídos vetores que trazem em seu cerne, noções teóricas múltiplas, mas que serão analisadas sempre em uma conjuntura de interface, visto que no crivo de nosso olhar, somente através do imbricamento destes elementos é que se torna possível desvelar o imaginário de identificação da ISL com a discursividade da autoajuda. Nesse ínterim, utilizamos as reflexões de Capra (1989) para fundamentar o escopo em que os elementos do

vetor se inter-relacionam por um movimento contínuo, vibratório, em que não existe uma estatização dos elementos, mas sim, um estado dinâmico de equilíbrio.

Nesse aspecto, fenomenologicamente falando, tudo que constitui o universo cósmico é essencialmente dinâmico, assim acreditamos ser na análise do discurso, pois a dinamicidade, a fluidez dos sentidos são constituintes, constitutivas e constituídas no ato enunciativo que vem preenche de significações múltiplas dependendo das CPs. Logo, esse movimento circular apareceria enquanto uma oscilação dos efeitos de sentido provocados por cada elemento, incidindo sobre o ponto de centralidade. Assim, segundo Capra (1989, p. 119) o universo da física é visto enquanto um todo complexo e dinâmico, que inclui obrigatoriamente a presença de um observador. Nesta perspectiva, tempo e espaço são inseparáveis.

Deste modo, a similitude entre esses dois fatores tornam REIS e a ISL, núcleos que interagem através das forças que se manifestam por meio de uma integração entre as unidades dinâmicas, que aparentemente são opostas, mas que se interpenetram e se completam, por meio de um movimento circular em que há a oscilação de duas extremidades. Nesse sentido, elas exerceriam uma velocidade constante em intermináveis ciclos induzindo a ISL a um imaginário de identificação com a discursividade da literatura de autoajuda.

Logo, apresentamos no próximo capítulo, o dispositivo Nonessência em duplo-vetor em funcionamento, por meio do delineamento do *olhar-leitor* com um movimento geossincrático de reentrância e altero. Lançaremos um olhar macro sobre a discursividade da obra em análise, permeando-a de percepções micro. Para isso, utilizamos os acúmenes da Matriz Sentidural e as combinações das noções teóricas abordadas no Dispositivo de Análise Nonessência em duplo-vetor, a partir das triplessências<sup>89</sup>. Ao final, discorreremos sobre os efeitos de sentidos provocados pelos atravessamentos de elementos de diferentes naturezas, organizados na ordem intradiscursiva, através das formações imaginárias, no *non-sens*<sup>90</sup> em que o real da ISA e o real físico do leitor são inscritos na simultaneidade de um batimento, no qual o inconsciente tenta instaurar na ISL um sentido ideologicamente delineado pela ISA. Inicialmente iremos apresentar a força vetorial de expansão e em seguida a força vetorial de atração, traçando, em cada triplessência, a inter-relação existente entre as noções teóricas que nos interpelaram e as REIS.

<sup>89</sup> Forma de recorte da Nonessência desenvolvida por Santos (2007).

<sup>90</sup> Conceito de Michel Pêcheux (2010).

## CAPÍTULO 4

### UM IMAGINÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO COM A LITERATURA DE AUTOAJUDA: delineando um *olhar-leitor*

*Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim não pode ver. (BAKHTIN, 2010, p. 21)*

*O ser fascinante lhe apresenta teatral e diretamente o que ele, pequeno ser homem, poderia vir a ser ou ter. Ele o faz viver por delegação seu heroísmo escondido, devolve-lhe seu mais profundo desejo de ser reconhecido, identificado, amado, e pode leva-lo a se transformar e a se transcender. (ENRIQUEZ, 1991, p. 287)*



## 4.0 Introdução

A análise que propomos das enunciações do livro *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003) de Jorge Augusto Cury, neste capítulo, tem o objetivo de apresentar um *olhar-leitor*, descritivo-interpretativo-analítico, em que utilizamos enquanto unidade de recorte enunciados operadores retirados da materialidade linguística em apreciação. Constituiu-se enquanto interpretativo-relacional porque tentamos evidenciar por meio de um gesto interpretativo nossas percepções em uma relação de interface com as noções teóricas evidenciadas ao longo deste trabalho. Assim, buscamos enfatizar sobre a constituição e o engendramento dos processos de identificação e as formações imaginárias viabilizadas pelas REIS na literatura de autoajuda.

Consideramos cada enunciado-operador colocado sobre o crivo analítico, enquanto construto mediador de ideologias, que se constituiu a partir de um amálgama discursivo que intermitentemente é transpassado pelo interdiscurso, produzindo assim uma significância que resultará em efeitos de sentidos múltiplos. Desta feita, entendemos cada significação enquanto resultante de processos e elementos sócio-históricos-ideológicos, que são essencialmente polifônicos. Logo, não foi nosso objetivo aprisionar a análise a fórmulas ou a procedimentos empíricos, mas priorizamos o acontecimento discursivo, enquanto produtor de efeitos de sentidos múltiplos.

Deste modo, tal qual Ferreira-Rosa (2009, p. 99), assumimos o “lugar de questionadores e analistas do processo de produção de sentidos,” intentando problematizar e hipotetizar sobre o funcionamento discursivo das REIS, vislumbrando desvelar a ideologia constitutiva dessa discursividade. Assim sendo, expomos aqui um olhar sobre o funcionamento da discursividade curyana, e a partir do nosso *olhar-leitor*, considerando as REIS enquanto viabilizadoras de representações enunciativas imaginárias criadas pela ISA para provocar na ISL um feito ilusório, induzindo-a a identificação, ao deslocamento nas construções identitárias, a criação de um real imaginário, a partir do encaixe e da articulação, produzindo um efeito de unicidade, de individuação, a partir das inscrições instauradas discursivamente, através da simulação do interdiscurso no intradiscurso.

Nesse sentido, consideramos, para a construção dessa percepção, dois movimentos: um de atração e outro de expansão. O movimento de atração, metaforicamente seria responsável por induzir a ISL aos processos de identificação e o de expansão seria responsável por fazer com que a ISL tivesse uma tomada de posição frente à discursividade apresentada no texto, induzindo-a aos deslocamentos identitários, por meio dos efeitos de

sentido subjacentes a enunciação. Assim, tentamos desvelar como a discursividade tributaria para que ocorressem e/ou se intensificassem os processos de identificação da ISL com a discursividade da autoajuda, bem como os fatores que de alguma forma contribuem para que o sujeito professor (des)construa as subjetividades, em busca de um paradigma de sujeito uno, centro de seus dizeres e feliz na contemporaneidade.

Dessa forma, escrutinamos a língua enquanto materialidade discursiva, evidenciando os atravessamentos discursivos que sustentam os textos de autoajuda, analisando por meio do Dispositivo de Análise Nonessência em duplo-vetor, o funcionamento da discursividade da literatura de autoajuda, por meio da instauração de REIS, viabilizadas pela ISA. Destarte, problematizamos e, sobretudo, hipotetizamos sobre os possíveis impactos e deslocamentos dessa discursividade na constituição identitário-sujeitucional do professor em sua formação pré e em-serviço. Considerando tais questões, passamos agora a construção das triplessências:

#### **4.1 Constituição das Triplessências**

A análise que propomos das enunciações do livro *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003) de Jorge Augusto Cury, tem o objetivo de apresentar um *olhar-leitor*, descritivo-interpretativo-relacional, em que utilizamos, enquanto unidade de recorte, enunciados-operadores retirados da materialidade linguística em apreciação. Constituiu-se enquanto interpretativo-relacional porque tentamos evidenciar, por meio de um gesto interpretativo, nossas percepções, em uma relação de interface com as noções teóricas evidenciadas ao longo deste trabalho. Assim, buscamos enfatizar sobre a constituição e o engendramento dos processos de identificação e as formações imaginárias viabilizadas pelas REIS na literatura de autoajuda.

Consideramos cada enunciado-operador colocado sobre o crivo analítico, enquanto construto mediador de ideologias, que se constituiu a partir de um amálgama discursivo que intermitentemente é transpassado pelo interdiscurso, produzindo assim uma significância que resultará em efeitos de sentidos múltiplos. Logo, nosso objetivo foi priorizar o acontecimento discursivo, enquanto produtor de efeitos de sentidos múltiplos.

Deste modo, tal qual Ferreira-Rosa (2009, p. 99), assumimos o “lugar de questionadores e analistas do processo de produção de sentidos,” intentando problematizar e hipotetizar sobre o funcionamento discursivo das REIS, vislumbrando desvelar a ideologia constitutiva dessa discursividade. Assim sendo, expomos aqui um olhar sobre o

funcionamento da discursividade curyana, considerando as REIS enquanto viabilizadoras de representações enunciativas imaginárias criadas pela ISA para provocar na ISL um feito ilusório, induzindo-a a identificação, ao deslocamento nas construções identitárias, a criação de um real imaginário, a partir do encaixe e da articulação, produzindo um efeito de unicidade, de individuação, a partir das inscrições instauradas discursivamente.

Nesse sentido, consideramos, para a construção dessa percepção, dois movimentos: um de atração e outro de expansão. O movimento de atração, metaforicamente, seria responsável por induzir a ISL aos processos de identificação, e o de expansão seria responsável por fazer com que a ISL tivesse uma tomada de posição frente à discursividade apresentada no texto, induzindo-a aos deslocamentos identitários, por meio dos efeitos de sentido subjacentes a enunciação. Assim, tentamos desvelar como a discursividade contribuiria para que ocorressem e/ou se intensificassem os processos de identificação da ISL com a discursividade da autoajuda, bem como os fatores que de alguma forma colaboram para que o sujeito professor (des)construa as subjetividades, em busca de um paradigma de sujeito uno, centro de seus dizeres e feliz na contemporaneidade. Considerando tais questões, passamos agora a construção das triplessências e no decorrer da apresentação pretendemos adentrar na discursividade analisada de forma a lançar o nosso gesto de interpretação sobre as manifestações discursivas, revelando, pelos recortes, o que corrobore com as conjecturas estabelecidas nos objetivos da pesquisa.

## 4.2 Triplessências: força vetorial de expansão

### 4.2.1 O Discurso, a Instância Sujeito Leitor (ISL) e o Interdiscurso

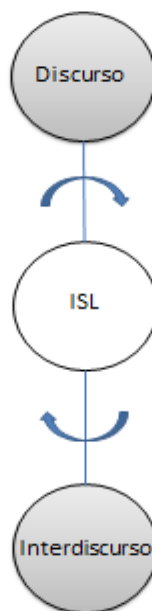


Figura 3: Triplessência de expansão: eixo sujeitudinal<sup>91</sup>.

No que diz respeito aos eixos de circulação do vetor gravitacional de expansão, acreditamos que a movimentação geossincrática de reenrância, produz na ISL o mesmo efeito da força gravitacional universo plano<sup>92</sup>, em que tudo se expande até certo momento, pois quando a aceleração decai tem-se a ilusão de um suposto equilíbrio. É nesse momento que a força de atração atua de forma preponderante, pois apesar de transmitir essa ilusão de estabilidade, ao mesmo tempo, essa força impede que os sentidos se expandam, haja vista que uma vez realizado o processo de identificação da ISL com a discursividade da autoajuda, as REIS ganham autonomia, pois o real da literatura é simulado no real físico da ISL, por meio da ISA, no imo da materialidade linguística. Como podemos perceber:

Atualmente, não basta ser bom, pois a crise da educação impõe que procuremos a excelência [...] os professores precisam incorporar hábitos dos educadores fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos (CURY, 2003, p. 16).

<sup>91</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).

<sup>92</sup> Esta é uma das interpretações sobre a expansão do universo.

Isso significa dizer que a ISL, por meio do tempo e o espaço delineados pela literatura de autoajuda, têm a ilusão de completude subjetiva, entretanto, torna-se preso a discursividade, pois permanece em um constante processo de *devir*, intentando alcançar o *status* proposto pela literatura de autoajuda, pois o discurso da perversidade abordado pela ISA ganha contornos de salvação para os problemas que circundam o real da ISL.

Por isso, queremos problematizar por meio deste vetor, os efeitos de sentido que transpassam a discursividade que coloca a ISL em um invólucro significativo, como ocorrem os processos identificatórios e consequentemente os deslocamentos identitários da ISL, por meio dos processos filiatórios das representações enunciativas proferidas pela ISA. Destarte a ISA coloca:

Discutirei ferramentas psicológicas que poderão promover a formação de pensadores, educar a emoção, expandir os horizontes da inteligência e produzir qualidade de vida. A educação de nossos sonhos: formando jovens felizes e inteligentes (CURY, 2003, p. 10)

Nesse sentido, temos como ponto de centralidade a ISL, que traz em sua constituição traços sócio-históricos e ideológicos, que assume uma forma-sujeito e que se constitui por meio da identificação com determinada FD, no caso a formação discursiva veiculada pela autoajuda. Dessa maneira, é via forma-sujeito, que a ISL acessa o interdiscurso, realiza a incorporação e dissimulação do interdiscurso enquanto efeito de evidência do sujeito e se constitui sujeito via identificação com determinada FD. Assim, esta funcionaria enquanto elemento, através do qual a ISL acessaria as informações que de alguma forma se identificassem com ele, para então recortá-las e dissimulá-las no interdiscurso.

Esse efeito se constituiria enquanto sendo de natureza imaginária e inconsciente, por isso a ISL possuiria livre acesso a essa região interdiscursiva, lugar no qual ocorreria a pré-seleção dos enunciados e suas significâncias, linearizando-as na ordem intradiscursiva.

No eixo vertical, temos o discurso, enquanto macropolaridade vetorial-determinativa de ordem conjuntiva, que representa as formações discursivas que permeiam a literatura de autoajuda, que seriam o discurso religioso, o discurso capitalista e o discurso pedagógico. É por meio da identificação com a formação discursiva que se determina a produção de sentidos. Nesse ínterim, entendemos que há um imbricamento entre a constituição da ISL, no processo identificatório e no deslocamento dos processos identitários. No mesmo eixo, temos o interdiscurso que funciona enquanto macropolaridade vetorial-descritiva-explicativa. É por meio do interdiscurso que é possível a forma sujeito ISL recorrer aos saberes que mesclam

ciência e senso comum selecionando as FDs que o constituem. Por isso ele funciona enquanto elemento que descreve e explica, pois baliza o processo de identificação e deslocamento identitário. É oportuno ressaltar que este eixo constitui-se enquanto da ordem conjuntiva<sup>93</sup>, uma vez que englobam aspectos sócio-históricos e ideológicos que envolvem as CPs e a MD da ISL, como podemos constatar:

A educação tornou-se seca, fria e sem tempero emocional [...]. Um pedido aos professores fascinantes: por favor, tenham paciência com seus alunos. Eles não tem culpa dessa agressividade, alienação e agitação em sala de aula. Eles são vítimas [...]. Precisamos de educadores muito acima da média se quisermos formar seres humanos inteligentes e felizes, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante (CURY, 2003, p. 15-63).

Fazendo um recorte dos eixos de movimentação vertical, discurso, ISL, e interdiscurso, é perceptível que as FDs, que se localizam neste, funcionam enquanto elemento que possibilita a ISL selecionar, recortar, aderir e dissimular os elementos que vão de encontro com ele. Assim podemos observar:

Ao falar sobre o átomo, o professor deveria interrogar: "Quem nos garante que o átomo existe?", "Como podemos afirmar que ele é formado de prótons, nêutrons e elétrons?" Os professores de matemática, de línguas e de história deveriam aprender a questionar criativamente o conhecimento que expõem. As palavras "Por quê?", "Como?", "Onde?", "Qual o fundamento disso?" devem fazer parte da sua rotina. A exposição interrogada gera a dúvida, a dúvida gera o estresse positivo, e este estresse abre as janelas da inteligência. Assim formamos pensadores, e não repetidores de informações. A exposição interrogada conquista primeiro o território da emoção, depois o palco da lógica, e em terceiro lugar, o solo da memória. Os alunos ficam supermotivados, se tornam questionadores, e não uma massa de pessoas manipuladas pela mídia e pelo sistema. A exposição interrogada transforma a informação em conhecimento, e o conhecimento, em experiência. (CURY, 2003, p. 56).

Nesse sentido, é por meio de fórmulas que a ISA instiga a ISL a proceder a esse movimento de recorte na FD, visto que o real da literatura delinea a postura que a ISL deve ter frente às situações enfrentadas em sala de aula. Como deve pensar, agir, que posição deve tomar diante do ato de ensinar. É essa constituição da discursividade que estimula a ISL a uma tomada de posição frente seu real físico, tendo por base o real da literatura, já que as situações e as adversidades sofrem um aplainamento.

---

<sup>93</sup> Segundo Ferreira-Rosa (2009, p. 89), "a ordem conjuntiva diz respeito à relação contígua de elementos que remontam a um todo dinâmico e descontínuo instaurador de efeitos de sentidos."

#### 4.2.1.1 A Significância, a Instância Sujeito Leitor (ISL) e o Sentido



Figura 4: Triplessência de expansão: eixo sentidural<sup>94</sup>.

No eixo horizontal, tem-se micropolaridade vetorial-determinativa da ordem do idiossincrático, representada pela significância. É por meio dela que se instauram as significações, no interstício das CPs, da formação social, por meio do aspecto ideológico e histórico. Assim temos:

Precisamos de professores incomuns [...] de professores comuns o mundo está cheio [...]. Este hábito dos professores fascinantes contribui para desenvolver: a auto-estima, estabilidade, tranquilidade, capacidade de contemplação, do belo, de perdoar, de fazer amigos, de socializar (CURY, 2003, p. 59-64)

Nesse sentido, é através das CPs, em um determinado Lugar Discursivo, que a forma-sujeito ISL é transpassada por REIS, interferida pelas Formações Ideológicas em sua relação com as Formações Sociais e Imaginárias, na inscrição de uma FD, balizada pelos aspectos da MD da ISL.

Na outra extremidade temos a micropolaridade vetorial-descritivo-explicativa, em que o sentido se instaura na opacidade da linguagem. Assim:

<sup>94</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).

O primeiro hábito de um professor fascinante é entender a mente do aluno e procurar respostas incomuns, diferentes daquelas a que o jovem está acostumado [...] Os educadores perderam a capacidade de influenciar o mundo psíquico dos jovens. Seus gestos e palavras não tem impactos emocionais e, conseqüentemente, não sofrem um arquivamento privilegiado capaz de produzir milhares de outras emoções e pensamentos que estimulem o desenvolvimento da inteligência (CURY, 2003, p. 57-59).

É na relação da ISL com a discursividade da autoajuda inserida no efeito material da língua histórica, incluindo a análise do imaginário na relação da ISL com a linguagem, que se observa a relação língua/ideologia produzindo sentido. Esta polaridade descreve e explica a instauração da ideologia da ISA, no real físico da ISL, na medida em que esta se inscreve no real delineado pela literatura de autoajuda. Pensando no recorte dos três elementos da horizontal (significância, ISL e sentido), é possível hipotetizar que o efeito de sentido se materializa e toma forma a partir do processo de identificação que é atravessado pela MD da ISL, em sua formação social que é transpassada pelas formações ideológicas. Logo:

#### 4.2.1.2 O Materialismo Físico, a Instância Sujeito Leitor (ISL) e o Empirismo Lógico

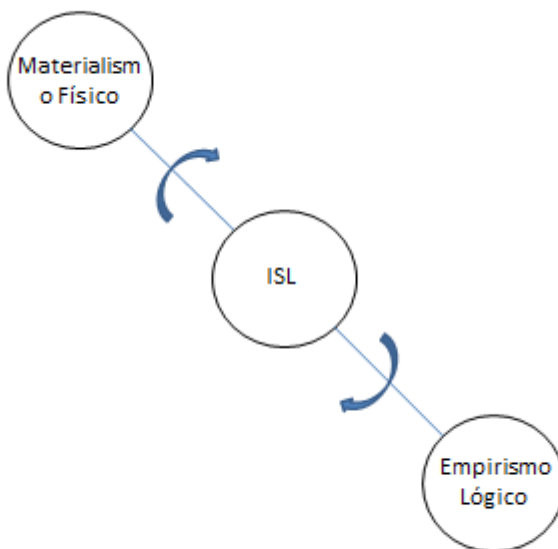


Figura 5: Triplessência de expansão: macropolaridade – eixo lógico-filosófico-discursivo<sup>95</sup>.

<sup>95</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).



No eixo transversal temos o vetor da macropolaridade lógico-filosófico-discursivo-determinativo, em que se tem a ocorrência do materialismo físico. É por meio desse acontecimento que a ISA busca encobrir o real físico da ISL, assimilando aquilo que se constituiria como objetivo para torná-lo subjetivo. Assim a ISA deixa claro que possui a pretensão de chegar a um universo em que os enunciados são fixos e unívocos, em que as enunciações produzidas por ela possuem um valor de verdade universal. Nesse sentido:

Seja um professor fascinante. Fale com uma voz que expresse emoção. Mude de tonalidade quando fala. Assim você cativará a emoção, estimulará a concentração e aliviará a SPA dos seus alunos. Eles desacelerarão seus pensamentos e viajarão no mundo das idéias. Um fascinante professor de matemática, química ou línguas é alguém capaz de conduzir sus alunos sem sair do lugar. Toda vez que dou uma conferência, procuro fazer com que meus ouvintes viajem, reflitam sobre a vida, caminhem dentro de si mesmos, saiam do lugar comum (CURY, 2003, p. 64).

Logo, o ser e o fazer da ISL e os efeitos de sentido subjacentes as suas enunciação seriam passíveis de serem controladas, manipuláveis. Essa polaridade funcionaria enquanto determinativa, porque delinea a transição da simulação do real físico da literatura no real físico do leitor.

Quanto à outra polaridade, temos o eixo da macropolaridade lógico-discursiva-descritivo-explicativa em que atua o empirismo lógico. Este diria respeito à verdade que os enunciados da autoajuda assumem para a ISL enquanto representação. Nesse sentido, desconsiderar-se-ia o olhar objetivo sobre as representações da realidade, priorizando as representações imaginárias. Dessa forma:

Tenho investigado a vida de grandes pensadores como Confúcio, Buda, Platão, Freud, Einstein. Todos eles foram mestres inesquecíveis, porque estimularam seu intimo a velejar para dentro de si mesmos [...] tive a oportunidade de investigar os pensamentos de Jesus Cristo, bem como sua capacidade de proteger a emoção, e sua habilidade de trabalhar no solo da inteligência de seus discípulos. Apesar das minhas limitações, fiz uma análise psicológica e não teológica de sua personalidade. Os resultados foram extraordinários. Talvez, pela primeira vez, textos referentes a Jesus Cristo tenham sido adotados em faculdades de psicologia, pedagogia e direito [...]. Seja um mestre fascinante. Inspire a inteligência dos seus alunos, leve-os a enfrentar seus desafios e não apenas a ter cultura informativa [...]. As informações são arquivadas na memória, as experiências são cravadas no coração (CURY, 73-74)

Destarte, o impensado, tornar-se-ia simulável no próprio pensamento, pois se constrói no discurso curyano, uma discursividade aparentemente científica em que se pretende enunciar sobre uma verdade superior, prenhe de uma unicidade de sentidos.

Procedendo ao recorte do eixo transversal lógico-discursivo, com as noções de materialismo físico, ISL e empirismo lógico, percebemos que neste eixo, os enunciados proferidos pela ISA ganham, dentro da discursividade, um valor de veracidade inquestionável, já que se parte do pressuposto de que a enunciação é unívoca, que o sujeito é homogêneo, que os sentidos são controláveis. Assim sendo:

Este é um excelente hábito. Professores fascinantes formam pensadores que são autores da sua história [...]. Ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão a diferença no mundo (CURY, 2003, p. 71-72).

Dessa forma, a MD, as CPs deixam de existir e a ISL é inserida na discursividade em que se simula o real da literatura no real físico do leitor.

#### 4.2.1.3 A Articulação/Encaixe, a Instância Sujeito Leitor (ISL) e a Interdiscursividade

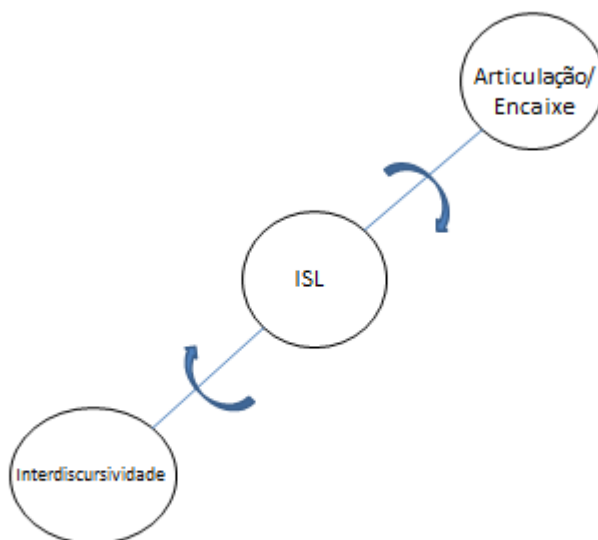


Figura 6: Triplessência de expansão: micropolaridade – eixo lógico-linguístico-determinativo<sup>96</sup>.

<sup>96</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).

No outro eixo temos a micropolaridade lógico-linguístico-determinativo, em que se instauram a articulação e o encaixe. Nesta extremidade, é perceptível a noção de ilusão, já que o efeito sintático está intimamente ligado ao pré-construído e é o que permite que se apreenda o interdiscurso simulado no intradiscurso. Como é possível perceber:

Os números gritam. Eles indicam que os professores estão quase duas vezes mais estressados do que a população de São Paulo, que é uma das maiores e mais estressantes cidades do mundo. Creio que a situação em qualquer nação desenviada é a mesma [...]. que tipo de batalha estamos travando para que nossos nobres soldados que se encontram no front – os professores – estejam adoecendo coletivamente? Que tipo de educação é esta que estamos construindo e que vem eliminando a boa qualidade de vida de nossos queridos mestres? [...]. há uma esperança no caos. Precisamos construir a escola dos nossos sonhos. Aguarde! (CURY, 2003, P.62-61).

Desta forma, seria necessário refletir sobre como o pensamento passa a funcionar enquanto um conceito, que seria possível somente por meio do efeito de sustentação, simulando assim uma relação causal, entre aquilo que é proferido pela ISA e o seu desejo de pensar o que a ISL pensa, de ver como a ISL, só que a partir de outro ângulo, na perspectiva que melhor lhe favorece. Nesse sentido, é por meio do engendramento linguístico, as escolhas lexicais e as regras de combinação, não aleatórias que a ISA prescreve normas de conduta, que devem ser seguidas pela ISL. Assim:

$$\frac{I_A = ((A)^A)^B + ((A)^B)^R + (I_A)RI + I_B(R_F) + I_B(R_L) + (I_B((B)^A)^{R_F})^{R_L}}{(t/e)_D}$$

$I_A$  – Imagem de A  
 A – Sujeito Autor  
 B – Sujeito Leitor  
 R – Referente  
 RI – Real Imaginário  
 IB – Imagem de B  
 RF – Real Físico  
 RL – Real da Literatura  
 t – tempo  
 e – espaço  
 D – devir

São esses fatores que descreveriam e determinariam o delineamento das FDs pela ISA no interior da discursividade curyana, produzindo REIS. Assim, essa polaridade determina a imagem que *A* faz de *A* e a imagem que *A* faz de *B*, contribuindo de forma efetiva para que *A* lance um olhar exotópico sobre o real físico de *B*, o que resulta em um real imaginário de *A* sobre o real físico de *B*. Nesse sentido, a imagem que *B* faz do seu real físico e do real da literatura são resultantes de um tempo e um espaço delineados pela ISA que colocam *B* em um ponto de inflexão epistemológica, intentando alcançar o real proposto pela literatura. Dito de outro modo, seria a imagem que *A* faz de si mesmo e a imagem que *A* faz de *B* e seu referente, juntamente com a imagem que *A* faz do real imaginário de *B*. Desta feita, a imagem que *B* faz do seu  $R_F$  influi diretamente em sua percepção do  $R_L$ , tendo portanto o desejo de se deslocar nos processos identitários assumindo para si a simulação de um tempo e um espaço de *devoir*.

Na outra extremidade temos a micropolaridade lógico-filosófico-linguístico-discursivo-descritiva-explicativa em que a interdiscursividade, representaria o lugar discursivo que a ISL ocupa enquanto receptor dessa enunciação da ISA. Desta forma, é oportuno refletirmos sobre a instauração de sentidos que essas enunciações assumem no processo de identificação da ISL com a discursividade de autoajuda, já que as FDs são acondicionadas as formações ideológicas e imaginárias que o constituem.

Nesse sentido, as FDs estabeleceriam um movimento paradoxal com aquilo que seria exterior, que se apresentaria sob a forma de pré-construído, resultando na interdiscursividade, que descreveria e explicaria aquilo que irrompe no interior das FDs delineadas pela ISA. É necessário destacar que, neste vetor, o movimento é geossincrático de reentrância e altero no sentido anti-horário, uma vez que este é responsável pela expansão dos sentidos, da discursividade da autoajuda, produzindo na ISL, processos identificatórios e deslocamentos identitários.

Neste eixo lógico-filosófico-linguístico-discursivo, temos a articulação e o encaixe, a ISL e a interdiscursividade, que funcionam por meio de uma ligação com o pré-construído, as FDs delineadas no interior do interdiscurso simulando o olhar de *A* sobre o olhar de *B*, através de um apanhado daquilo que é exterior e transmutado para o interior da enunciação, de acordo com a intencionalidade da ISA.

Além deste vetor gravitacional de expansão, em que discorreremos sobre os elementos que se vinculam a constituição da ISL na constituição sujeitudinal da forma-sujeito professor fascinante, enunciaremos também sobre o vetor gravitacional de atração, no qual elegemos

oito noções “temático-operadoras de significação na enunciação”<sup>97</sup> de elementos que instauravam a produção de REIS na autoajuda e viabilizam o processo de identificação da ISL com a discursividade da autoajuda, tendo como ponto de centralidade as REIS.

### 4.3 Triplessência: força vetorial de atração

#### 4.3.1 O Amálgama Discursivo, as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) e o Intradiscurso

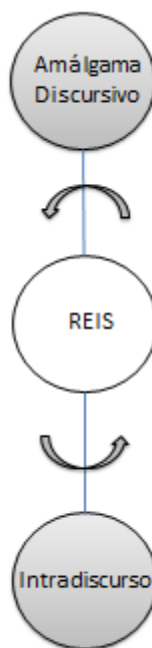


Figura 7: Triplessência de atração: eixo sujeitacional<sup>98</sup>

Quanto aos eixos de movimentação, no vetor da força de expansão, acreditamos que a movimentação deste produz na ISL um efeito de atração<sup>99</sup>. Nessa perspectiva, temos como ponto de centralidade as REIS, por serem/se constituírem como elemento através do qual se produz as formações discursivas, no imo da materialidade linguística, que são atravessadas pelas formações ideológicas, tendo como cerne a formação social, que é balizada pelas formações imaginárias.

<sup>97</sup> Ferreira-Rosa (2009, p. 91)

<sup>98</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).

<sup>99</sup> Um efeito que tem como foco facilitar o processo de identificação do sujeito discursivo leitor com a discursividade da literatura de autoajuda.

No eixo vertical, teremos o Amálgama Discursivo, enquanto macropolaridade vetorial-determinativa, pois ela representa a plurivocalidade discursiva que permeia a literatura de autoajuda e delimita a fronteira do agir, do pensar e do fazer do sujeito discursivo professor. Ainda no eixo vertical temos o interdiscurso, representando outra macropolaridade-vetorial que funciona enquanto um eixo de ordem descritivo-explicativo, pois o interdiscurso representa o espaço discursivo e, sobretudo, ideológico em que os efeitos de sentido se desvelam para o sujeito do discurso da autoajuda. Assim:

O tempo pode passar e as dificuldades podem surgir, mas as sementes de um professor fascinante jamais serão destruídas [...]. Aprendam a dar tapas com luvas de pelica no coração emocional de quem vocês amam. Precisamos acordar nossas crianças e nossos jovens para a vida. O afeto e a inteligência curam as feridas da alma, reescrevem as páginas fechadas do inconsciente (CURY, 2003, p. 66-78).

É por meio dessa evidência que se descreve e se explica o fato de cada sujeito conseguir apreender uma realidade, por meio de uma ilusão de autonomia baseada na formação sócio-histórica e ideológica que o constitui.

Nesse sentido, considerando o recorte feito no eixo vertical, é possível afirmar que o amálgama discursivo, as REIS e o interdiscurso funcionam enquanto elementos que desvelam a organização descontínua de instauração dos sentidos na literatura de autoajuda. É por meio de uma movimentação altera e reentrante que se simulam representações imaginárias, sustentadas pelas FDs.

#### 4.3.1.1 O Acontecimento Discursivo, as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) e o Efeito de Sentido



Figura 8: Triplessência de atração: eixo sentidural<sup>100</sup>.

Já no eixo horizontal, temos a micropolaridade vetorial de cunho determinativo, que se constitui enquanto sendo da ordem do idiossincrático, do singular que se refere ao acontecimento discursivo, que seria pensar esse amálgama enquanto uma das noções que contribuem para simulação de REIS por meio de elementos (extra)linguísticos, enquanto constituída de uma estrutura e de um acontecimento que se dão pelo conflito, pelo intermitente, pelo atravessamento de valores ideológicos.

Na outra extremidade, temos os efeitos de sentido que se constituem enquanto micropolaridade descritivo-explicativo em que processos sócio-históricos e ideológicos desenvolvem-se sobre a opaca materialidade linguística. Dito de outro modo seria pensar a língua enquanto base para que diferentes processos discursivos se realizem e produzam diferentes efeitos de sentido, determinados por uma região do interdiscurso. Destarte:

Educar a emoção também é se doar sem esperar retorno, ser fiel a sua consciência, extrair prazer dos pequenos estímulos da existência, saber perder, correr riscos para transformar os sonhos em realidade, ter coragem para andar por lugares desconhecidos (CURY, 2003, p. 66-67).

<sup>100</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).

Nesse sentido, a língua seria tomada enquanto materialidade que possui efeitos de sentidos relacionados às representações imaginárias na qual o sentido escapa. Isso implica em asseverar que esse efeito de sentido é atravessado por um espaço de manipulação da ISL, por meio das REIS, já que elas simulam uma higiene do pensamento, vislumbrando o controle da conduta dos sujeitos leitores. Assim, no eixo horizontal, de natureza micropolar, tal qual ao eixo vertical, também temos um movimento altero e de reentrância, porém de ordem idiossincrática, que instaura uma significação intravisível<sup>101</sup> às REIS.

#### 4.3.1.2 O Sujeito Empírico, as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) e o Sujeito Universal

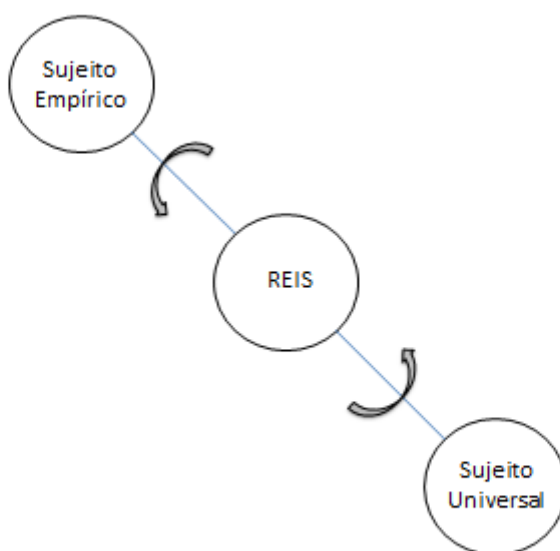


Figura 9: Triplessência de atração: macropolaridade - eixo lógico-filosófico-discursiva<sup>102</sup>.

No eixo transversal A, temos a macropolaridade lógico-filosófico-discursiva-determinativa representada pelo sujeito empírico, que na literatura de autoajuda configura-se enquanto o sujeito discursivo leitor, o qual é apresentado pela ISA como sendo um ser único, dotado de uma singularidade peculiar. Deste modo:

<sup>101</sup> Intravisível, termo discutido por Santos (2010), diz respeito à unicidade.

<sup>102</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).



Os professores fascinantes devem ajudar os seus alunos a se libertar do cárcere intelectual. Como? Independente da matéria que ensinam, devem mostrar pelo ao menos umavez por semana, que eles podem e devem gerenciar seus pensamentos [...] Pensar é ótimo, pensar demais é péssimo (CURY, 2003, p. 68-143)

É por meio da representação dessa imagem de indivíduo que a instância apregoa um ideal de real, circunscrito em um espaço idealizado e em um tempo de *devir*.

Nesse sentido, a lógica atua como um semideus que determina os meandros do real da literatura contrafeito no real físico da ISL, promovendo um apagamento deste sujeito discursivo enquanto ser social, crivado, heterogêneo, multifacetado. Na outra polaridade, temos a macropolaridade lógico-discursivo-descritivo/explicativo representado pelo sujeito universal e a ilusão de completude.

Nessa noção, é perceptível que o processo iniciado na outra polaridade toma forma nesta extremidade, já que o apagamento ideológico, realizado na polaridade anterior, promove a instauração do sujeito empírico e universal que funciona por meio de conceitos, que se localiza em todos os lugares e em lugar algum, que promove, por meio das REIS o velar do processo identificatório e consequentemente os deslocamentos nos processos identitários. Neste eixo macropolar transversal A, o movimento segue o sentido horário, em um gesto de reentrância e alteridade, promovendo um movimento descontínuo.

#### 4.3.1.3 A Exotopia, as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitodal (REIS) e a Cronotopia

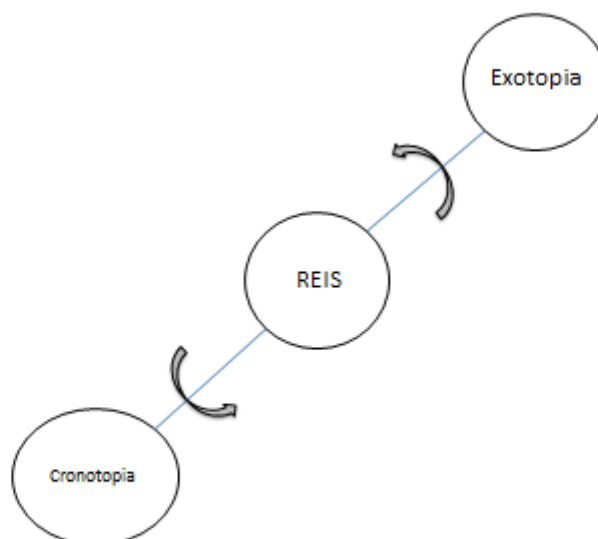


Figura 10: Triplessência de atração: micropolaridade – eixo lógico-filosófico-discursivo<sup>103</sup>.

No eixo transversal B, representado pela micropolaridade lógico-filosófico-discursivo-determinativo temos como eixo a exotopia, em que olhar, da ISA recai sobre o real físico da ISL. É neste olhar que, ISA atua enquanto uma força organizadora extravocal, enriquecida pelo excedente de visão que lhe é concedido ante o outro. Nesse sentido, por localizar-se em uma dimensão diferente da ISL, a ISA se sente autorizada, por meio do lugar que ocupa, que é o lugar discursivo da ciência e do seu olhar exterior, a prescrever ao leitor fórmulas de conduta, que emergem da materialidade discursiva emaranhadas em REIS. Assim podemos observar:

Um bom professor educa seus alunos para um aprofissão, um professor fascinante os educa para a vida. Professores fasciantes são profissionais revolucionários, ninguém sabe avaliar o seu poder, nem eles mesmos. Eles mudam paradigmas transformam o destino de um povo e um sistema social sem armas, tão somente por prepararem seus alunos para a vida. Os mestres fascimantes podem ser desprezados e ameaçados, mas sua força é imbatível. São incendiários que inflamam a sociedade com o calor da sua inteligência,

<sup>103</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).

compaixão e singeleza. São fascinantes porque são livres, são livres porque pensam, pensam porque amam solenemente a vida (CURY, 2003, p. 79).

É através dessas representações que a ISA instaura uma esfera de normas internas e externas direcionadas a ISL, vislumbrando completar o outro em sua constituição sujeitucional. Na outra extremidade, temos a micropolaridade lógico-linguístico-determinativo representada pela cronotopia. Aqui, tendo como baliza o olhar exotópico e o cronotopo, temos o tempo representado enquanto *devir* e o espaço idealizado pela ISA.

Nesse ínterim, é como se o espaço se comprimisse e realizasse uma reentrância no tempo, pois o tempo passaria a ser identificável no espaço, na medida em que um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem só dependem da ISL e o tempo relativiza-se, o passado configura-se enquanto o tempo de fracassos, o presente como o tempo de transformações e o futuro o tempo de bonanças, de vitórias e êxitos múltiplos.

É nos fenômenos espaciais, em um processo dinâmico e de alteridade que as REIS transcendem a MD da ISL. Logo, é na palavra do outro que as enunciações da ISA assumem uma forma imaginária, e o que era alheio ao outro (ISL) torna-se parte de uma “verdade” que é enunciada por meio de representações imaginárias.

#### **4.4 Refletindo Sobre a Reentrância dos Vetores de Atração e Expansão**

Acreditamos que não há como refletir sobre a discursividade que transpassa a literatura de autoajuda, sem considerar a sedução que existe neste engendramento textual, no jogo de imagens, pois o discurso enunciado por *A* nem sempre possui uma significação lógica, inúmeras vezes é perceptível que se utilizando de fórmulas que prometem ser instantâneas, por meio da banalização do  $R_F$ , das CPs e da MD em que *B* está inserido, pois inúmeras vezes é perceptível a utilização de fórmulas que prometem ser instantâneas. *A* busca atrair *B* por meio de um olhar exotópico sobre o real físico da ISL, em um cronotopos que não provoca desacordo, conflito, ao contrário, idealiza-se um tempo e um espaço onde não existem subversões. Assim temos:

Educar a emoção também é se doar sem esperar retorno, ser fiel à sua consciência, extrair prazer dos pequenos estímulos da existência, saber perder, correr riscos para transformar os sonhos em realidade, ter coragem para andar por lugares desconhecidos. (CURY, 2003, p. 25 )

É perceptível que neste enunciado há um discurso essencialmente ideológico em que ocorre o imbricamento entre a ISL em uma relação de assujeitamento por meio do desconhecimento ideológico, balizado pela interpelação. Deste modo, ensinar significa exercer o magistério sem receber um retorno salarial digno, não exigir que a sociedade respeite seu trabalho ou a sua condição de professor. Educar sob o olhar da ISA significa conhecer a mente dos alunos e dominar o sentido das enunciações.

Para que se faça a dissimulação da idealização de que isso é possível, constrói-se um discurso monológico, em que as várias FDs que emergem da discursividade da literatura, o discurso capitalista, o discurso da pedagogia da família e o discurso religioso, caminham rumo a um mesmo objetivo que é criar representações no imaginário da ISL partindo do ponto de vista do subjetivismo individualista, posto que a construção ideológica delineada pela ISA deve voltar ao interior de *B*, sendo então ressignificada. Nesse sentido, podemos observar:

Este livro falará ao coração [...] Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração [...] Não escrevo para heróis, mas para pessoas que sabem que educar é realizar a mais bela e complexa arte da inteligência [...] A educação de nossos sonhos: formando jovens felizes e inteligentes (CURY, p. 9).

Na realidade, ao apelar para o ângulo moralista da ISL, a ISA visa uma modelagem ideológica deste, no intuito de torná-lo um corpo dócil, que pacificamente aceita, sem contestação todas as ordens enunciadas pela discursividade da autoajuda. Assim, a consciência da ISL e suas reais condições de produção entram em conflito, visto que não há uma sincronia entre o que é enunciado e o  $R_F$  da ISL. Entretanto, a ISL se convence de que essa discursividade possui sim uma sustentação, mas esse baldrame se edifica na ISL apenas no nível das representações de um real imaginário.

Dessa forma, partilhamos dos postulados de Enriquez (2001) ao afirmar que não existe um lado que possa ser considerado vítima. Nem o sedutor, isto é, a ISA, pois este tem ciência de que os dizeres que utiliza para persuadir a ISL são parte constituinte da dissimulação, posto que se simula um real próprio da literatura de autoajuda; nem a ISL apresenta-se como protagonista de tal papel, pois esta mesmo tendo ciência de suas condições sócio-históricas e ideológicas, se convence facilmente de que a única intenção da ISA é conduzi-lo com segurança ao lugar almejado, que seria o êxito sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Cury (2003, p. 72) afirma: “tenho investigado a vida de grandes pensadores como Confúcio, Buda, Platão, Freud, Einstein”. Dessa maneira, é perceptível que

o texto se constitui de forma silógica, ou seja, as enunciações organizam-se por meio de períodos curtos, com uma linguagem aparentemente de fácil compreensão, isto porque o sentido não se produz na superfície do texto, mas por meio de uma tessitura, de fios que atravessam a discursividade, frases de efeito, construídas a partir do senso comum ou de retalhos de dizeres de grandes filósofos para legitimar essa discursividade, funcionando enquanto uma glosa. Assim, apesar das palavras apresentarem os mesmos signos linguísticos e combinações das pronunciadas por esses teóricos, o sentido desliza, haja vista que se toma a mesma referência, mas que, devido ao acontecimento discursivo apresentam diferentes efeitos de sentido.

Destarte, essa articulação que pressupõe um encaixe, organizado por meio de uma sucessão de ideias, aparentemente bem delineadas, mas que por vezes apresentam-se demasiadamente confusas, tem como referência uma voz científica, já que a ISA ao longo da construção textual faz questão de pontuar de que lugar enuncia e que teóricos diz utilizar para legitimar suas colocações.

Compartilharei minha experiência como psiquiatra, educador e cientista da psicologia Educação do passado funcionava [...] Tenho convicção científica de que a velocidade dos pensamentos dos jovens há um século era bem menor do que a atual, e por isso o modelo de educação do passado, embora não fosse ideal, funcionava. (CURY, 2003, p. 8-10).

O fato da ISA chamar esses teóricos já na introdução, e de falar sobre sua área de atuação profissional, psiquiatra, psicólogo, cientista da educação, demarca de que lugar esse sujeito enuncia: o âmbito da ciência, lugar institucionalmente legitimado, elegido socialmente como sendo o espaço do saber, capaz de fornecer informações confiáveis. Assim, a ISA representa-se enquanto sujeito que ocupa o lugar do saber, do conhecimento, o qual cria um jogo de imagens da ISL em sua relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Buscando fazer com que a ISL crie um jogo de imagens e representações, por meio dos possíveis resultantes das projeções desses sujeitos professores enquanto real idealizado. Intenta-se demarcar e garantir ao leitor que as representações imaginárias criadas no *corpus* são legítimas e que o receituário prescrito será eficaz a todos os tipos de malogros, independente da memória discursiva, das condições de produção em que os sujeitos estejam inseridos. Dessa forma, a ISA afirma que há instituído um modelo de educação e pontua tal fato desde o início do livro, entretanto ele o coloca em alteridade com o modelo educacional instituído no passado. Essa alteridade produz uma significação no processo enunciativo, como se a educação de antes fosse mais eficaz.

Assim afirma Cury (2003, p. 24): “Há uma esperança no caos. Precisamos construir a escola dos nossos sonhos. Aguarde!” Do ponto de vista lógico semântico, as orações apresentam-se de modo independente, uma vez que o funcionamento linguístico induz a ilusão de efeito discursivo, ligado ao pré-construído. É por meio do lugar discursivo que a ISA ocupa, aliado ao mito da ciência universal que esta faz um uso generalizado, da ficção. Vale ressaltar que a articulação lógico-semântica, aliada ao realismo metafísico e ao empirismo lógico resultam no efeito de sustentação desse discurso de autoajuda, em que o sujeito é capaz de controlar suas enunciações e seus efeitos de sentido. É possível perceber ainda que a ISA admite que o caos na educação existe e que tem causado grandes transtornos para o meio social, mas que ela, a ISA tem as soluções mais eficazes para a solução dos problemas educacionais.

Nessa perspectiva, a ISA atua enquanto um profeta da modernidade, posto que enuncia discursos que simulam para a ISL um ideal de liberdade e autonomia em sala de aula. Neste caso, as ilusões ganham um *status* de certezas, o que resulta em um dissimular das condições de produção da ISL e da ideologia dominante, que mesmo velada, tem como objetivo instaurar no imaginário da ISL um sentimento de conformação, de homogeneização. Destarte, podemos classificar a ISA enquanto um vendedor de ilusões.

Por meio dessa representação enunciativa é perceptível que a ISA utiliza-se de sua formação enquanto médico, psiquiatra e cientista (do lugar discursivo que ocupa, que caracteriza-se por ser legitimado pela sociedade como sendo o lugar do saber, que diz respeito ao lugar da ciência), para demarcar a sua enunciação um valor de verdade. Por meio dessa declaração a ISA vislumbra asseverar que os saberes apresentados, não são fruto de sua imaginação, mas, sobretudo, fruto de muita pesquisa cientificamente comprovada. Além disso, é oportuno ressaltar que apesar da ISA se autodeclarar educador, e utilizar este termo enquanto sinônimo de professor faz-se necessário tecer aqui uma distinção. Logo:

creio sinceramente que os hábitos dos educadores e as técnicas pedagógicas que comentarei poderão revolucionar a educação para sempre [...] a sala de aula poderá se tornar um lugar aprazível. (CURY, 2003, p. 11)

O termo educador ao qual se refere, diz respeito ao ato ou efeito de educar, instruir, entretanto, a ISA fala de um lugar discursivo que desconhece, já que nunca ministrou uma aula sequer. Além disso, não possui formação em licenciatura, ou seja, é como se a partir do olhar que apreende da ISL, a ISA delineasse um ideal de forma-sujeito, que ocupa um lugar discursivo ideologicamente idealizado, já que o  $R_L$  não condiz com a realidade da  $F_S$  em que a

ISL está inserida. Entretanto, é perceptível que os enunciados ganham um valor de verdade, já que são enunciados do lugar da ciência. Há, portanto, um apagamento identitária e ideológico proposto pelas representações imaginárias do sujeito universal.

bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas, professores fascinantes também cumprem o conteúdo programático, mas seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informações [...]. Estamos informando os jovens, e não formando sua personalidade. (CURY, 2003, p. 13)

Deste modo, a ISA declara que a educação tradicionalista é uma opção para que seja possível obter êxito sobre o processo de ensino-aprendizagem, pois segundo ele os jovens recebiam menos estímulos e conseqüentemente pensavam menos. Além disso, apesar de o método tradicional, segundo a ISA, não ser o método ideal para sanar os problemas educacionais, conseguia delinear e manter o controle sobre o processo de ensino-aprendizagem. É oportuno ressaltar que no método tradicional, o sujeito aluno é visto enquanto homogêneo, o professor é a única fonte de saber, aprende-se por meio de modelos pré-estabelecidos etc. É oportuno destacar ainda que a ISA faz uma relativização do tempo, colocando o passado enquanto tempo de vitórias, o presente enquanto tempo de fracassos, devido o despreparo dos professores e o futuro, com suas prescrições metodológicas de êxito.

Podemos perceber que há, na discursividade da autoajuda, um estímulo constante à individualidade, a dar-se ênfase aos interesses pessoais, procedendo a um apagamento da coletividade, o que faria com que o indivíduo se visse livre de todas as amarras sociais, aderindo a uma idealização ilusória, que daria a ISL a sensação de autonomia e ao mesmo tempo de poder frente o  $R_F$ , já que, pelo viés da literatura, a ISL teria controle sobre o processo de ensino-aprendizagem e sobre os efeitos de sentido de suas enunciações, procedendo assim a uma negação da alteridade.

É como se qualquer vínculo com os aspectos sócio-históricos e ideológicos sofressem um rompimento, simulado pelas REIS, posto que, tal qual nos elucida Chagas (2001, p. 34), há uma liberação progressiva da subjetividade e da valorização dos desejos individuais que tornam-se essenciais dentro da idealização construída na/pela literatura de autoajuda. O que interessa é a realização pessoal, o êxito, a plenitude diante da autonomia no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que concerne a possibilidade de realização efetiva desse ideal, por meio das fórmulas apresentadas pela literatura de autoajuda. É tendo como parâmetro os postulados da autoajuda que a ISL não necessita seguir os encaminhamentos academicamente delineados, nem mesmo abraçar um padrão de conduta determinado

socialmente, pois nessa dimensão imaginariamente constituída, cada professor deve seguir seus desejos, anseios pessoais, e entre esses desejos individualizados devem estar presentes os previamente delineados pela literatura de autoajuda.

Nesse sentido, a ISA relata que seu desejo é o de servir o outro, entretanto é perceptível pelo amálgama discursivo que isso acontece, especialmente, em função de seus próprios interesses, já que estabelecendo um laço de confiança com a ISL a ISA conseguiria, manipulá-la. Nesse sentido, essa literatura, que, inicialmente, teve seu surgimento no século XVI, ganha agora contornos de manuais que, trazem em seu cerne sequências didatizantes que devem ser seguidas passo a passo. Na perspectiva de Bauman (1998), é pelo desejo de evitar os perigos sociais e por serem essencialmente selecionadores que a ISL da modernidade busca abrandar a possibilidade de perder as oportunidades que podem vir a surgir no seu cotidiano. É perceptível ainda que a ISA, por vários momentos, apresenta de forma enfática um estímulo à manipulação dos alunos, ao apaziguamento dos conflitos e consequentemente das reflexões.

Nesse sentido, refletir sobre as possíveis representações imaginárias, por meio da enunciação, significa considerar a ISA enquanto uma peça que é inerente a um processo que está em constante movimento de alteridade, que seria delineado pela alternância entre a enunciação/experiência. Este processo está intimamente relacionado ao ato verbal e que sela o pacto entre sujeito e objeto. Segundo Gadet & Pêcheux (2010), isso significa que o locutor e o interlocutor ocupam lugares diferentes, pré-determinados dentro da estrutura socioeconômica, isto é, dentro da formação social. Seguindo essa hipótese, os lugares são representados na medida em que são estruturados os processos discursivos que funcionam por meio de múltiplas formações imaginárias que fazem com que o sujeito atribua a um, ao outro e a si mesmo, o lugar que estes ocupam dentro do discurso, isto é a imagem que se faz do seu próprio lugar e do lugar do outro na enunciação.

Assim, a formação social estabelece o imbricamento entre situações e posições que o sujeito ocupa dentro do processo discursivo. Destarte, diferentes situações, para Gadet & Pêcheux (1997), podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada considerando as várias posições-sujeito. Logo, todo processo discursivo pressupõe a existência das construções imaginárias, todo processo discursivo supõe que o emissor projete representações do receptor, para, a partir daí, estruturar e fundar as estratégias do discurso que será enunciado. Tem-se, então: a ISA que, no caso da literatura de autoajuda é um sujeito discursivo que ocupa um lugar discursivo legitimado socialmente e se propõe a sanar os problemas educacionais do Brasil, por isso dirige-se aos pais e aos professores; e a ISL neste caso, os sujeitos discursivos professores que ocupam o lugar de subjugados



socialmente. Então é como se a ISA antecipasse os possíveis juízos de valores que poderiam ser levantados pelas ISL. Nesse sentido, as representações enunciativas imaginárias criadas pela ISA resultariam do intrincamento de diversas formações discursivas anteriores, provenientes de diferentes processos discursivos, que para Gadet & Pêcheux (1997) resultam na tomada de posição. Nessa perspectiva:

bons professores têm uma cultura acadêmica e transmitem com segurança e eloquência as informações em sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. (CURY, 2003, p. 21)

Na acepção de Pêcheux (2009, p. 160), é por meio do inconsciente, enquanto discurso do eu interior, ou seja, do Outro, que emerge a presença do Sujeito, o que viabilizaria a tomada de posição deste enquanto sujeito discursivo, o qual dissimula o revide do Sujeito em si mesmo, isto é, no próprio sujeito. A tomada de posição, nesta acepção seria um feito que ressoaria na forma-sujeito, através da “determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é o efeito da exterioridade” do real construído por meio da ideologia a partir de bases discursivas, pois tal qual a uma imagem, essa exterioridade voltaria em si mesma para só então transpassá-la. Esse desdobramento do sujeito, enquanto tomada de posição e de consciência, seria “uma reduplicação do processo de identificação” na medida em que a exterioridade vai sendo construída no “interior do próprio sujeito”. Assim, possuir uma cultura acadêmica ganha contornos de banalização na discursividade da ISA, uma vez que ter um curso superior em docência não habilita a ISL a tornar-se capaz de organizar aulas produtivas em que o aluno consiga de fato aprender. Nessa perspectiva, o discurso construído por meio do pré-construído serve de base para que se instaure no sujeito a ideologia que predomina no meio educacional, de docilização da ISL. Conhecer o funcionamento da mente parece algo possível, na perspectiva das REIS. Nesse sentido, não espera-se que a ISL almeje se constituir um sujeito politizado, nem mesmo que esta instigue seus alunos a terem uma postura política, ao contrário. Espera-se que pelo imaginário, a ISL possa vira a tornar-se alienado.

É retomando a noção de “solo imaginário” percorrida por Husserl<sup>104</sup> que Pêcheux (2009) arrazoa sobre os efeitos de sentido produzidos a partir do não-dito, do já-dito e do dizível, tomando a consciência enquanto ponto capaz de unificar as representações criadas

<sup>104</sup> A obra delineada por Edmundo Husserl parte de uma crítica a metafísica e ao positivismo com o intuito de constituir uma abordagem epistêmica embasada na vivência de consciência pré-reflexiva do sujeito enquanto cognoscente, em sua relação com o mundo.

pelo sujeito, por meio do mito idealista da inferioridade<sup>105</sup>. Aqui, os funcionamentos das formações discursivas se constituiriam enquanto um lugar em que a ilusão necessária de uma intersubjetividade do sujeito que enuncia estaria em processo de construção, imaginando que é possível controlar o que o outro pensará sobre o seu dizer, por meio da reflexão em si mesmo. O coração dessa noção se apoiaria na consciência do sujeito, enquanto arena capaz de unificar as representações que determinam seu encadeamento. Foi esse trajeto que possibilitou a Pêcheux adentrar mais profundamente nas noções de ideologia e inconsciente, por meio do esquecimento número, e o esquecimento número dois. Desta feita, podemos identificar claramente, na discursividade curyana, o fato de que a ISA recorre com frequência a consciência do sujeito leitor, com o intuito de convencê-lo de que o fracasso da/na educação possui como uma única fonte e origem o próprio sujeito professor. Dessa maneira:

Um pedido aos professores fascinantes: por favor, tenham paciência com seus alunos. Eles não têm culpa dessa agressividade, alienação e agitação em sala de aula. Eles são vítimas [...] As escolas não estão conseguindo educar a emoção. Elas estão gerando jovens insensíveis, hipersensíveis ou alienados. Precisamos formar jovens que tenham uma emoção rica, protegida e integrada. (CURY, 2003, p. 64-67)

A tarefa de tornar os jovens felizes e conscientes seria designada aos professores que, segundo a ISA, não tem tido paciência de conduzir com sobriedade o processo de ensino-aprendizagem o que se apresenta enquanto um paradoxo, haja vista que ao mesmo tempo em que recobra essa postura do professor fascinante ele afirma que este deveria acessar mais a emoção de seus alunos, sendo tolerante a todos os problemas que permeiam seu real físico.

É intentando precisar a construção e o funcionamento da ilusão no espaço enunciativo que Pêcheux (2009) inscreve a forma-sujeito a sua referência, ou seja, impele a seguinte reflexão: é impossível controlar os efeitos de sentido subjacentes à enunciação, pois o que eu digo e sua correspondência com o que o outro pode pensar, na medida em que aquilo que é dito, por vezes não é discrepante com aquilo que eu não desejo enunciar. Ora, pensando nessas questões foi por meio da apropriação da metapsicologia, apresentada por Lacan a partir da releitura da primeira tópica de Freud que Pêcheux (2009, p. 161) enunciou sobre o pré-consciente<sup>106</sup> e o inconsciente<sup>107</sup>. O primeiro seria a representação do objeto, resultando em uma representação que tem em sua articulação um vínculo entre essas duas esferas. Esse

<sup>105</sup> O termo mito idealista da inferioridade, segundo Pêcheux (2009) tem suas ideias embasadas no projeto fenomenológico de Husserl, que tem como propósito, rastrear, no “solo imaginário” dos atos do sujeito àquilo que o determina.

<sup>106</sup> Seria a retomada de uma representação verbal.

<sup>107</sup> Consciência do processo primário, a pré-consciência.

liame só seria possível porque procede a essas representações a identificação simbólica<sup>108</sup>, representada pelas normas de funcionamento da língua<sup>109</sup>. Aqui, o efeito da enunciação do sujeito corresponderia às representações linguísticas concernentes ao imaginário e equivalente a um subjetivismo. Dito de outra forma seria considerar que o falante “seleciona no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram” (PÊCHEUX, 2009, p. 161). Esse funcionamento do sistema pré-consciente seria constitutivo da ilusão de liberdade e completude, ou seja, caracterizaria o esquecimento número um, enquanto duas representações pré-conscientes suporiam um jogo de negação como efeito sintático que caracterizaria o recalque.

Nesse sentido, segundo Pêcheux (2009, p. 164) faz-se necessário refletir sobre a forma como o “corpo verbal” toma posição no tempo e no espaço, imaginados pela ISA. Para melhor ilustrar esse pensamento iremos apresentar algumas operações, a princípio abstratas<sup>110</sup>, mas tem o intuito de explanar sobre aquilo que acreditamos ser o funcionamento das REIS.

A nosso ver essas fórmulas viabilizam a produção de um esboço do funcionamento discursivo da literatura de autoajuda curyana. A formulação que apresentaremos tem a pretensão de discorrer, de forma geral, sobre aquilo que acreditamos ser o motor propulsor desse complexo engendramento, que suscintamente seriam a ideologia e a dominação por meio do imaginário sujeitudinal. Nosso desígnio é situar, hipotetizar e problematizar a constituição das REIS dentro do discurso curyano. Com base nesses esclarecimentos passaremos agora a composição do trajeto que seguimos para construir tal raciocínio.

Com efeito, é por meio da deflexão<sup>111</sup>, do movimento reentrante entre pré-consciência-consciência que as REIS seriam elaboradas, considerando os lugares de *A* e *B* dentro da enunciação. Nesse sentido, *A* representaria a ISA, que enuncia de um lugar social reconhecido e legitimado socialmente, enquanto *B* ocuparia um lugar social desfavorecido, constituído pela fragilidade<sup>112</sup>, inerente à memória discursiva da ISL.

Esses lugares seriam representados pelos processos discursivos que tem como maquinaria e combustível as formações imaginárias, já que enquanto *A* cria uma imagem de si, do seu lugar e de *B*, em um espaço imaginário e em um tempo de *devenir*, *B*, por sua vez cria

<sup>108</sup> Segundo Pêcheux (2009, p. 163) “essa identificação simbólica domina as identificações imaginárias através das quais toda representação verbal, portanto toda “palavra”, “expressão”, ou “enunciado”, se reveste de um sentido próprio, “absolutamente evidente”, que lhe pertence.”

<sup>109</sup> Tanto a lógica quanto a gramática.

<sup>110</sup> Estas operações foram embasadas no raciocínio apresentado por Gadet & Pêcheux (1997).

<sup>111</sup> Estamos tomando este termo tal qual este é tratado na física, no sentido de passagem. Referimo-nos ao processo realizado por meio do movimento pré-consciente-consciente.

<sup>112</sup> Estamos tomando o termo fragilidade no sentido de desvalorização social, desprestígio econômico.

uma imagem de si e de *A*, atribuindo a si um lugar de submissão e a *A* um lugar autorizado pelo saber da ciência, lugar que esse sujeito vai delineando ao longo da discursividade da literatura como sendo um lugar autorizado, legitimado. Por meio deste espelhamento, *B* busca nas REIS, criadas pela ISA, uma solução para a problemática em que está inserido, enxergando nessas construções (representações) a possibilidade de alcançar a completude subjetiva tão almejada. Assim, temos:

$$I_A - \text{Imaginário de } A - \text{Imagem} - A - A \\ A - B$$

$$I_B - \text{Imaginário de } B - \text{Imagem} - B - B \\ B - A$$

Imagem que *A* faz de si mesmo (Instância Sujeito Autor - ISA).

Imagem que *A* faz de *B*.

Imagem que *B* faz de si mesmo (Instância Sujeito Leitor - ISL).

Imagem que *B* faz de *A*.

Nesta perspectiva, *A* considera sempre o Referente (R)<sup>113</sup> de *B*. Dito de outro modo *A* constrói sua representação imaginária a partir do *R* de *B*, isto é do contexto em que *B* está inserido. *B* por sua vez, também lança esse olhar sobre o sujeito que enuncia, como enuncia e de que lugar discursivo esse sujeito constrói seu discurso. Desta feita temos:

---

<sup>113</sup> Que neste caso diz respeito ao contexto em que *B* está inserido e em que foi produzida a enunciação, bem como as condições de produção e a memória discursiva deste.

$I_A(R)$  – ponto de vista de  $A - R$

$I_B(R)$  – ponto de vista de  $B - R$

IA – Imagem de a

R – Referente

IB – Imagem de B

A – Sujeito Autor

B – Sujeito Leitor

Logo, é possível afirmar que esta  $I_B(R)$  está contida dentro do real físico ( $R_F$ ), das coisas palpáveis, as quais damos de encontro com elas.  $I_A(R)$  por sua vez, está dentro no real da literatura ( $R_L$ ) o qual contém o real imaginário ( $R_I$ ), que é construído a partir do crivo do sujeito sobre o objeto.

Esse imbricamento, juntamente com os elementos que transpassam esses diversos tipos de reais, como a ideologia, a memória discursiva, as formações discursivas, as condições de produção, viabilizariam a produção do real criado na literatura curyana ( $R_L$ ). Dessa forma, é como se  $A$  tomasse para si o  $R_F$  de  $B$  e a  $I_B(R)$  considerando o espaço ( $e$ ) em que este atua enquanto passível de ser idealizado, bem como as CPs em que  $B$  está inserido. Além disso, o tempo é visto enquanto partícula atemporal, já que  $A$  o trata enquanto processo reservado a (re)constituição sujeitudinal, enquanto tempo ( $t$ ) de *Devir* ( $D$ ) a partir dos conceitos que são proferidos. Nesta acepção, podemos assim esquematizar:

$$I_A - B(R_F) + I_B(R) = (t/e)_D$$

$I_A$  – Imagem de A

B – Sujeito Leitor

$R_F$  – Real Físico

$I_B$  – Imagem de B

R – Referente

t – tempo

e – espaço

D – devir

Observamos que *A* busca incessantemente antecipar as angústias e os questionamentos de *B*, tentando sancionar os problemas que por ventura *B* possa vir a enfrentar ao longo de sua trajetória, já que *A*, além de tentar prever as agruras, também busca viabilizar as soluções/decisões de *B*. Nesse ínterim, as antecipações de *A* em relação a *B* podem ser assim pensadas:

$(I_A)^{RI}$  – Imagem que *A* faz do lugar discursivo ocupado por ele mesmo e por *B* (*A* – *A* – *B*).

$(I_B)^{RF}$  – Imagem do lugar de *B* para *A* (*B* – *A* – *B*), considerando o seu lugar (*B*) e o lugar do outro a partir do real físico que *A* ocupa.

$(I_A)^{IB} ((t/e)_D)^{RF}$  – A relação tempo/espaço, sopesando o ponto de vista de *A* sobre o *R* de *B* = espaço idealizado e um tempo de *devir*.

$I_A$  – Imagem de *A*

$R_I$  – Real Imaginário

$I_B$  – Imagem de *B*

$R_F$  – Real Físico

*t* - tempo

*e* – espaço

*D* - devir

Assim, a ISA supõe uma identificação cultural do olhar de *A* com olhar de *B*, já que se propõe a instruir *B* a seguir modos de subjetivação<sup>114</sup> como forma de alcançar uma completude ante o real físico, frente ao outro e frente a si mesmo. Seguindo esse raciocínio, segundo *A*, *B* poderia alcançar um determinado *status* social e profissional dentro da classe a qual ele se constitui sujeito. Para isso, *A* considera as condições de produção do discurso e a memória discursiva (MD) de *B*, mas não enquanto classe social, e sim enquanto indivíduos integrantes de uma sociedade, mas que agem, pensam de forma individualizada. Nesse sentido podemos perceber segundo a ISA “um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender” (CURY, 2003, p. 6-7). Nessa perspectiva, *A* percebe as angústias vivenciadas por *B*, e o coloca enquanto um indivíduo que por si só, será capaz de esvaziar-se, excluir-se do meio em que vive e conseguir, por meio individual, fazer uma retomada de si mesmo, tornando-se um ser superior aos demais sujeitos, que fazem parte de uma Formação Social que é transpassada por uma Formação Ideológica e que se constitui também através das Formações Imaginárias. É como

<sup>114</sup> Falaremos de forma mais pontual sobre este tema no próximo tópico.

se houvesse uma anulação desses espaços e um esvaziamento ideológico. Destarte, o discurso (d) que *A* dirige a *B* busca sempre considerar o *R* de *B*, vislumbrando induzi-lo a um  $(t/e)_D$  e a se inserir em um espaço idealizado. Assim, a ISA visa induzir *B* por meio das representações enunciativas imaginárias (REIS) a um real idealizado, a fazer com que *B* se inscreva no  $R_L$  criado pela ISA. Considerando tais questões temos:

$$I_A(I_B)^{MD} (R)^{CPs}$$

$$(ISA)^{R_L} + B^{REI} ((t/e)_D)$$

$I_A$ – Imagem de A
$I_B$ – Imagem de B
MD – Memória Discursiva
R - Referente
CPs – Condições de Produção
ISA – Instância Sujeito Autor
$R_L$ – Real Imaginário
B – Sujeito Leitor
REI – Representação Enunciativa Imaginária
t - Tempo
e - espaço
D - devir

Desta feita, esses processos representariam as diferentes instâncias do processo discursivo da autoajuda. Vale ressaltar que é no interior das CPs que determinadas REIS produzidas pela ISA, vão apresentar maior possibilidade de identificação de *B* com o discurso de *A*, pois normalmente, algumas dessas representações ganham força dentro desse processo. Assim, identificação-imaginário-filiação funcionariam enquanto uma tríade que se interpenetrariam para compor esse real idealizado por *A* e construído por meio de representações enunciativas imaginárias pela ISA, na obra curyana.

Esse processo discursivo apresentar-se-ia de forma sedimentada a *B*, pois as diversas FDs que compõem a discursividade curyana resultariam de processos anteriores, apreensíveis por meio do rastreamento das CPs e que impulsionam a tomada de posição (TP) de *B* em relação ao discurso produzido por *A*.



Nesse sentido, podemos afirmar que o discurso de *A* se dirige a *B* com o intento de modificar o estado de *B*, na medida em que *A* antecipa uma série de passos a serem seguidos por *B*. Por outro lado, *A* constitui-se enquanto o orador de *B* e ao mesmo tempo *A* é orador de si mesmo, logo a discursividade que é produzida modifica tanto as condições de *A* e de sua outricidade, quanto de *B*. Dito de outro modo, ao enunciar a ISA assume um lugar discursivo do qual não faz parte e dissimula a forma-sujeito cientista da educação/professor na forma-sujeito psiquiatra, já que nunca exerceu o magistério, e modifica as condições de *B*, na medida em que impõe a este a obrigatoriedade de que, para que seja possível alcançar o lugar desejado na classe, o sujeito discursivo professor deverá assumir a forma-sujeito professor fascinante, que é corpodocilizado ao sistema capitalista.

Ao corpodocilizar a ISL, a ISA realiza um processo de interpelação no sujeito, não apenas de seguir os pressupostos mediados pela discursividade da literatura de autoajuda por meio das REIS, mas também de tornar-se um consumidor nato desse tipo de literatura, rendendo muito dinheiro as editoras e aos autores da autoajuda. Assim a ISL torna-se um leitor-consumidor, consumidor de um produto, consumidor de uma metodologia, consumidor de um receituário didatizante, modelador e que induz a ISL por meio de seu imaginário a acreditar que seguir tais pressupostos constitui-se enquanto uma alternativa viável a solucionar os problemas enfrentados cotidianamente promovendo um apagamento da ideologia capitalista, da mais valia, da crueldade veiculadas pela literatura de autoajuda.

Quando tratarmos aqui do discurso veiculado pela autoajuda, queremos enfatizar que o sujeito discursivo professor encontra-se presente somente na imagem que o destinador faz dele. Nesse sentido, ao construir esse engendramento, há por parte da ISA um rastreamento das CPs em que *B* se encontra, pois esse discurso constitui-se enquanto uma enunciação que ao mesmo tempo funciona como um modelo ideológico das classes dominantes sobre a classe dominada, ou seja, enquanto variável de controle sociológico, bem como enquanto tentativa de controle do imaginário do leitor, a partir do real criado pela literatura.

Segundo Pêcheux (2008, p. 43), é possível discorrer sobre a existência do real em vários sentidos, podendo ser o real físico<sup>115</sup>, o real da história, o real da língua<sup>116</sup> e o real do sujeito, o qual passa pelo crivo sujeitudinal para se constituir por meio das formações imaginárias. Acrescentamos a essa amálgama, o real criado pela ISA através da literatura de autoajuda por meio das REIS. Esse real diferencia-se dos anteriores, porque não se reduz

---

<sup>115</sup> O real com o qual nos “deparamos com ele”, damos de encontro com ele, das coisas materiais, visíveis e apreensíveis (PÊCHEUX, 2008, p. 29).

<sup>116</sup> O real próprio das disciplinas (PÊCHEUX, 2008, p. 43).

apenas a ordem das “coisas-a-saber”, mas é constitutivo de um saber que existe sob a forma de um efeito. Desta feita, esse real exigiria que o “não logicamente-estável”, se apresentasse sob a forma de um furo no real físico. É oportuno enfatizar que esses reais na discursividade da autoajuda, por vezes realizam um movimento de reentrância<sup>117</sup>. Assim, esse real da literatura não é um real isolado, mas que depende dos outros reais para se constituir. Nessa perspectiva tem-se:

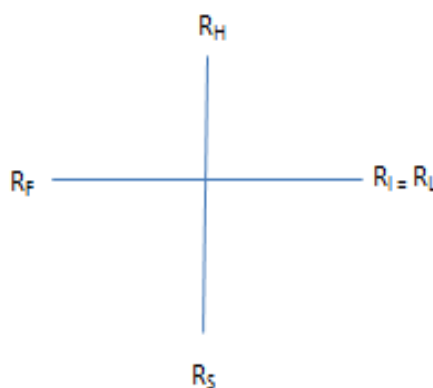


Figura 11: Eixo de entrelaçamento dos Reais produzindo REIS.

$R_F$  – Real Físico

$R_I$  – Real Imaginário

$R_L$  – Real da Literatura

$R_S$  – Real criado pelo crivo do sujeito

$R_H$  – Real da História

---

<sup>117</sup> Isto quer dizer que os diversos tipos de reais se interpenetram, sem que esse movimento seja percebido pelo sujeito discursivo leitor.

O  $R_F$  é representado simbolicamente pelo  $R_I$ , que é esse real que é transpassado pelo  $R_H$ , que se caracteriza por ser essencialmente ideológico. Essa ideologia é constitutiva do sujeito, que juntamente com a memória discursiva e as condições de produção, o viabilizam a esse sujeito, por meio do  $R_L$ , idealizar um espaço em que seja possível considerar a possibilidade de completude.

A idealização desse espaço torna-se possível através do  $R_L$ , viabilizado pela discursividade da autoajuda. É por meio dessa multiplicidade de espaços que se desenvolvem as coerções lógicas disjuntivas, ou seja, tal qual nos explicita a ISA, ou o sujeito é um professor brilhante (trigo) ou é um professor fascinante (joio), logo é impossível que um sujeito discursivo ocupe ao mesmo tempo duas formas-sujeito. Ou se é A ou não-A.

Na literatura de autoajuda, esses espaços discursivos e essa multiplicidade de reais se apresentam de forma unívoca, sistêmica, como se houvesse uma harmonia que comandasse esse engendramento de forma homogênea. Como nos elucida Pêcheux (2008, p. 32) “um real natural-social-histórico-homogêneo” é recoberto por uma trama de proposições lógicas, da qual ninguém pode escapar totalmente.

Há ainda um ponto crucial a se considerar, pois de um lado encontra-se o espaço discursivo, em que esse real é construído e atua, de forma aparentemente homogênea, que apreende o sujeito leitor enquanto sujeito universal, o qual atua nesse espaço e por meio desse real através de conceitos, e do outro, o sujeito pragmático, na acepção kantiana em que esses espaços, segundo Pêcheux (2008, p. 33) “seriam impostos do exterior, como coerções a esse sujeito pragmático” como se a lei prática tivesse como motivo a felicidade. Tais espaços viriam impregnados da possibilidade dessa bipolarização lógica enunciável, que teria como enfoque, desenvolver no leitor o sentimento insidioso de anulação de si mesmo em detrimento de uma necessidade/desejo de *status* frente aos outros e ao Outro. Nessa perspectiva, esse desejo, representado aqui pelo ato, enquanto passo, como tomada de posição, tal qual nos enuncia Bakhtin (2010b), é entendido como uma ação arriscada e coloca em jogo o ato enquanto pensamento, sentimento de desejo.

Segundo Bakhtin (2010, p. 17-18) “a unidade da consciência real, que age de maneira responsável,” não deve ser entendida enquanto uma permanência “conteudística de um princípio,” nem da lei, nem do ser. Assim, nenhum “princípio ou valor subsiste como idêntico e autônomo, como constante”. Logo, não é o conteúdo discursivo constitutivo da autoajuda que obriga o sujeito discursivo leitor a se inscrever no real instaurado na literatura de autoajuda, mas o fato do leitor se comprometer, reconhecer no subscrito tal obrigatoriedade, sendo, portanto um ato responsável do sujeito ante seu desejo de transmutação na sua relação

tempo-espço, dito de outro modo, o sujeito leitor opta, conscientemente, por tomar a via proposta pela literatura de autoajuda, buscando a completude sujeitudinal e a plenitude profissional,<sup>118</sup> permanecendo assim em um constante processo de *dever*, já que o real da literatura é algo inatingível, visto que se localiza em outro mundo, em uma outra dimensão<sup>119</sup>.

Desta feita, a ISL parte da perspectiva de que existe uma unicidade, uma singularidade de cada ser. Desconsidera-se, que, como nos assevera Ponzio (2010b, p. 18-19), “as relações sociais, as relações culturais, aquelas reconhecidas, oficialmente, codificadas, as relações que contam juridicamente, são relações entre identidades”, entre diferenças indiferentes à singularidade, “as relações opositivas e conflitantes nas quais a alteridade de cada um é apagada”, pois vigora a tolerância do outro, cuja diferença é a identidade do conjunto a que pertence.

Essa diferença indiferente à singularidade tem como cerne de seu funcionamento a oposição binária em que as diferenças concernentes à singularidade são canceladas, criando assim uma “cisão entre dois mundos reciprocamente impenetráveis e não comunicantes.” Nesse sentido, o mundo oficial, representado pelo  $R_F$ , o mundo da cultura, da interação entre os sujeitos e suas identidades, entre pertencimentos, entre diferenças que parecem indiferentes e o mundo não oficial construído por meio do  $R_L$ , coloca de um lado, o sujeito discursivo singularizado, com a sua ilusão de insubstituibilidade nas interações ante os processos de ensino-aprendizagem, e de outro, o sujeito inserido em um sistema, em um grupo social, em uma classe, em determinadas condições de produção, em que o reconhecimento do outro é indiferente à singularidade de cada sujeito, à diferença de cada ser. Logo, o que, de forma ilusória, unifica a possibilidade de junção dos dois mundos possíveis é o fato de o  $R_L$  ser tomado enquanto simulação do  $R_F$ , em que cada sujeito discursivo é singular.

Destarte o  $R_I$  visa promover um apagamento do  $R_H$  em que o  $R_S$  simula o  $R_L$  no  $R_F$ , que resultaria nas REIS. Essas REIS seriam construídas a partir da ISA, e se tornariam constitutivas do imaginário do sujeito leitor (ISL), na medida em que essa discursividade passa pelo crivo desse leitor que se encontra em constante processo de alteridade ora se constituindo em forma-sujeito universal, ( $F_{SU}$ ) ora forma-sujeito pragmático ( $F_{SP}$ ). Assim poderíamos conceber:

<sup>118</sup> Estamos nomeando a plenitude profissional enquanto o controle do processo de ensino-aprendizagem.

<sup>119</sup> Tomando por base aqui a teoria da relatividade.

$$R_F + R_S + R_L$$

$$R_I \text{--- não pertencimento ---} R_H = REI$$

$$R_L^{120}$$

$$REI + ISA + R_S = ISL (F_{SU})(F_{SP})$$

$$REIS$$

$R_F$  – Real Físico

$R_I$  – Real Imaginário

$R_H$  – Real da História

$R_L$  – Real da Literatura

$REI$  – Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitudoais

$ISA$  – Instância Enunciativa Imaginária Sujeitudoal

$R_S$  – Real criado a partir do crivo do sujeito

$ISL$  – Instância sujeito Leitor

$F_{SU}$  – Forma-sujeito Universal

$F_{SP}$  – Forma-sujeito pragmático

Nesse sentido, é perceptível que o excedente de visão constitutivo do lugar discursivo ocupado pela ISA em relação à ISL representa um todo situado diante e fora da ISL, mesmo que suas vivências não sejam coincidentes<sup>121</sup> pois a ISA coloca-se em uma posição exotópica em relação ao ISL, já que por meio do engendramento, visa persuadir a ISL que somente a ISA é capaz de ver e saber o todo que o constitui.

<sup>120</sup> Real criado pelo crivo do sujeito.

<sup>121</sup> Já que apesar de escrever para pais e professores, Cury jamais ministrou aulas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo, ao proceder essa pesquisa, foi o de tentar compreender o funcionamento da discursividade na obra produzida por Jorge Augusto Cury, *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003), elucubrada pela Instância Sujeito Autor (ISA) ao tentar induzir a Instância Sujeito Leitor (ISL) a se inscrever em um real delineado por esse discurso. Desta feita, hipotetizamos e problematizamos sobre os possíveis efeitos de sentido que poderiam resultar da inscrição da ISL nessa discursividade. Nesse ínterim, propusemos uma metodologia que, em consonância com o Dispositivo de Análise Matricial e o Dispositivo de Análise N-essência, ambos desenvolvidos por Santos (2004, 2007), nos levasse a construir um *olhar-leitor* sobre a discursividade da literatura de autoajuda, por meio da produção do Dispositivo Nonessência em duplo-vetor. Com o intento de sustentar nossa proposta, utilizamos dos pressupostos da Análise do Discurso Francesa elucubradas por Michel Pêcheux, em um processo de interface com alguns conceitos enunciados por Bakhtin e a teoria da relatividade discorrida por Einstein, na acepção de Capra (1989) relacionando-a com a Filosofia e a Lógica, pensadas por Frege (2009).

Foi por meio da inter-relação entre os elementos abordados no capítulo teórico e os efeitos de sentido que emergiam da materialidade discursiva da obra analisada, que selecionamos os elementos teórico-operadores, no intuito de desvelar o funcionamento discursivo da obra. A construção desse olhar foi continuamente marcada por uma movimentação dinâmica, embrenhada no campo movediço dos sentidos. Destarte, foi através do Dispositivo Nonessência em duplo-vetor que traçamos uma análise essencialmente caracterizada pela dispersão dos sentidos, pela busca da compreensão de como se constituía, instauração das Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) na literatura de autoajuda e como essas representações contribuíam para despertar, no imaginário da ISL, um desejo de inscrição nessa discursividade.

No cerne das relações de reentrância, por meio de um movimento altero, estabelecido através do funcionamento da Nonessência em duplo-vetor, delineamos uma construção epistemológica, em que associamos, por meio de enunciados-operadores, tendo como critério a regularidade de sentido, por meio das combinações de triplessências (SANTOS, 2007), o princípio de funcionamento de uma discursividade.

Nessa perspectiva, estabelecemos dois vetores de oito hélices: um eixo da ordem sujeitacional; um da ordem sentidural; outro da ordem lógico-filosófico-linguístico e por fim

um eixo lógico-filosófico-discursivo. Cada um desses vetores, obedecendo aos princípios da física e da dinamicidade do discurso, realizariam um movimento: um no sentido horário e outro no sentido anti-horário, mas ambos vetores em um constante processo de reentrância, ou seja, os elementos se interpenetrariam e não de qualquer maneira, mas de uma forma altera, isto é, em constante alteridade.

O vetor abaixo ilustra o funcionamento discursivo, tendo por base as representações imaginárias da ISL. Nesse sentido, esse vetor realizaria o movimento horário e evidenciaria como ocorre a construção de um imaginário de identificação da ISL com a discursividade da literatura de autoajuda. Seria por meio da força de expansão dos sentidos que a ISL teria uma tomada de posição frente o real físico, inscrevendo-se no real delineado pela literatura de autoajuda, o qual por meio das REIS desconsidera o real da história, as condições de produção e a memória discursiva da ISL. É por meio das representações imaginárias, construídas pela ISA, que a ISL se sente atraído pela discursividade que promete trazer a solução para todos os problemas educacionais. Abaixo apresentamos a força gravitacional vetorial de expansão atuando sobre imaginário da ISL e provocando a construção de processos identitários outros nesse sujeito leitor por meio do olhar exotópico da Instância Sujeito Leitor.

Destarte, é possível afirmar que ao se identificarem com as REIS, mediadas pela literatura de autoajuda, a ISL assume, de forma camuflada, um efeito de unicidade, desconsiderando os saberes academicamente construídos em detrimento de um saber que dissimula o real da literatura no real físico da ISL. Deste modo, temos:

### Força vetorial gravitacional de expansão

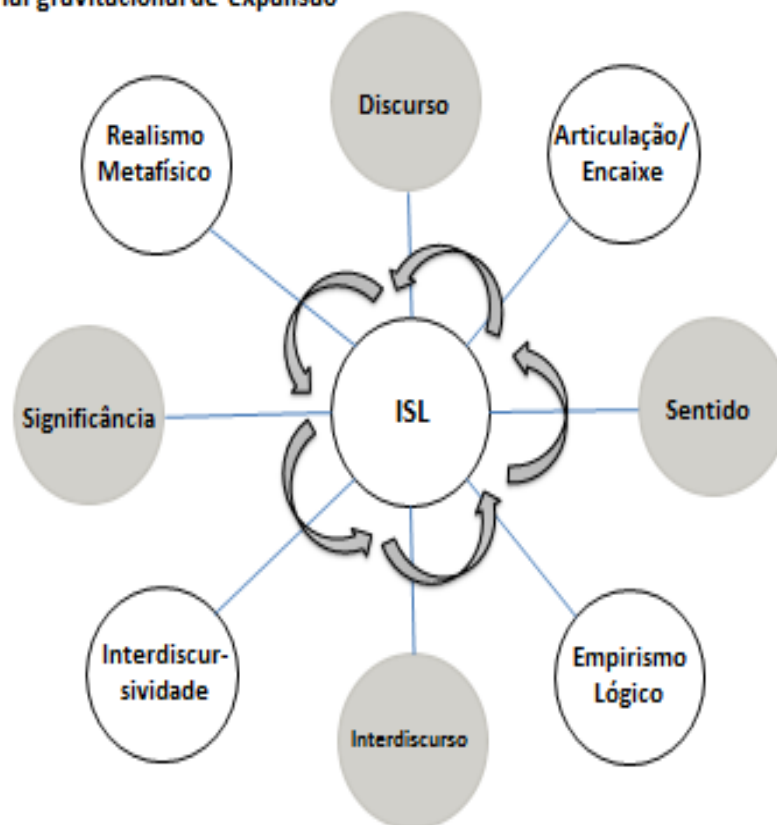


Figura 1: Força vetorial gravitacional de expansão<sup>122</sup>.

No segundo vetor, evidenciou-se o funcionamento da força vetorial de atração, tendo como ponto de centralidade as REIS engendradas pela ISA. Esse vetor seria responsável pela representação do apagamento ideológico veiculado por essa discursividade, posto que, é por meio do desconhecimento ideológico da ISL, que a ISA simula verdades supostamente legitimadas pela ciência. Entretanto, esses postulados veiculados na literatura de autoajuda não se sustentam, já que são na realidade simulações construídas a partir de um olhar exotópico da ISA sobre o real físico da ISL. Desta feita, quando Cury constitui-se em Instância Enunciativa, veicula representações imaginárias que tem como enfoque fazer com que a ISL vislumbre um paradigma de sujeito uno em que é possível ser o centro de seus dizeres, controlar os efeitos de sentido subjacentes as enunciações, delinear o futuro dos discentes e ser feliz, independente das condições de produção, da memória discursiva, da formação social e ideológica em que a ISL se insere. E referimo-nos a ser feliz, tal qual nos

<sup>122</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).



elucida a ISA ao longo de toda obra, no sentido de controlar o processo de ensino-aprendizagem. Assim, podemos observar:

#### Força vetorial gravitacional de atração

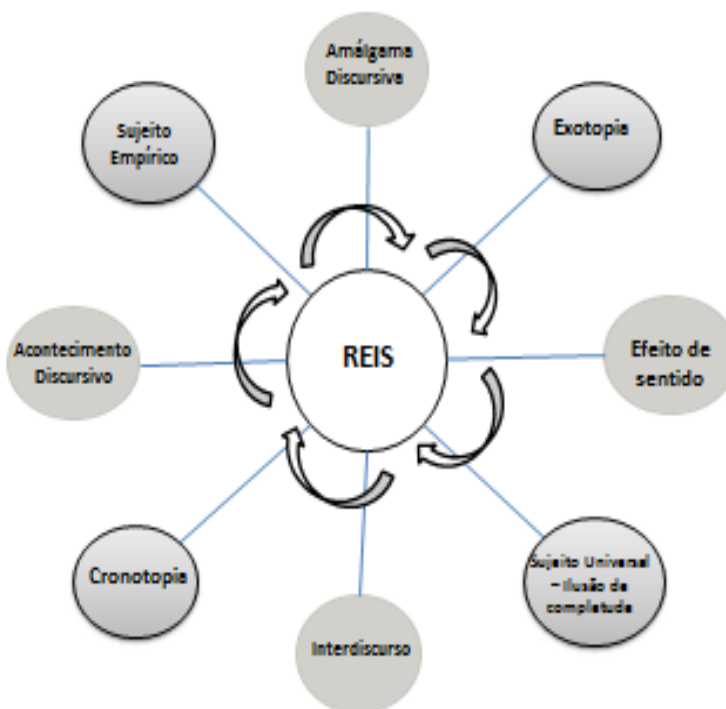
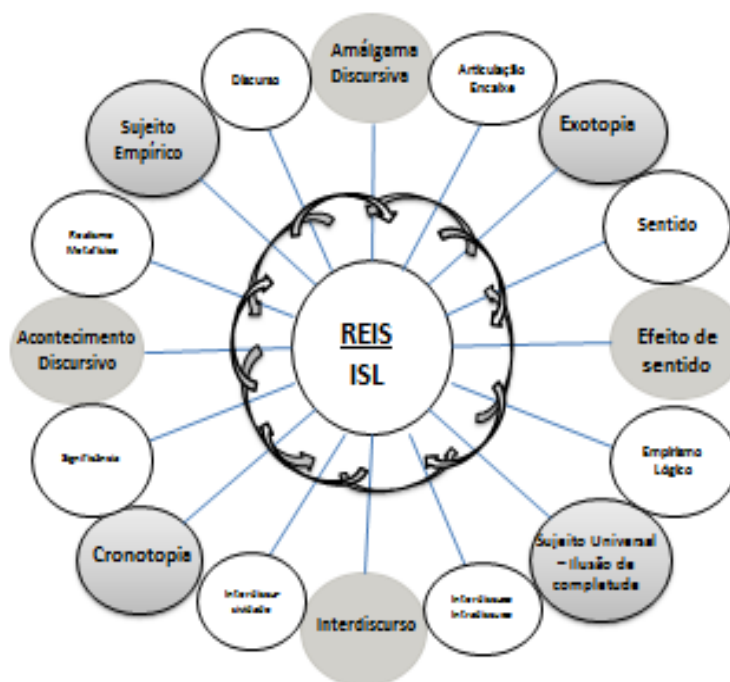


Figura 2: Força gravitacional vetorial de atração<sup>123</sup>.

Foi por meio por meio do funcionamento dinâmico dos vetores que construímos um gesto de leitura. Um *olhar-leitor* em que percebemos que as Representações Enunciativas Imaginárias Sujeitacionais (REIS) exercem um efeito de atração sobre a Instância Sujeito Leitor (ISL) e a ISL por sua vez realizaria, por meio da expansão sujeitacional, uma tomada de posição procedendo ao deslocamento nas construções identitárias. Desta feita, colocando os vetores em movimentação e em sobreposição chegamos a seguinte ilustração.

<sup>123</sup> Figura construída a partir do Dispositivo de Análise N-essência percorrido por Santos (2007).

### Força vetorial gravitacional de atração e expansão



Vetores em funcionamento: processo intermitente de reentrância.

Assim, as relações que construímos tendo por base a obra *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* (2003) de Jorge Augusto Cury, apresentam que a ISL, ao se inscrever no real da literatura, inscrevem-se também em um tempo e em um espaço idealizados, posto que tem-se a ilusão de completude entretanto a ISL torna-se presa a essa difusividade, pois permanece em um constante processo de busca tentando se enquadrar e vivenciar aquilo que é mediado pela autoajuda. Aquilo que se configura enquanto um discurso perverso, ganha contornos de salvação, de solução para os problemas educacionais. Dessa forma, é por meio da relação da ISL com a discursividade mediada pela ISA inserida no imaginário ISL em sua relação com a linguagem, que se é possível observar a relação língua/ideologia produzindo sentido. Nesse sentido, desconsiderar-se-ia o olhar objetivo sobre as representações da realidade, priorizando as representações imaginárias.

Destarte, o excedente de visão constitutivo do lugar discursivo ocupado pela ISA em relação a ISL, representa um todo situado diante e fora da ISL, mesmo que suas vivências não

sejam compatíveis, já que a ISA coloca-se em uma posição exotópica em relação a ISL, que por meio do engendramento, visa persuadir o leitor que somente, ISA é capaz de ver e saber o todo que o constitui.

Desta feita, a prática discursiva da autoajuda curyana foi construída para reforçar o mercado capitalista – por meio do consumo desacerbado desse tipo de literatura e por meio da mais-valia. Nesse sentido, a criação e a mediação dessas representações imaginárias, contribui para que se fabrique e se comercialize ilusões, por meio da subjetividade construída pela ISA.

Ao longo da pesquisa pudemos verificar que essa discursividade funciona a partir do desejo, da crença, o que nos permitiu compreender esse discurso enquanto didatizante, visto que visa orientar, homogeneizar, delinear condutas. Prescrever o que deve ser e o fazer do sujeito discursivo professor.

Compreendemos que a ISA parte do mundo exterior da ISL, das suas CPs e se volta para o mundo interior da ISL no intuito de criar um jogo de imagens que prioriza um cronotopo que não provoca conflitos, estimulando o imaginário da ISL, frente seu desejo de completude e controle sobre o processo de ensino-aprendizagem.

A não ponderação da incompletude, da heterogeneidade e das movências constitutivas do sujeito (ISL), contribuem para o apagamento do sujeito coletivo e consequentemente da ideologia, posto que, é por meio do desconhecimento ideológico da ISL, que ocorre o processo de identificação.

É por meio da ilusão de autonomia da ISL, de poder sobre si mesmo e sobre o outro, que a discursividade da literatura de autoajuda propõe uma higienização do pensamento, entre elas, o conhecimento apreendido nas Universidades, já que estas, segundo a ISA produzem somente “pilhas de pedras”, teorias que são inúteis na prática.

Ao se assimilar aquilo que é objetivo (no real da ISL) e transformar em representações imaginárias essencialmente subjetivas (por meio do real da literatura), a ISA visa disciplinar os sujeitos, corrigindo e apontando caminhos para se obtenha um comportamento homogêneo. Destarte, a ISA prioriza a construção de um sujeito lógico-positivista.

Reforçamos com isso, a importância dos postulados pecheutianos abordados neste trabalho, posto que foi recortando, extraindo, deslocando, aproximando os vestígios de sentidos que foi possível rastrear a construção e a constituição das REIS, as quais priorizam a construção de um paradigma de sujeito uno em detrimento de uma visão capitalista, didatizante e corpodocilizadora. E cremos ser estas as contribuições do nosso trabalho para os estudos da autoajuda.

Esta é apenas a construção de uma das inúmeras leituras possíveis a partir da constituição do que poderia vir a ser um *olhar-leitor* sobre a discursividade da literatura de autoajuda. Não temos a pretensão de estabelecer uma visão unilateral, por meio da imposição de uma verdade. Buscamos apenas compreender, hipotetizar e problematizar sobre a construção e a instauração dessa discursividade, que tem estado cada vez mais presente em nossas escolas brasileiras, enquanto um recurso pedagógico, falsamente capaz de sanar os problemas educacionais e de conduzir a ISL a um lugar utópico de detentor, sujeito que é capaz de controlar o processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira; revisão de trad. Marina Appenzeller. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979/1997.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance**. São Paulo: Editora Unesp Hucitec, 1998/1993.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. direta do Russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

BAKHTIN, M / VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1929/1988/1999.

\_\_\_\_\_. **La construcción de la enunciación**. Barcelona: Anthropos, 1993.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BHABHA, H. K. **The Location of Culture**. Londres: Routledge, 1994.

BIRMAN, D. **Escrita e simulacro: sobre a literatura em Foucault**. Rio de Janeiro, 1999 (dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999, 131 p).

BORZILLO, G. C. **O estudo da motivação de auto-ajuda no mundo do trabalho. Estudo de caso: o discurso motivador de Roberto Shinyashiki**. Araraquara, 2001. (dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2001, 110p.).

BRUNELLI, A. F. **Auto-Ajuda**. In: Revista Alfa 47(2). São Paulo, p. 117-137, 2003.

CAPRA, F. **O Tão da Física**. Tradução de: Maria José Quelhas Dias e José Carlos Almeida. Imprensa Portuguesa-Porto 1. edição, Lisboa, 1989.

CARVALHO, F. Z. **O sujeito no discurso: Pêcheux e Lacan.** Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

CHAGAS, A. T. S. **A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.

\_\_\_\_\_. **O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

CORTINA, A. **Leitor contemporâneo: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004.** Araraquara, 2006 (tese de livre docência, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2006, 252p.).

COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis. *In*: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L (orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999, p. 15-22.

CURY, J. A. **Pais brilhantes, Professores Fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

\_\_\_\_\_. **Revolucione Sua Qualidade de Vida.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter no Mundo Real.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002

\_\_\_\_\_. **Você é Insostituível.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dez Leis Para Ser Feliz.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

\_\_\_\_\_. **Seja Líder de Si Mesmo.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nunca Desista de Seus Sonhos.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004

\_\_\_\_\_. **A Ditadura da Beleza e a Revolução das Mulheres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Futuro da Humanidade.** Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

\_\_\_\_\_. **Coleção Análise da Inteligência de Cristo.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

- \_\_\_\_\_. **O Mestre Inesquecível.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O Mestre do Amor.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O Mestre da Vida.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O Mestre da Sensibilidade.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O Mestre dos Mestres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Superando o Cárcere da Emoção.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Doze Semanas para Mudar uma Vida.** Rio de Janeiro: Sextante, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Os Segredos do Pai-Nosso.** Rio de Janeiro: Sextante, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Maria, a maior educadora da História.** Rio de Janeiro: Sextante, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Sabedoria Nossa de Cada Dia: Os Segredos do Pai-Nosso 2.** Rio de Janeiro: Sextante, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Filhos Brilhantes, Alunos Fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Treinando a Emoção para Ser Feliz.** Rio de Janeiro: Sextante, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O Código da Inteligência.** Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O Vendedor de Sonhos: O Chamado.** Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Vendedor de Sonhos.** Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O Vendedor de Sonhos e a Revolução dos Anônimos.** Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

\_\_\_\_\_. **De Gênio e Louco Todo Mundo Tem um Pouco**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

\_\_\_\_\_. **Mentes Brilhantes, Mentes Treinadas**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Semeador de Ideias**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Fascinante Construção do Eu**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mulheres Inteligentes, Relações Saudáveis**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Colecionador de Lágrimas - Holocausto Nunca Mais**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012..

DELEUZE, G. Mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pal Pélbart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 114-121.

DUARTE, S. **Práticas de Subjetivação e Construção Identitária: o sujeito no entremeio da auto-ajuda e da ciência**. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara (SP), 2008.

ENRIQUEZ, E. **Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA-ROSA, I. **Inscrições Discursivas na Narrativa de As horas nuas de Lygia Fagundes Telles**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

FIORIN, J. L. **O regime de 1964: discurso e ideologia**. São Paulo: Atual, 1988.

GADET, Françoise. e PÊCHEUX, Michel (1981). **A Língua inatingível**. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 1997a, 2010b. 223 p.

GILBERT, E. Comer, Rezar, Amar. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro, 2008.



GREGOLIN, M. R. V. **O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo.** In: GREGOLIN, M. R. V (Org). São Carlos: Claraluz, 2003.

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem.** Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix e Edusp, 1978/2009.

HALL, S. **A Questão da Identidade Cultural.** In: Hall, David Held, Anthony McGrew, eds Modernidade e os seus futuros. Cambridge: Polity Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HAROCHE, C; PÊCHEUX, M; HENRY, H. **La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discourse** (1971). In: KRISTEVA, J. (compiladora). *Langages*, Paris, n. 24, 1971, p. 93-106.

JOHNSON, J. M. D. **Quem Mexeu no Meu Queijo? Como lidar com a mudança no seu trabalho e na sua vida.** Cascais: Ed. Pergaminho, 2001.

LACAN, J. **O Seminário: livro. 14 – a lógica da fantasia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1997.

LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

LYPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso – (Re)Ler Michel Pêcheux hoje.** Trad.: Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003. 110 p.

MARTELLI, Carla Giani. **Auto-ajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso.** Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2006.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do discurso. História e práticas.** Trad. Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 132 p.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe.** (1957). Ed. Ediouro: Rio de Janeiro, 2000.

MERENCIANO, L. H. **As narrativas exotéricas enquanto textos de auto-ajuda: uma abordagem semiótica.** Cadernos de Semiótica Aplicada. V. 5, nº 1, agosto 2007/2009.

MENEZES, J. A. **Literatura de auto-ajuda: uma perspectiva de produção da subjetividade na contemporaneidade.** Rio de Janeiro, 1999 (dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999, 134 p).

OLIVEIRA, S. F. P. **Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki.** Araraquara, 2006 (tese de doutoramento, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2006, 196p).

ORLANDI, E. **Discurso e Leitura.** 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio (1975).** Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. 317 p. Edição original francesa: **Les Vérités de la Palice: linguistique, sémantique, philosophie.** Paris: François Maspero, 1975. 278 p.(Théorie).

\_\_\_\_\_. Remontémons de Foucault a Spinoza (1977). In: TOLEDO, M. M. (Org) **El Discurso Político.** México: Nueva Imagem, 1980.

\_\_\_\_\_. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação (1978). In: **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Anexo III. Trad.: Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1988, p. 293 – 307.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Anexo III. Trad.: Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (1969). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61 – 162.

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso: três épocas (1983) In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 311 – 319.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org). **Gestos de leitura: da história no discurso.** Campinas: Pontes, 1997. p. 55-66.

\_\_\_\_\_. Sobre a (des)construção das teorias lingüísticas (1983). In: **Cadernos de Tradução do Instituto de Letras,** Porto Alegre, n. 4, out. 1998. p. 35 – 55.

\_\_\_\_\_. **O Discurso: estrutura ou acontecimento (1983)**. Trad.: Eni Orlandi. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2006. 68 p.

PÊCHEUX, M. *et al.* (org). **Matérialités discursives**. Colloque des 24, 25, 26 avril 1980 à Nanterre. Lille: Press universitaires de Lille, 1981. 205 p.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine (1975). Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. In: **Langages**, Paris, n. 37, mars 1975. p. 7 – 80. Trad. Bras. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163 – 252.

PÊCHEUX, Michel e GADET, Françoise (1981). **A Língua inatingível**. Trad. bras.: Mariani, B. e Mello, M. Elizabeth. Campinas: Pontes, 2004. 224 p.

PLON, Michel. Análise do discurso (de Michel Pêcheux) vs análise do inconsciente. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 33-50. PÊCHEUX, M. **Ouverture du colloque**. In: CONEIN, B. et.al. (Org.) **Materialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

PRABHU, N. S. **Ideação e ideologia na pedagogia das línguas**. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 38, p. 59-67, 2001.

PONZIO, A. **Para uma filosofia do ato responsável**. [tradução aos cuidados de Valdemir Miotelo e Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

RÜDIGER, F. **Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade do Rio Grande do Sul, 1996.

SANTOS, E. J. dos. **O discurso do capitalista e a questão do sujeito no laço social**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

\_\_\_\_\_. A instância enunciativa sujeitudinal. In: **Sujeito e Subjetividade**. Discursividades Contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 79-96.

\_\_\_\_\_. **Entremeios da Análise do Discurso com a Linguística Aplicada**. In: Cleudemar Alves Fernandes; João Bôsko Cabral dos Santos. (Org.). **Percursos Da Análise do Discurso no Brasil**. 1 ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

\_\_\_\_\_. **Por uma teoria do discurso universitário institucional**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000.

SANTOS, J. B. C.; FERNANDES, C. A. "Análise do Discurso: Unidade e Dispersão". In: João Bôsko Cabral dos Santos. (Org.). *Análise do Discurso: Unidade e Dispersão*. 1 ed. Uberlândia: Entremeios, 2004.

SILVA, Á. L. O. **A interação escrito-leitor através de escolhas lingüísticas**: um estudo em textos de espiritualidade, auto-ajuda e de Chiara Lubich. São Paulo, 2000 (dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000, 202p).

SOBRAL, A. U. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda**. São Paulo, 2006 (tese de doutoramento, Pontifícia Universidade Católica de Paulo, 2006, 280p).

#### SITES VISITADOS:

<http://www.mundodastribos.com/submarino-livros-mais-vendidos.html>, acessado em 07/07/2012, às 9h30m.

[http://www.escolainteligencia.com.br/escolas\\_participantes.php](http://www.escolainteligencia.com.br/escolas_participantes.php), acessado em 07/07/2012 às 2h30m.

<http://veja.abril.com.br/021209/nas-asas-autoajuda-p-140.shtml>, acessado em 04/04/2011 às 5h40m.